

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DE HOMENS E GALOS:  
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE “UM  
JOGO ABSORVENTE” NA REGIÃO CENTRAL DO  
RIO GRANDE DO SUL**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Renato de Carvalho Santos Silva**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2011**



**DE HOMENS E GALOS:  
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE “UM JOGO  
ABSORVENTE” NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**Renato de Carvalho Santos Silva**

**Texto de dissertação apresentada ao curso de mestrado do programa de Pós graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Antropologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), Como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ceres Karan Brum**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2011**



**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Curso de Pós Graduação em Ciências Sociais**

A Comissão Examinadora, Abaixo Assinada,  
Aprova a Dissertação de Mestrado

**DE HOMENS E GALOS:  
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE “UM JOGO  
ABSORVENTE” NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Elaborado por:  
**Renato de Carvalho Santos Silva**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências Sociais

Comissão Examinadora

**Ceres Karan Brum, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)  
(Presidente/Orientador)**

**Arlei Sander Damo, Dr. (UFRGS)**

**Débora Krischke Leitão, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**

**Maria Catarina Zanini, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)  
(Suplente)**

Santa Maria, 24 de Novembro de 2011



## **RESUMO**

Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Universidade Federal de Santa Maria

### **DE HOMENS E GALOS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE “UM JOGO ABSORVENTE” NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Autor: Renato de Carvalho Santos Silva  
Orientadora: Ceres Karan Brum  
Santa Maria, 24 de Novembro de 2011

Este trabalho tem como objetivo a análise, a interpretação e a compreensão dos elementos cognitivos, sociais e culturais que constituem a identidade do grupo de galistas da região central do Rio Grande do Sul. Ao longo deste texto, procuro explicar as manifestações culturais significativas do presente, associando-as aos seus contextos sócio-históricos, analisando a produção das múltiplas formas de memória social e suas inter-relações com o tempo social, os perfis, as relações dos integrantes desse grupo e, entre esses, outras pessoas de sua rede de relações. A pesquisa deseja dialogar com campo da “antropologia das emoções”, com o objetivo de observar o movimento da expressão dos sentimentos através de símbolos, sinais comuns ou linguagem própria do grupo, de como se dá o aprendizado de trabalhar com sentimentos tais como: a perda, a angústia e a tristeza em torno de um jogo envolvente que desencadeia uma avalanche de emoções tanto positivas como negativas. A metodologia utilizada foi a pesquisa etnográfica, com entrevistas abertas e observação participante. Através da pesquisa, foram tratadas as questões que envolvem esse grupo, que se reúne na clandestinidade por ser proibido pela lei, por dois motivos: por pressupor-se maus tratos aos animais e por ser considerado um jogo de azar.

**Palavras chaves:** (1) Brigas de Galos. (2) Masculinidade. (3) Violência





## **ABSTRACT**

Master's Degree  
Post graduation program in social sciences  
Federal University of Santa Maria

### **FROM MAN ROOSTER: AN ANTHROPOLOGIC STUDY ABOUT "A RETAINING GAME" IN THE CENTRAL REGION OF RIO GRANDE DO SUL**

Author: Renato de Carvalho Santos Silva  
Advisor: Ceres Karan Brum  
Santa Maria, November the 24th 2011

This paper aims the analysis, interpretation and comprehension of the cognitive, social and cultural elements that consist the identity of cockfighters from the central region of Rio Grande do Sul. Throughout the work, I try to explain the significant cultural manifestations of cockfighting, associating their socio-historical contexts, analyzing the production of multiple forms of social memory and their interrelationships with the social time, the profiles, the relation between the group's members and among them, others from their relationship network. The research attempts to dialogue with the field of "anthropology of emotions", seeking to observe the feelings movement expression through symbols, common signs or their own language, how learning takes place on working with feelings such as: loss, grief and sadness around and engrossing game that unleashes a flood of emotions both positive and negative. The methodology utilized was an ethnographic research with open interviews and participant observation. Through the research were addressed issues surrounding this group, whose gatherings are secret, for cockfighting is forbidden by law, for two reasons: assumed animal maltreatment and for being considered gambling.

**KEYWORDS:** (1) Cockfighting; (2) manliness; (3) violence



## SUMÁRIO

<b>AS RINHAS DE GALOS: COMPLEXIDADES E CONTRADIÇÕES .....</b>	<b>13</b>
1.1. Os objetivos e métodos desse trabalho: .....	13
1.2-O trabalho de campo .....	16
1.3 Ética na pesquisa, pesquisando o ilegal .....	24
1.4 A Desconstrução .....	28
1.5 O evento transformador, a operação rudis .....	33
<b>O GALO NA REGIÃO CENTRAL DO ESTADO.....</b>	<b>47</b>
2.1 Os rinhadeiros no Brasil .....	47
2.2 O TREINAMENTO DOS GALOS .....	51
2.3 Violência e a ordem nos rinhadeiros .....	56
2.4 A QUESTÃO DA LEGALIDADE .....	61
2.5 Galo: produto cultural .....	64
2.6 A relação dono e o galo .....	70
2.7 A morte .....	77
<b>O GALO: UM SÍMBOLO POLISSÊMICO.....</b>	<b>83</b>
3.1. O Galo na Cultura Popular .....	83
3.2 Um Jogo Absorvente.....	92
3.3 Uma Identidade Masculina.....	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>133</b>



## INTRODUÇÃO

- E aí, Duda, tudo bem? Como vão as coisas? E os galos, como vão os galos?

- bem, presidente, bem – respondi meio encabulado.

Maluf não entendeu nada. Galos – que galos? Tudo correu bem. Gravamos o que queríamos, agradecemos ao presidente e fomos embora. Logo ao sair do Palácio, Maluf não agüentou mais de tanta curiosidade, e me perguntou:

- Que história é essa de galos, Duda?

- Meus galos de briga, Dr. Paulo, mas deixa isso pra lá.

(MENDONÇA, Duda. Casos e coisas, cap.XV)

Quando um amigo me disse que iria criar galos de rinha<sup>1</sup>, achei estranho, pois era uma situação nova e um tanto inusitada, visto que, até então, só tinha ouvido falar do assunto, e os galos, eu somente havia visto na minha infância em Santo Ângelo, cidade do interior do Rio grande do sul, pois um amigo de meu pai que era militar do Exército Brasileiro criava galos de rinha, mas eu não frequentava muito a sua casa, indo lá eventualmente, ou seja, nunca havia participado de nenhuma rinha. Minha experiência com galos de rinha se restringia a tê-los visto num passeador<sup>2</sup>. Algo dentro de mim despertou a curiosidade de tentar compreender como se organizavam as categorias de pensamento e o modo de vida das pessoas que criam galos de briga.

Com a prisão do publicitário Duda Mendonça<sup>3</sup>, numa rinha de galo no início de 2004, trazendo inúmeras discussões na mídia (rádios, jornais e televisão), vislumbrei a possibilidade de trabalhar cientificamente com o tema para o trabalho de conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais. Consegui acesso através desse amigo, porque, sendo ilegais, todos os movimentos desses jogos foram feitos às escondidas, evitando assim a exposição de seus membros.

A grande característica deste grupo, que o fazia distinto, era o fato de ele ser frequentado somente por homens. Fato esse que me remetia a pensar o porquê de homens participarem deste legítimo “clube do bolinha” e quais as batalhas que os

---

<sup>1</sup> **Rinha** palavra do espanhol falado "*riña*", é o termo que designa, no Brasil, a luta de galos, atividade ilícita que envolve apostas.

<sup>2</sup> **Passeador** é uma gaiola geralmente de ferro de construção e tela e é utilizada pelos criadores de galos de rinha para que os galos possam ser soltos no pátio vários de uma só vez sem terem contato uns com os outros para ciscarem no gramado, tomarem sol e se exercitarem.

<sup>3</sup> Publicitário **Duda Mendonça** conhecido notoriamente responsável pelas campanhas eleitorais do Partido dos Trabalhadores.

levavam a tornar esse ambiente “próprio” para o sexo masculino. Em vários momentos, inclusive no ambiente familiar, percebi a divisão e a hierarquização das relações de gênero. O que levava os homens a se reunirem neste ambiente? Outro fator importante era que esses ambientes, ao contrário do que eu imaginava, eram compostos por pessoas de todas as classes sociais, que costumavam ali ingerir bebida alcoólica e fazer apostas, independentemente do nível sócio-cultural. Conviviam nesse ambiente, como demonstrarei, desde pessoas de baixa escolaridade até pessoas com nível superior, ricos e pobres. Procurei mostrar os indivíduos em questão no modo como percebem seus animais como algo além de simples seres que compartilham de seu cotidiano, tentando mostrar os galos em sua dimensão simbólica de identificação e de distinção social.

Percebeu-se também, no grupo, uma masculinidade muito bem marcada e caracterizada (no caso, a dominante – heterossexual, ativa) pela maneira como se portavam e se relacionavam com os outros. Assim, decidi, após leituras e conversas com outras pessoas, trabalhar com a construção da identidade nesse grupo de criadores de galos de rinhas da região central do Rio Grande do Sul.

A partir de todos os elementos que envolveram essa pesquisa, iniciada em 2004, e com a possibilidade de retomar o trabalho, pretendi elaborar uma etnografia com mais tempo de observação desse grupo, podendo fazer um aprofundamento, entre a primeira pesquisa e a atual, possibilitando um melhor entendimento sobre interpretação e compreensão dos elementos cognitivos, sociais e culturais que constituem a identidade desse grupo de galistas.

A escolha do título foi feita em alusão ao antropólogo Clifford Geertz, em sua obra “A interpretação das culturas”, que intitulou seu capítulo nove como: “Um Jogo Absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”. Esse livro foi de importância fundamental para a escolha desse objeto de pesquisa, apesar de conhecer as diversas críticas referidas ao autor. Tendo acompanhado de perto esse grupo, não tive dúvidas de que é realmente um jogo absorvente, em que os participantes daqui, assim como os de Bali “apenas na aparência que os galos brigam ali – na verdade, são os homens que se defrontam” (Geertz, 1978, p.188).

Tive por objetivo a análise de um grupo que é mantido na clandestinidade, proibido por lei, por dois motivos: por atribuir a eles maus tratos aos animais e por ser considerado um jogo de azar. Estou falando dos criadores de galos de rinhas. No entanto, não há nenhuma proibição específica atualmente (são inseridos

geralmente na lei de maus tratos), porque a única existente se deu pelo Decreto 50.620, de 18/05/1961, do então Presidente da República Jânio Quadros, que proibia as brigas de galos em todo o país. Proibição acontecida supostamente por causa de desafeto com um jornalista, que era notoriamente conhecido por participar de rinhas. Este decreto teve uma curta vigência, revogado logo em seguida pelo Decreto 1233, de 22/06/1962, pelo então Primeiro Ministro Tancredo Neves, que chegou a ganhar dos galistas<sup>4</sup> (aficionados por rinhas de galos) um galão de ouro em reconhecimento ao decreto.

As rinhas de galos, devido a sua clandestinidade, são pouco conhecidas do público em geral. Esse trabalho tentou, portanto, esclarecer uma série de questões que envolvem este universo tão controverso e complexo. O assunto envolve muita polêmica, principalmente no que diz respeito à legitimidade das rinhas, que são taxadas como cruéis. Opiniões em contrário defendem a rinha como sendo uma atividade desportiva e natural (naturalidade esta entendida pela pré-disposição instintiva demonstrada pelas aves no momento do combate).

Também há o olhar sob a identidade desses homens que se reúnem em torno de um jogo carregado de simbolismos, em que torcem, vibram, apostam, aplaudem e se emocionam quando os galos apresentam valores considerados próprios da masculinidade, dentro das arenas.

Foi com essa visão que me propus a trabalhar, mas como uma construção e reconstrução permanente do social sob o indivíduo e do indivíduo sob o social, em relações simultâneas e valorativas, em que um padrão sobressai ao outro e onde os modelos culturais, com a sua variedade, ditam regras e “caminhos a seguir” pelos indivíduos que compõem aquele grupo cultural.

A opção por esse tema surgiu depois da leitura de alguns textos sobre rinhas de galos (A Interpretação das Culturas, Geertz, 1978), identidade (A noção de Cultura nas Ciências Sociais, Cuche, 1999) e gênero (A Dominação Masculina, Bordieu, 2002).

A partir desta perspectiva, escolhi trabalhar antropologicamente (simbolismo, identidade e gênero) dentro do ambiente deste grupo específico, que são as rinhas de galos. O grupo foi escolhido por ser composto basicamente por homens que se reúnem para apreciar as rinhas. Assim, as interações entre eles e os significados

---

<sup>4</sup> **Galista** - termo que designa o criador e preparador de galos de briga; também define a pessoa que, durante as rinhas, fica a guiar um dos animais.

atribuídos a questões cotidianas se tornam de grande valia para o conhecimento científico.

Percebi, também, a necessidade de estudar a dominação masculina como forma de compreender melhor a realidade social, já que se constatou a divisão e a hierarquização social de gênero, atribuindo ao masculino valores socialmente considerados superiores e, ao feminino, inferiores, sendo demonstrado claramente pelas regras das lutas entre os galos, em que, o galo que não for corajoso, ou melhor, que não demonstrar os atributos da masculinidade, perde a luta. Assim, entendendo como os integrantes do grupo percebem e vivem com essas categorias, buscou-se relativizar conceitos e compreender melhor a pluralidade humana. Alguns galistas possuem cocheiras<sup>5</sup> profissionalmente, ou seja, os galos fazem parte da sua renda doméstica, mas muito além de uma utilidade material econômica que esses animais possam exercer nesse ambiente. Enfatizei que o interesse maior dessa pesquisa é tentar compreender como esses indivíduos se utilizam dos galos e não de qualquer outro objeto para se representar.

O primeiro capítulo da dissertação tentou expor as rinhas como um assunto polêmico, tentando já, desde o começo, mostrar os anseios como pesquisador no desenvolver do trabalho, o quanto foi difícil pesquisar nos locais em que acontecem as rinhas de galos.

Preocupação em conhecer os métodos me utilizando apenas de recursos que não coloquem os pesquisados em situação de risco, pois são grupos que prezam pelo anonimato devido a sua condição ilegal.

O trabalho de campo também foi abordado nesse primeiro capítulo, buscando com isso mostrar as dificuldades e os dilemas encontrados durante a pesquisa, os informantes e a situação das cocheiras que, devido à fiscalização, estão diminuindo drasticamente.

As questões éticas que transitaram nesse trabalho foram baseadas no código de ética do antropólogo, e procurei, ao longo dessa pesquisa, refletir as diversas maneiras de pensar essas questões, através de conversas com os colegas, leituras e, principalmente, pela confiança de alguns informantes, que se sujeitaram a uma possível exposição de sua condição de galistas. Mas como dar um retorno dessa pesquisa para o grupo estudado? Pensando principalmente que, nesta dissertação,

---

<sup>5</sup> Cocheira é o local onde são criados e treinados os galos, geralmente ligados ao nome de um grande criador levando também o nome de representação de determinada seleção genética.



se alcançasse a sociedade de forma benéfica, saindo para uma discussão que não contemplasse somente os bancos acadêmicos, mas que fosse uma ponte entre a academia e essa comunidade, pretendo disponibilizar o trabalho para o grupo pesquisado.

Procurei também mostrar que houve uma quebra na estrutura desse grupo, não só, mas principalmente através de um evento (prisão do marqueteiro Duda Mendonça), que trouxe muita discussão na mídia, ocasionando uma transformação muito rápida no grupo estudado.

O segundo capítulo abordou as questões referentes ao contexto em que as rinhas de galos se inserem na nossa sociedade. Primeiramente tratou de situar historicamente as rinhas, mostrando que elas são um fenômeno cultural presente em todos os continentes e não um fato típico de uma cultura isolada.

Também abordou a importância dos treinamentos em que os galistas se organizam, muitas vezes formando grupos que interagem de forma organizada. Os treinamentos foram um aprendizado fantástico para mim, já que durante os quais foram contadas histórias, em que é explicado todo o trabalho com os galos, seus exercícios, sua alimentação, seus cuidados com higiene entre outros e a importância que é dada em relação a utilizar somente galos que estejam em boas condições nas lutas, mostrando dessa forma respeito para com seus heróis.

A abordagem legal ou, em outras palavras, as leis que incidem sobre o grupo foram abordadas, assim como alguns relatos do andamento sobre a legalização em diversas partes do Brasil. Analisei o galo<sup>6</sup> como item de consumo, o seu valor dentro do grupo com um bem material, as cocheiras e o discurso econômico em torno da liberação das rinhas.

A relação dono com seus galos foi relatada com o objetivo de mostrar como se dá essa interação entre o homem e o seu animal, os cuidados no manejo e a importância da organização em grupos. Finalizando esse capítulo, foi abordada a forma com que os galistas encaram a morte de seus animais, bem como as discussões do grupo em torno desse tema.

O terceiro capítulo trouxe como seu conteúdo a leitura simbólica dos signos dentro desse grupo. Primeiramente abordei elementos da cultura popular para interpretar as visões do galo dentro da sociedade brasileira, através do jogo do bicho

---

<sup>6</sup> Cito o Galo no singular pois estou considerando o galo como um sistema totêmico ou em outras palavras uma entidade com diversos significados valorativos que serão trabalhados ao longo do texto.

(conforme Damatta e Soárez, 1999), e da análise de outras manifestações culturais tais como: música, poesia, literatura de cordel e futebol e o galo como um emblema ou em outras palavras um totem.

Dialoguei com o campo das emoções, tendo por finalidade fazer uma interlocução entre esse “jogo absorvente” e a literatura do referido campo. Para finalizar retomei diversos temas tratados durante o texto, relacionando-os às discussões sobre identidade, pois considero fundamental para caracterizar e interpretar o grupo estudado através do seu universo simbólico.

# CAPÍTULO 1

## AS RINHAS DE GALOS: COMPLEXIDADES E CONTRADIÇÕES

### 1.1. Os objetivos e métodos desse trabalho:

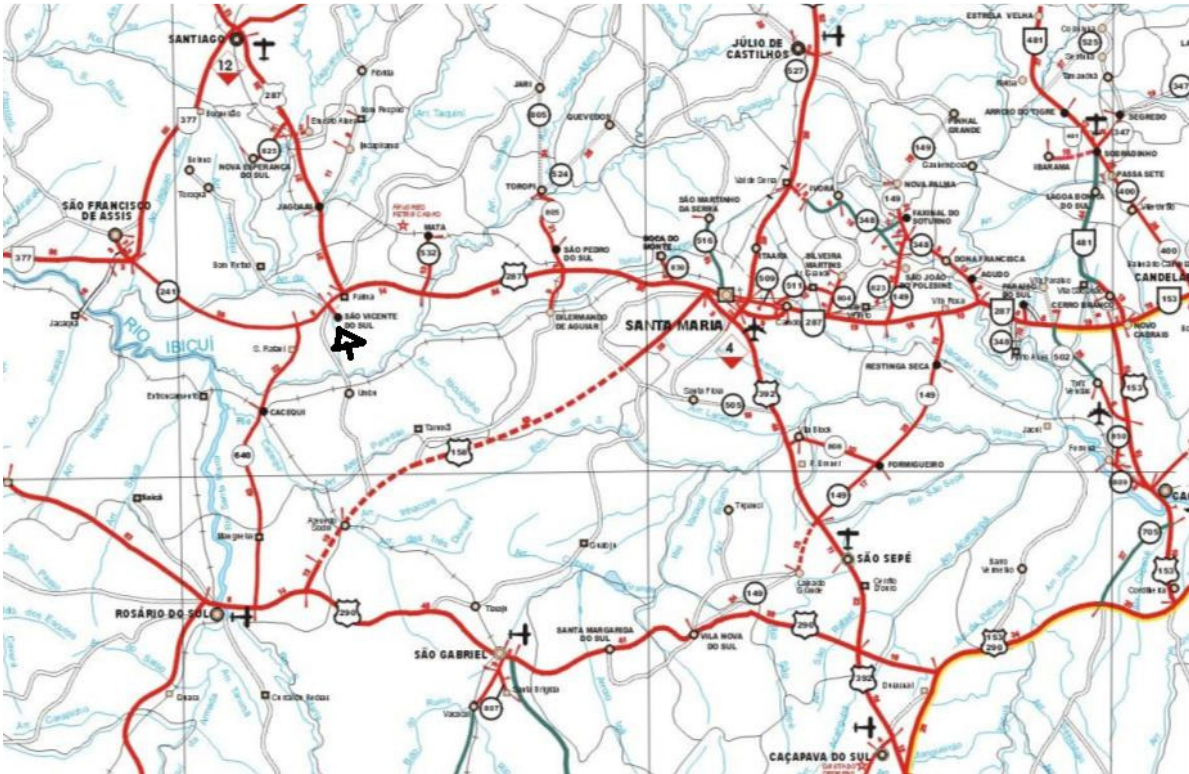
Este trabalho teve como seu objetivo, a análise, a interpretação e a compreensão dos elementos cognitivos, sociais e culturais que constituem a identidade do grupo de galistas da região central do Rio Grande do Sul. Assim, tentei, ao longo desta dissertação, analisar as manifestações culturais significativas do presente -associando-as aos seus contextos sócio-históricos- e interpretar a produção das múltiplas formas de memória social e suas inter-relações com o tempo social, os perfis, as relações dos integrantes desse grupo e entre esses e outras pessoas de sua rede de relações.

Procurei, nesse momento, fazer uma discussão acerca de condutas metodológicas que transpareceram por ocasião do trabalho de campo. O contato com os galistas fizeram surgir os limites, as dificuldades e os dilemas epistemológicos dessa pesquisa. Os diários de campo e entrevistas foram ferramentas para tentar desvendar as engrenagens do sistema das rinhas de galos que, dia após dia de convívio com o grupo, mostrava o quão rico e complexo se mostrava esse tema.

A partir de então, tentei verificar suas relações coletivas (que expressam para os outros) e suas auto-representações (como eles se percebem frente aos opostos nas rinhas). Tentei ver se há um consenso dentro do grupo do que vem a ser o masculino e de que forma concebem o feminino, se é possível aceitar o feminino como galistas, aproximando assim do tema das questões de funções de gênero existentes no grupo.

A pesquisa foi desenvolvida na região central do Rio Grande do Sul, principalmente nas cidades de Itaara, Júlio de Castilhos e Santa Maria durante os

meses de Setembro de 2004 a Outubro de 2005 e de março de 2009 a de dezembro de 2010.



A metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa foi de cunho qualitativo, composta de observação participante e relatos por mim escritos em diários de campo e entrevistas. A utilização da observação participante justifica-se para que o pesquisador pudesse visualizar e presenciar as atitudes e representações dos integrantes do grupo. Outro ponto foi construir essa dissertação, através da abstração das relações sociais travadas no grupo. Foi também realizada entrevista aberta com essas pessoas, com o intuito de obter dados mais objetivos sobre o pensamento do grupo.

Optei por trabalhar com diversas fontes de pesquisa, inicialmente por um levantamento de notícias veiculadas nos jornais regionais e locais, aos quais tinha acesso (Zero Hora, Diário de Santa Maria e A Razão), como também as notícias veiculadas na Internet. A Internet também mostrou-se muito importante nessa pesquisa, pois ocorreram discussões em que galistas e ambientalistas debateram

sobre seus pontos de vistas, produzindo um material muito rico para análise através do endereço [www.ambientebrasil.com.br](http://www.ambientebrasil.com.br).

Assim gostaria de falar primeiramente sobre a etnografia, ou melhor, sobre o método etnográfico. Podemos dizer que a etnografia é uma interação entre o pesquisador e o objeto de estudo, e o conhecimento é construído a partir dos resultados dessa relação, que, no meu caso, é entre mim (pesquisador) e os galistas (objeto de estudo). E essa interação pode ser complicada porque muitas vezes pode implicar um diálogo entre dois mundos simbólicos diferentes (Eckert e Rocha 2009).

A utilização de imagens foi de grande valia para tentar compreender as relações do homem com o galo, dando a possibilidade de melhor refletir as diversas situações ocorridas no campo e fazer as análises posteriormente junto dos recursos bibliográficos, sendo possível visualizar as representações do cotidiano dos galistas, o que incluiu o treinamento, o preparo, e a alimentação das aves e a relação destas com os donos. Porém, para a preservação do grupo, não utilizei esse recurso na apresentação dessa dissertação, devido à preocupação de mantê-los no anonimato, preservando assim qualquer evidência que os possa prejudicar.

No decorrer deste trabalho, por meio da participação observante em relação ao envolvimento pessoal com o grupo estudado (Wacquant, 2002), e pela observação participante, explorei um espaço urbano (com origens no rural), no qual grupos fechados, por desenvolverem uma atividade ilícita, reúnem-se para fazerem muitas coisas com o pretexto de “brigar galos”. E, pelo olhar do pesquisador inserido em seus territórios, tentei expressar seus anseios.

Esse trabalho teve por meio o desenvolvimento da observação sistemática, tanto nas rinhas como nas cocheiras (criatórios de galos), consistindo na descrição etnográfica dos cenários, dos personagens (sem revelar identidades), suas rotinas, angústias, situações de constrangimento, de tensão e de conflito. Buscaram-se assim as significações sobre o viver em um ambiente dominado pela masculinidade e pelas incertezas que podem ser frutos de ganhar ou perder apostas, quanto ao fato de voltar ou não para suas casas sem serem presos.

Ao mesmo tempo, posso afirmar um misto de angústia e satisfação pelo tema escolhido. Angústia, pela dificuldade de inserção e possível rejeição para os primeiros contatos, e ainda de uma certa indiferença dos participantes para comigo. Os galistas, alias, têm um termo específico para os iniciantes no mundo das rinhas

que é mutuqueiro<sup>7</sup>. Satisfação, pela sensação de transpor barreiras, ir além, buscando escrever o mundo na instabilidade de seu movimento, descobrindo suas riquezas culturais através das interações sociais e ainda dentro de um espaço onde poucos se propuseram a estudar.

... é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (Geertz, 1978, pg.20).

Pelo método da etnografia descritiva, pude observar as rinhas como um objeto temporal, lugar de territórios mutantes, as quais não têm um calendário de atividades e muito menos a divulgação dos eventos, que é feita de boca a boca, evitando-se a divulgação para as pessoas de fora do grupo. Vizinhos e amigos poderiam ser possíveis delatores. Até mesmo como pesquisador sofri as consequências impostas pelo medo (como a proibição do uso de câmeras fotográficas) de uma possível exposição de seus membros, sendo possível esse recurso somente nas cocheiras. Porém fotos não foram utilizadas no trabalho com o intuito de preservar o grupo de possíveis exposições devido ao seu caráter ilícito.

## 1.2-O trabalho de campo

Para fazer esse trabalho de pesquisa de campo, houve diversas dificuldades e vários impasses. O principal deles foi o de como trabalhar com um objeto fortemente marcado por questões morais e de honra. Por ser uma atividade ilegal, meu objeto de pesquisa esteve em constante situação de julgamento, não só no que se referia ao campo jurídico, mas também no campo social, pela idéia do senso comum explicitado por pessoas que não fazem parte do grupo, portanto posso afirmar que as pessoas que fizeram parte dessa pesquisa não expõem a sua condição de galista abertamente. Então, mesmo que seja criador de galos de rinha, eles não revelam essa condição até ter a certeza da condição de pesquisador (os galistas têm medo de serem denunciados).

---

<sup>7</sup> **Mutuqueiro** - define os neófitos em rinhas.

O fato de ser um grupo fechado faz com que todos (pelo menos regionalmente) se conheçam. Um fato que senti fortemente foi a desconfiança por parte dos que não me conheciam. Comecei um trabalho de pesquisa em um contexto no qual eu só tinha um contato que me inseriu neste meio (o Sr. “B” fora ele não conhecia mais ninguém) e que me trazia muita insegurança por saber que a qualquer momento havia o perigo de ser preso. Em minha primeira ida a campo, lembrei da visão clássica da antropologia: Malinowski (1978) desembarcando nas ilhas Trobriand “sozinho na praia”. O que podemos chamar de sentimentos de depressão, medo, insegurança, nostalgia, rejeição, presentes durante o trabalho de campo que provavelmente pelo fato de estar num meio ilícito ou num processo de familiarização com novos sujeitos sociais, onde existem práticas sociais e valores diferentes, embalados por um jogo entusiasmante: a rinha de galos.

Utilizei nesta dissertação três informantes centrais (galistas) escolhidos principalmente por seus grandes conhecimentos e envolvimento com as rinhas. Também foi decisivo para essa escolha a disponibilidade dos mesmos durante a pesquisa, mostrando-se acessíveis e solícitos para ajudar no decorrer deste trabalho. Dentre os inúmeros possíveis informantes, os que aqui chamei de Srs. “A”, “B” e “C”, com o decorrer do trabalho de campo, tornaram-se imprescindíveis por uma série de questões. Poucas pessoas teriam a disponibilidade com que o Sr. “A” me recebeu na sua cidade a cada pesquisa de campo, sem contar que me apresentou diversos outros contatos e os relatos feitos por ele que não poderiam ser feitos por qualquer galista, já que sua experiência no assunto é vasta, (mais de cinquenta anos). O Sr. “B” teve grande importância pois, além de ser o primeiro contato foi quem me apresentou o jogo com suas regras e foi aquela pessoa com quem eu poderia conversar e tirar as dúvidas sobre as rinhas. Também me fez convites que possibilitaram o convívio com os seus amigos dentre os quais, o Sr. “C” que, durante boa parte da pesquisa, foi um facilitador, mostrando os caminhos e as possibilidades de participar dos eventos (os que seriam mais seguros, os mais próximos) tanto no Brasil como no Uruguai.

Os locais onde foram feitas as observações participantes variavam de casas vultosas e bem situadas a galpões feitos de sobras de madeiras na periferia, sendo, portanto, uma prática de quase todas as classes sociais. Segundo Teixeira (1992 B, p.25), somente as marcadas pela miserabilidade não participam, mas o fato de precisar de proventos para as apostas já não é motivo para não ter galos. Há um

grupo que cria galos de rinhas para desafiar os vizinhos, pelo simples gosto de ver os animais em combate, sem o ônus financeiro (relatei um desses fatos nas p. 22 e 23) e também há os que se organizam em grupos, o que torna o ônus de uma possível perda menos impactante.

Mas, o marcante foi a dificuldade de acesso apresentada no decorrer da pesquisa devido à desconfiança do grupo em relação ao que eu pretendia com o mesmo. Este acesso só foi possível por intermédio de meu primeiro contato (o que nessa dissertação chamo de Sr. "B"). Tive que afirmar a cada pessoa que não era contra o acontecimento das rinhas e demonstrar o conhecimento adquirido através das leituras sobre as defesas dadas pelos galistas para a legitimação das rinhas no Brasil, conseguindo assim vencer a barreira da indiferença e a inserção no grupo e até mesmo senti uma identificação com os mesmos.



Foto de um galo se recuperando de uma luta site: <http://jornaldiblog.blogspot.com>

Os primeiros trabalhos de campo sobre como ocorrem às rinhas foram difíceis, devido ao primeiro impacto, somado às ideias pré-concebidas, principalmente a da morte dos animais (fato que pouco ocorreu nas rinhas de que



participei) e como analisar esses códigos em que há divergência de valores. Pois estava estudando um objeto que, em princípio, resulta de uma ação considerada ilegal e que, podemos dizer, tem uma qualificação de moral negativa por diversos setores da sociedade. Por diversas vezes tive que refletir ser esse ou não o tema de minha pesquisa. O relevante para a minha decisão foi à visão / relação do galo e do seu dono: os galos são protagonistas de grandes feitos heróicos, contados com entusiasmo de vencedores de grandes batalhas.

Francisco Elias (1978) em sua obra sobre rinhas escreveu :

O galista, pois, verdadeiro protetor de uma espécie de grandes méritos, é um abnegado e mais do que isso, tem de possuir uma espécie de real vocação para o esporte, pois a criação e o manejo desses animais se prendem a particularidades muito especiais, onde a dedicação, carinho e o espírito de observação são fatores para se levar a bom termo a tarefa. Parecerá exagero isso, mas quem conhecer de perto um galista, em pouco tempo se interará de seu carinho e dedicação com suas aves e não raro verá que com orgulho ele lhe apontará determinado animal, com seis anos ou mais conservado como “jóia rara”. E feliz desse exemplar que não teve a indefectível sorte de um frango de corte! Morrerá de velhice ou insidiosa doença, mas jamais para o inglório fim culinário. (retirado do site ambientebrasil.com.br)

As condições meteorológicas foram um empecilho na pesquisa de campo; por diversas vezes as rinhas foram desmarcadas devido às chuvas e por se realizarem em sua maioria, em lugares afastados. Em semanas intermináveis de chuvas de outono, o barro tornava o acesso difícil. Outras dificuldades como as trocas de penas das aves (elas não combatem nesse período que vai de janeiro a maio/junho), também atrasaram as pesquisas, pois, quando estão trocando às penas, os animais pouco são treinados e não ocorrem as rinhas, fazendo com que os primeiros trabalhos de campo fossem realizados somente junto aos criadores, ou observando “batidas de galos”<sup>8</sup> nas quais vários criadores se juntam para treinar os galos usando proteção de batoque<sup>9</sup> e biqueira<sup>10</sup> para os mesmos não se machucarem.

<sup>8</sup> **Batida** ou **escorvas** luta de treinamento, em que o criador ou seu grupo aprecia a capacidade e o desempenho de luta de cada ave.

<sup>9</sup> **Batoque** é a espora do galo, quando ainda não desenvolvida ou designa também uma proteção utilizada nas batidas feito de esponja ou de couro, sendo a última similar a luvas de boxe, que se usa para proteger os galos durante o treinamento.

<sup>10</sup> **Biqueira** são de dois tipos nesse caso é a proteção feita de couro e colocada no bicos dos galos durante a batida, para que os mesmos sejam avaliados sobre a suas condições de lutas sem ferir os combatentes. Há também outro tipo que é utilizada durante as rinhas. É feita de aço e permite que o galo aplique golpes no seu adversário protegendo o bico para não quebrar durante luta.

As batidas de galos foram muito importantes para esse trabalho, pois nelas se mostrou o outro lado da vida desses galistas, muito diferente daquele das rinhas porque é onde está o ambiente familiar: a esposa está alcançando o chimarrão<sup>11</sup>, as crianças estão compartilhando de ensinamentos culturais que são passados de geração em geração e que variam, pois cada criador tem algum treinamento diferenciado ou ingrediente na ração que são utilizados somente por ele ou pelo grupo, e os amigos se reúnem para analisar os combatentes e classificá-los se para grandes ou médios clássicos ou se vão levá-los a alguma domingueira<sup>12</sup> (rinhas pequenas, durante as quais se reúnem na casa de um criador para fazer pequenas apostas, geralmente não passando de R\$50,00).

Conheci o informante que chamei de “A” (para preservar seu anonimato) em 2004. Nessa data o mesmo possuía cerca de 40 galos em sua casa. Uma casa de madeira, grande, onde ele mora com a esposa e três filhos, sendo duas filhas já adultas com 23 e 19 anos e um filho adolescente de 14 anos. Nessa época, eu estava começando a pesquisa e tinha informação de que ali o morador era criador de galos de briga. Fato esse constatado ao chegar ao local, pois a sua casa se dispõe ao lado esquerdo do terreno ocupando até o meio. A outra metade é gramada, ficando garagem e um galpão<sup>13</sup> localizados no fundo do pátio, e nessa parte gramada, que se torna visível a quem passa na rua, havia uma grande quantidade de passeadores, onde os galos tomavam sol e tinham contato com o solo. Porém, o que me chamou atenção foi, quando retornei a sua cidade, agora por conta da retomada da pesquisa, em março de 2009, a ausência dos passeadores. Primeiramente achei que o Sr. “A” tivesse mudado de residência, porém toquei a campainha na esperança de que ao menos soubessem para onde havia se mudado. Quem atendeu a porta era sua esposa, que, ao me ver, lembrou quem eu era e convidou para entrar e esperar “A” que já voltaria. O mesmo havia saído cedo para fazer um frete e já deveria estar retornando (a profissão do mesmo é camioneiro).

Logo em seguida “A” chegou, convidou para tomarmos um mate (chimarrão) no galpão dos galos. Ao chegarmos lá, para minha surpresa, não havia mais

---

<sup>11</sup>O **chimarrão** também chamado de **mate** é uma bebida característica da cultura do sul da América do Sul, um hábito legado pelas culturas indígenas. Bebida essa que é culturalmente tradicional no Rio Grande do Sul.

<sup>12</sup> Nas **domingueiras** geralmente não são levados os melhores galos, pois como são as apostas pequenas eles levam geralmente galos de menor expressão.

<sup>13</sup> **Galpão** aqui são chamadas as construções adjacentes à casa, que são utilizadas como depósito ou abrigo para os animais.

nenhum gallo. Então o Sr. “A” relatou a situação: por morarem em uma cidade muito pequena, aproximadamente dezessete mil habitantes, todos na cidade se conhecem e sabem que o mesmo é galista. As rinhãs estavam cada vez mais raras e quando aconteciam eram em lugares distantes, sem conforto nenhum, na maioria das vezes no meio do mato ou em campo aberto ou em meio às lavouras. Por isso “A” resolveu vender todos os seus galos para outro criador, mesmo depois de ter criado galos por mais de cinquenta anos. O galpão em que estávamos era o local usado para criar, treinar e alimentar as aves. Agora estava totalmente diferente de quando eu havia visto anteriormente. Esse galpão, que é de forma retangular, medindo aproximadamente sete por cinco metros, tinha anteriormente em frente a porta, um tambor<sup>14</sup>, que era utilizado para as rinhãs como uma arena que foi feita de forma artesanal. Nesse caso era com ferro de construção, em forma circular, de aproximadamente dois metros de diâmetro na parte inferior e um pouco maior na parte superior, sendo revestido por lona.



No local onde havia o tambor, havia agora uma mesa redonda com quatro cadeiras de madeira e trançagens de palha. Ao lado direito e aos fundos onde estavam as gaiolas, que mais pareciam dois armários de madeira, e que dispunham os galos em linhas de cinco gaiolas por andar e quatro andares (em cada gaiola, por uma abertura na parte frontal, os galos tinham acesso aos bebedouros e comedouros, que ficavam na parte externa da gaiola para manter sua higienização e segundo “A”, para não molhar a serragem que ficava no chão da gaiola). Esse local

---

<sup>14</sup> **Tambor** ou **rebolo** é como são designadas as arenas nas quais são desenvolvidas as lutas ou treinamentos. São diferenciados no tamanho, sendo o tambor, a arena principal a qual geralmente é maior.

agora estava praticamente vazio; havia somente uma televisão e a parede de madeira do lado direito da entrada. No lado esquerdo, havia uma mesa pequena e um armário aéreo de três portas branco e vermelho (desses que geralmente são encontrados nas cozinhas) e na outra ponta, no canto ao fundo do galpão, um fogão a lenha. A mesa, era forrada com esponja e carpete cinza, utilizada para os treinamentos dos galos, e no armário havia medicamentos e massagem, biqueiras, esporas, e outros apetrechos para o cuidado dos galos. O armário e o fogão a lenha continuavam no mesmo lugar, porém uma grande caixa de lenha estava ao lado do fogão e, do outro lado, estava a mesa de treinamento com uma televisão em cima.

Com essa descrição gostaria de deixar claro que, após a retomada do trabalho de campo, grande parte dos criadores de galos de rinha, não só, mas principalmente os de cidades pequenas, as quais fizeram parte dessa pesquisa foram levados a abandonar as rinhas, devido às dificuldades impostas por motivos que discuti ao longo desse trabalho.

Na primeira fase da pesquisa em 2004, trabalhei com diversos galistas, inclusive o Sr. “A”, e, aliás, classifiquei-os de acordo com a importância dentro da pesquisa, analisando os mesmos de acordo com alguns aspectos, tais como: disponibilidade para a pesquisa, interesse em colaborar, apresentação a outros criadores, aviso sobre rinhas e batidas, demonstração ao pesquisador dos conhecimentos notórios sobre as rinhas e principalmente envolvimento com outros criadores, para possibilitar o enriquecimento do campo.

Outros dois criadores que foram decisivos para a minha entrada em campo, também estavam agora enfrentando as dificuldades que foram impostas após a primeira pesquisa. Um deles que chamarei de “B” (que aliás foi quem me inseriu no campo como já mencionado, possibilitando outros contatos) abandonou as rinhas após quase ser pego quando se deslocava para uma rinha na cidade de Cruz Alta. Informado de que haveria uma batida policial no local (e realmente houve), decidi repassar todos os galos que tinha para o Sr. “C”. Não foi apenas o receio de ser pego pela polícia e responder por maus tratos aos animais o que realmente motivou “B” a parar com as rinhas. Foi principalmente sua profissão de Médico Veterinário, que poderia ser atingida. Caso fosse pego, poderia até mesmo perder sua vinculação ao CRMV (Conselho Regional de Medicina Veterinária do Rio Grande do Sul, órgão que fiscaliza o exercício da medicina veterinária e zootecnia). Por outro lado “B” continuou mantendo contato com os galistas, pois o mesmo fornece

alimentação e medicamentos para criadores de galos de rinha, e principalmente com “C”, que ficou com seus galos. Os dois já tinham uma parceria de treinamentos e viagens para participarem de torneios<sup>15</sup>, por diversas cidades do Estado (Rio Grande do sul). Eles não saíam muito longe de casa devido aos seus compromissos profissionais. Citei isso porque ocorrem torneios grandes em várias cidades de Santa Catarina ou também no Uruguai, onde podem ser efetuadas apostas altas, motivando vários galistas a percorrerem grandes distâncias para jogar em seus galos principais.

Durante a segunda fase da pesquisa, “B”, que havia parado de criar galos ainda em 2005, voltou, no início de 2010, a criar dois frangos, que serviriam apenas para uma rinha para a qual ele foi desafiado por um rapaz de dezenove anos (que chamarei de “J”) e que é seu cliente. “J” começou há pouco tempo a criar galos e possui doze deles. Não vai ser um evento. Segundo os dois, eles vão apenas “tirar a prova”. Em suas palavras, eles irão fazer “um floreio”<sup>16</sup> (uma espécie de teste com frangos), de quem sabe treinar melhor os galos, sem juiz, sem arena e com as regras estipuladas por eles, com os dois frangos desprovidos de armas, demonstrando as suas habilidades guerreiras, na areia de uma quadra de voleibol na casa do Sr. “B”.

Os galos de “B”, que antigamente tinham um local próximo da casa, com gaiolas e todos os cuidados de uma criação, com todos os recursos, tais como passeadores, tambor e mesa de exercícios, agora contam somente com um canto na estrebaria abandonada de cavalos, feita de tabuas sem acabamento, no fundo do pátio, onde dividem o local com pequeno depósito de materiais de jardinagem e que contrasta com o restante da casa, a qual denota bastante luxo, pois tem um jardim muito bem elaborado. A casa de “B” também é grande e muito bem decorada, possuindo quadra de esporte, piscina e canil com cães de raça. Muito diferente é a situação dos galos de “J” que mora com a mãe em uma casa de madeira modesta e transformou um galinheiro antigo, no fundo do quintal, em um criatório de seus galos de rinha. Isso há pouco ocorreu, pois “J” não começou por influência de parentes, e

---

<sup>15</sup> **Torneio** é como os galistas se referem para designar os eventos onde acontecem as rinhas, geralmente acontecem aos finais de semana.

<sup>16</sup> Aqui o termo **floreio** foi interpretado como sendo um teste sem ônus financeiro para avaliar qual seria o melhor criador, descartando a idéia de maltratar os animais, ficando muito mais próximo de um treinamento do que de uma rinha.

sim por seu círculo de amizades, que andam a cavalo, participam de rodeios e alguns também criam galos de rinhas.

Outro fato muito interessante constatado nessa pesquisa, foi o do Sr. “C”, citado acima por ter ficado com os galos de “B”, e que é um grande conhecedor de galos, com mais de quarenta anos dedicados à criação de animais para rinha. O mesmo foi pego em um evento galístico pela polícia ambiental e foi levado a juízo, sendo sentenciado a pagar alimentos a uma instituição. Os galos, que foram apreendidos pela polícia, foram designados ao próprio, como fiel depositário de seus animais. Considero interessante porque eles foram apreendidos, creio eu, com o propósito de que os animais não fossem expostos aos maus tratos, porém por que não são levados para os lugares de preservação, os quais são mantidos pelas Sociedades Protetoras dos Animais? Segundo “C”, os seus animais lhe foram devolvidos porque os galos de rinha são muito difíceis de serem criados, já que os mesmos necessitam de instalações individuais, não podendo ter outros galos soltos no mesmo ambiente, dando muito trabalho para serem mantidos. Fato que discuti mais aprofundadamente no decorrer desta dissertação.

### **1.3 Ética na pesquisa, pesquisando o ilegal**

Esse trabalho como já foi referido, na sua metodologia utilizou a observação participante, que é uma das formas mais clássicas da antropologia de compreender o seu objeto de estudo. Não bastassem às adversidades proporcionadas a qualquer pesquisa qualitativa pelas dificuldades apresentadas pelo trabalho de campo. Falo isso pensando, ou melhor, problematizando o fato de ser o “objeto” de pesquisa das Ciências Sociais e principalmente da Antropologia as relações entre os seres humanos (ficando estabelecida aqui a diferença envolvendo “pesquisa em seres humanos” da “pesquisa com seres humanos” sendo esta última pertencente ao ramo das Ciências Sociais), portanto há uma relação direta entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa e principalmente irão existir efeitos que poderão ser impactantes na vida das populações envolvidas nesse projeto antropológico.

E o meu trabalho, desde seu início, mostrou-se de forma a pensar seriamente sobre a questão de ética na pesquisa, pois se definiu, desde que comecei a pensar

o projeto, já que para executá-lo me baseei em métodos etnográficos, necessariamente teria que passar por uma aceitação, e tentar ganhar a confiança das pessoas envolvidas na pesquisa. Tentando ser mais claro, sabendo que as pessoas que estava pesquisando são caracterizadas justamente pelo ato ilegal em que elas incorrem, que são as rinhas de galos, fato considerado como maus tratos e presumido no Código Penal Brasileiro como contravenção. Isso me levou a pensar no dilema de que uma exposição, tanto de seus atos como de seus membros, pode ter consequências sérias e danosas para os seus integrantes. Pois conforme o Código Penal Brasileiro:

Art.32. Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos:  
Pena – detenção de 03 meses a 01 ano e multa.

E essa posição de contraventores fez com que essa condição de confiança (citada no parágrafo anterior), que tem que ser estabelecida entre pesquisador e o pesquisado, se constituísse numa tarefa muitas vezes árdua e demorada, pois confiar é ter a certeza de que, por exemplo, tudo que envolver esse grupo deve ser anônimo e que muita coisa observada em campo devem ser confidência ou sigilo.

O livro *Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil* (2004), organizado pela professora Ceres Víctora, me auxiliou a ver de que forma estaria amparado para pesquisar nesse ambiente em que existe relação complexa envolvendo princípios éticos (p. 15):

Assim, observamos que, embora os princípios expressos no Código de Ética sejam bastante objetivos e relativamente simples, há toda uma complexidade que envolve a execução desses princípios éticos de respeito e proteção aos direitos dos diferentes povos. E que as nobres pretensões éticas da nossa disciplina, constantes no Código da ABA, estavam longe de serem livres de conflitos. Essas reflexões ficam reforçadas na medida em que percebemos que a ABA vem representando um papel de mediadora de conflitos e, em particular na sua história mais recente, tem sido chamada a se pronunciar sobre interesses de grupos específicos, atendendo a uma crescente demanda de avaliação, intervenção e mediação de conflitos em diversas esferas.

Assim, sabendo que a ABA (Associação brasileira de antropologia), vem representando esse papel de mediadora de conflitos, dei sequência a minha pesquisa, seguindo o Código de Ética do Antropólogo, com o qual já tinha contato desde a graduação, nas aulas introdutórias de Teoria Antropológica.

Nas primeiras idas a campo, começaram os dilemas: pensei em usar recurso de imagem (fotografia e filmagem) para ajudar a compreender a relação entre o galo e seu dono, porém descartei a idéia logo em seguida. Cheguei a fazer algumas imagens procurando não focalizar as pessoas tentando filmar as gaiolas, os galos brigando, etc., mas as apaguei para preservar a identidade do grupo e do local. A imagem pode ser tanto perigosa em mostrar o semblante da pessoa envolvida, como em denunciar o local da prática de tais fatos, ou qualquer indício que os faça chegar até o grupo.

Durante o campo surgiram também dois casos de pessoas que poderiam ter sérios problemas no campo profissional, sobre os quais tentei ser o mais breve e sintético possível, citando apenas as suas profissões e poucos detalhes etnográficos para não expô-los, sendo eles um veterinário, o qual pode perder o seu CRMV, o caso do Sr. "B" citado anteriormente, e o outro Policial Civil (Sr. "F") que também pode ter sérias implicações devido as suas obrigações profissionais. Além desses há também o Sr. "E," que é aposentado da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Apesar de não ser um caso tão grave como os outros (por aqueles ainda exercerem a profissão), o Sr. "E" demonstrou bastante receio de ser exposto pela pesquisa e de sua identidade de galista chegar ao quartel. O que eu quero deixar claro é que ao fazer um trabalho etnográfico, se está sujeito a expor a vida de seu pesquisado de forma negativa. Nesse caso, tem-se que redobrar os cuidados, pois a exposição dos integrantes desse grupo tem consequências muito mais graves, já que não está em jogo apenas a vida pessoal, mas também, como vimos nesses casos relatados, a vida profissional.

Outro assunto que se tornou um dilema de campo se referiu ao fato de o Código de Ética do Antropólogo orientar que se peça o consentimento por escrito em um momento em que se está tentando ganhar a confiança do grupo e, com as rinhas de galos especialmente, há de se fazer algumas considerações importantes. A primeira é de que um documento assinado significa constituir prova sobre a sua condição de galista, constituindo assim um tão grande empecilho que, se tivesse por obrigação tê-lo em mãos para poder fazer a pesquisa, provavelmente esse trabalho seria inviabilizado. O segundo é que esse grupo é constituído em cima do valor da palavra, ou seja, nesse grupo a palavra do homem tem valor, fato constatado nas pesquisas de campo, durante as apostas, situação em que o que é estabelecido verbalmente é pago: os valores acordados são honrados sem questionamento e não



ocorrem discórdias por falta de pagamentos. O perdedor da parada<sup>17</sup>, assim que termina a luta, procura o ganhador para saldar sua dívida. Outro fato notado em relação à palavra do homem é o de não haver questionamentos em torno da decisão do árbitro. Então, por esse motivo, creio que o consentimento por escrito ficaria inviabilizado nessa pesquisa.

Um detalhe que faz parte da discussão sobre o assunto ética, e que na pesquisa que desenvolvi não foi diferente, referiu-se ao que esse grupo espera de retorno dessa pesquisa? Ou, de outra forma, o que eu me proponho a dar para esse grupo como retorno dessa pesquisa? O livro **Antropologia e Ética: O debate atual no Brasil** (2004) traz essas indagações e o grupo pesquisado espera algo desse trabalho, e não podemos esquecer que esse trabalho tem também um compromisso com a verdade. Falo desse compromisso com a verdade, pois não podemos mascarar alguns fatos para tentar agradar ao grupo. Claro que também preservei o que foi revelado em confidência, algo que eles não queriam que fosse publicado, ou que nos foi revelado na intimidade e sua divulgação poderia transformar-se em algo vexatório ou constrangedor, mas também não devemos inventar dados para agradar os pesquisados, deixando bem claro que estaríamos fazendo uma pesquisa científica e não tentando fazer uma apologia das rinhas.

Quanto ao que eu tenho a oferecer para esse grupo, é uma tarefa complicada, pois até mesmo para agradecer-lhes, na pesquisa teve de ser de forma anônima, devido a sua ilegalidade, e tenho certeza de que muitos dos meus informantes são de uma influência fundamental e mereceriam até mesmo mais que um agradecimento (não só, mas principalmente os Srs. “A”, “B” e “C”), dadas as suas colaborações para a realização desse trabalho, porém para tentar fornecer algo de relevância para o grupo, creio que a disponibilização do trabalho a quem interessar através da internet é o primeiro passo. O segundo passo é expandir esse debate sobre a questão cultural que envolve as rinhas para a sociedade acadêmica. Assim o desenvolvimento desse trabalho, em que, como antropólogo, sempre contemplei a natureza cultural que está envolvida nesse jogo de interesses, entre os prós e os contras ao acontecimento das rinhas de galos, tentando fornecer ao final algo que poderá ser útil para tentar compreender as questões que envolvem o tema.

---

<sup>17</sup> Parada é para os galistas a quantia em dinheiro que foi contratada na rinha de galo. Segundo os informantes, o termo também é utilizado para as carreiras de cavalo.

## 1.4 A Desconstrução

No quarto capítulo do livro “**A Favor da Etnografia**”, de Marisa Peirano (1995), a autora levantou pontos de reflexão a respeito do ensino da antropologia, dizendo que o antropólogo não é só um cotejador e o intérprete de fontes, afirmando ser ele o criador delas. Afirma também que o ensino da antropologia em cursos introdutórios, mais do que na leitura das monografias clássicas, os estudantes aprendem um *ethos* para poder identificar a racionalidade do outro, o respeito à alteridade e a reconhecer o relativismo das sociedades e das ideologias, a ausência de distinção fundamental entre primitivos e modernos, a horizontalidade das práticas humanas, a afinidade entre ciência e magia, entre magia e religião, e entre religião e ciência. Por fim, o que realmente me chamou atenção, foi quando falou da antropologia “ser uma disciplina artesanal, interpretativa e microscópica, que liga o particular ao universal, desconstruindo as categorias abstratas da nossa sociedade”. Quando a autora falou a palavra “desconstruindo”, vi que estava acontecendo comigo, enquanto antropólogo, essa desconstrução, pois o meu objeto de pesquisa me propunha essa dúvida, de ter de partir de uma desconstrução primeiramente do meu modo de ver os galistas da idéia inicial preconcebida que tinha sobre o objeto, para apresentá-lo nessa pesquisa.

Entre as inúmeras dificuldades enfrentadas no decorrer do trabalho, não pude deixar de citar a desconstrução da idéia de que as rinhas eram lugar de bandidos e que, após várias visitas aos criatórios, foi desfeita a imagem de malfeitor que somente usava os galos para machucá-los em benefício financeiro, sem levar em conta os diversos motivos que os levam a essas atitudes. A primeira rinha a que fui teve uma importância fundamental nesse aspecto, pois aconteceu em um lugar sem luxo, um lugar muito simples o que me possibilitou ver as pessoas se divertindo em um espaço cultural de lazer daquela comunidade, muito diferente da minha idéia inicial.

A ida em uma rinha me provocou inúmeras sensações, pois aliou o medo, o anseio, o desconhecimento a uma sensação de intrusão, já que eu é que estava invadindo esse novo mundo, por mim até pouco conhecido (cito pouco conhecido porque só tinha visto até então algumas batidas, com os poucos galistas que o Sr. “B” havia me apresentado). A minha primeira experiência nesses eventos foi numa

tarde de sábado, por volta de quatorze horas, quando chegamos a um bairro popular na cidade de Santa Maria. Era um local com uma casa simples de madeira com um pátio enorme, com diversos passeadores espalhados por todo o terreno, muitos cães de caça (lebreiros e Veadeiros), um pequeno galpão de madeira ao lado de um chiqueiro ao fundos do pátio. O terreno tinha uma forma cônica, começando com a casa e um pedaço pequeno do terreno e abrindo-se para os fundos. A casa com móveis antigos e muito simples, com pelegos<sup>18</sup> em cima do sofás da sala, na qual, juntamente com o Sr. “B”, havíamos sido recepcionados pela esposa do Sr. “G”, uma senhora que aparentava entre quarenta e cinquenta anos, e que nos recebeu muito bem. Avisou que ele estava levantando da sesta, demonstrando para mim que o Sr. “B”, já era “de casa”, ou seja, de grande intimidade com seu marido. Ao chegar a sala fui apresentado ao nosso anfitrião, que em seguida nos convidou para irmos à outra peça nos fundos da casa onde havia algumas cadeiras de abrir, dispostas em círculo, dois “freezers” horizontais, cinco gaiolas com pássaros e uma mesa grande de madeira do lado oposto aos “freezers”. Sentamos e, logo a seguir sua esposa nos trouxe o chimarrão, e eles já começaram tratando de atar<sup>19</sup> (combinar) uma rinha entre o galo do Sr. “B” um galo preto com um dos galos do Sr. “G”, um galo osco (acinzentado), barbudo e a negociar diversos frangos com o Sr. “B”, alguns por meio de troca outros por dinheiro, sempre informando a procedência paterna dos frangos (raramente é citada a procedência materna pelos integrantes nessa pesquisa). Também foram combinadas outras atividades, como a visita a outro criador (não fui convidado e não tinha intimidade o suficiente para pedir para acompanhá-los). Marcaram também uma caçada de lebres. Por volta das quinze horas e trinta minutos, começaram a chegar diversas pessoas trazendo galos em seus braços e aumentando a roda de chimarrão. Quando já havia umas dez pessoas, nos dirigimos para o galpão que ficava perto do chiqueiro no fundo do pátio. Ao entrarmos no referido galpão de forma quadrangular, com lados de aproximadamente seis metros, o que considero relativamente grande, encontrei o tambor (local onde ocorrem as rinhas) que ficava no meio do galpão bem abaixo da luminária. Como os galos estavam nos passeadores, o pessoal começou a colocar os seus galos nas gaiolas

---

<sup>18</sup> **Pelego** é o couro de ovinos, o qual é curtido com a lã geralmente alta, muito utilizado nessa região para cavalgar, colocando o mesmo sobre a sela para ficar confortável. Da mesma forma sobre o mobiliário era utilizado com o mesmo fim.

<sup>19</sup> **Atar** para o grupo tem o sentido de combinar, quando se deixa atada rinha é que já foi estabelecido o local, a data e o valor da parada em que foi lançado e aceito o desafio.

que estavam espalhados por todas as paredes do galpão, parecendo enormes armários de madeira, enquanto dois galos estavam sendo preparados para luta: pesagem, colocação de esporas<sup>20</sup> de aço e biqueiras, massagens<sup>21</sup>, eram então separados em dois pequenos grupos, cada qual junto aos donos começando os desafios entre os grupos (apostas). Notei que havia dois tipos de apostas: a primeira antes da rinha, quando é atada entre os donos dos galos e a segunda entre os demais participantes que apostam durante o decorrer da briga dos galos a qual é difícil de entender, pois parece uma bagunça com muita gritaria em que alguns torcem, outros tentam persuadir os demais para apostarem, dando vantagens até cinco contra um. Encontrei muita dificuldade de ver qual galo estava em vantagem, muito ao contrário dos participantes que narravam naturalmente cada golpe desferido pelos galos. Por minha percepção, não diferenciava nem os galos (achava-os muito parecidos no decorrer do combate), assim não tinha nem idéia de que galo estava ganhando. Durante a luta, o que me prendeu a atenção foi a vibração febril que tomava conta do ambiente, tornando aquele lugar a meu ver, muito parecido com o ambiente de um jogo de futebol no estádio, onde o calor da torcida transforma o jogo em um caldeirão. Não que eu acredite que a torcida tenha influência na briga dos galos, mas sim que incentive a participação do público.

Até o intervalo da primeira rinha, as pessoas já haviam lotado o galpão e iam se postando em pé ao redor do tambor. O público que ali chegava se conhecia, pois se cumprimentavam de forma íntima com descontração, fazendo farra, brincando, chamando uns aos outros por apelidos. A maioria chegava a pé, alguns traziam galos, e o que chamou atenção foi o fato de que era um encontro, muito mais daquela comunidade, do que um torneio de galos como posteriormente foi constatado durante a pesquisa, pois os participantes dessa rinha não tinham rinhas marcadas, eles procuravam nos participantes alguém que tivesse o interesse em brigar com o seu galo. Difere-se dos torneios que têm premiação em dinheiro, troféus, e até mesmo carros zero quilometro (não participei de nenhuma com essa premiação de carros, mas há registro de que ocorrem). Nesse local os participantes

---

<sup>20</sup> **Esporas** também chamadas de puas ou armas. São postas nas patas dos galos para igualar os dois combatentes em seu potencial ofensivo, em forma de agulhas, cônicas ou lâminas, para que nenhum deles tenha vantagem sobre o outro, assim ambos terão os mesmos direitos na luta. Os galos possuem uma espora natural que é retirada ficando somente uma pequena parte onde é fixada outra artificial em dimensões iguais as do opositor. Existem vários tipos de esporas. A mais usada aqui é a conhecida como arma gaúcha que é cônica, e possui pouca letalidade.

<sup>21</sup> **Massagem** é o produto que os criadores utilizam para aquecer a musculatura e engrossar a pele dos galos e é geralmente composto de álcool ou cachaça misturado com outros produtos e ervas.

do evento procuravam galos com compatibilidade de peso e idade para lutarem em pequenas apostas (não superiores a quinhentos reais). O Sr. “B,” que era o meu contato para entrar nesse local, afirmou que a maioria das lutas ocorridas eram marcadas na hora, ou durante a semana eram armadas nos treinamentos (batidas), pois a grande maioria dos participantes que ali estavam eram daquela comunidade, e que no sábado todos centralizavam as atividades naquele local sendo como de rotina do lazer daquela comunidade.

As lutas foram se sucedendo durante a tarde e, naquele sábado, eu já estava ansioso por ver como seria o galo que fora trazido pelo Sr. “B”, porque ele teria desafiado nesse dia o anfitrião. As conversas que eu havia escutado haviam me instigado para ver se o que tinham comentado sobre aquele galo preto era realmente verdade (era a primeira luta desse galo, e era referenciado como grande promessa nos treinamentos). Durante a luta, o que ficou claro foi que eu deveria observar muitas rinhas para poder opinar, pois compreendi que não tenho “o olho clínico” dos demais participantes, porque achava que o galo osco<sup>22</sup> do Sr. “G” estaria ganhando, enquanto era o contrário. As referências sobre o galo do Sr. “B” se concretizaram, e em um grande teste, pois o Sr. “G” é conhecido como um grande conhecedor de galos, um adversário muito difícil de enfrentar.

Ficamos nessa rinha até, aproximadamente, as vinte e duas horas, e considero essa uma grande etapa dessa pesquisa, já que nesse dia foram postas a prova toda uma realidade que eu não conhecia, pois até então eu não havia visto o sangue dos galos correr, e também não tinha idéia do público que freqüentava. A verdade é que antes de ir a essa rinha, enquanto conhecia alguns participantes, que eram apresentados, ou que iam nas batidas, eu pensava o que levaria essas pessoas a fazer isso com os galos, ou também a idéia de que as rinhas eram um local perigoso. Creio que mudei realmente a opinião ao participar desse evento.

A construção dessa nova idéia foi baseada nessas observações feitas no trabalho de campo, pois posso afirmar que os galistas gostam de seus animais e os tratam muito bem. Mesmo considerando que eles sejam destinados à briga, tem-se que levar em conta o sistema de valores envolvidos (os quais serão tratados no decorrer do trabalho), sem esquecer que a maioria dos galistas aprendeu a cuidar

---

<sup>22</sup> Osco é uma referência a cor das penas do galo que eram em tom acinzentado.

dos galos com alguém da própria família, sendo um fato cultural, e os seus ensinamentos são repassados através das gerações.

O que me fez refletir sobre a idéia de desconstrução, é que as rinhas de galos sendo um local perigoso, frequentado por pessoas perigosas estava no meu imaginário. Esse era o pensamento que não só eu, mas também vários amigos e colegas tinham ao se defrontarem com esse tema. Explanavam-no, fazendo um pré-julgamento antes de irem a uma rinha de galo e conhecer de perto as diversas questões que ali estão envolvidas. Foi comum ver as pessoas que são contra essa prática os chamarem de “primitivos”, “loucos” ou “bandidos” por maltratarem os galos. Mas, o que observei durante a pesquisa foi que são pessoas que gostam e cuidam muito de seus galos, tendo uma admiração imensa por eles, chamando-os de heróis, e sendo motivo de orgulho para o criador.

O criador ou tratador estabelece um vínculo muito grande com o galo, devido ao treinamento que é longo. Os galos, quando enxergam o dono, ficam agitados, num clima de excitação. Suponho que tenham prazer em exercitar ou lutar (batida), demonstrando uma agressividade natural com os outros galos e um laço afetivo com o dono que os carrega para todos os lados, sem problema algum, sem nenhuma manifestação de agressão com o galista, como na descrição feita acima em que o pessoal chegava à casa do Sr. “G” com seu galo embaixo do braço. A visão do homem com o galo é a de alguém com um animal de estimação. O criador pega ao colo, acaricia, nota-se até mesmo um olhar de admiração do homem em relação o animal (principalmente quanto ao seu galo principal, aquele que já ganhou várias lutas, ou que tem possibilidade de ser grande lutador). Essa visão do galo como animal de estimação é vista principalmente nas batidas, pois é lá que esse convívio começa, já que o treinamento de um galo para ir as rinhas é longo, cerca de pelo menos seis meses, durante os quais, ele é alimentado, com ração especialmente desenvolvida para galos de rinha, exercitado para adquirir massa muscular. É preparado: suas cristas<sup>23</sup>, barbelas<sup>24</sup> e penas do pescoço e das pernas subtraídas, para não serem pontos de apoio para os outros galos durante as brigas. É massageado com produto para fortalecer a pele e treinado. Durante as batidas, eles são observados nos movimentos de luta, para classificarem em que tipo de disputa

---

<sup>23</sup> Crista é uma saliência carnosa que se situa no topo da cabeça dos galos

<sup>24</sup> Barbelas são saliências carnosas que se situam na cabeça dos galos, geralmente nas laterais.

os mesmos podem concorrer. Enfim, leva tempo e dedicação, e ocorre um vínculo afetivo entre homem e animal.

### **1.5 O evento transformador, a operação rudis**

Nesse item, propus-me a analisar uma mudança estrutural ocorrida no grupo o qual eu pesquiso e suas decorrências, partindo do conceito de estrutura da conjuntura, baseado no que Marshall Sahlins escreveu no seu livro **Ilhas de História** (1985).

As rinhas de galos, em minha percepção tiveram uma profunda transformação estrutural após 21 de outubro de 2004, depois da Prisão do publicitário Duda Mendonça notoriamente responsável pela campanha do PT (Partido dos Trabalhadores), numa operação realizada pela Polícia Federal em repressão às rinhas de galo num sítio entre Recreio dos Bandeirantes e Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. A Polícia Federal batizou a ação de Operação Rudis, em referência a uma espada com que os gladiadores da Roma Antiga eram presenteados, quando sobreviviam nas lutas realizadas em arenas.

O sítio “Privê 5 estrelas”, inaugurado em 1986, onde as disputas ocorriam, fica em um local ermo do Recreio dos Bandeirantes. O acesso é por estradas de terra. Há no local uma arena grande (tambor), duas menores (rebolos), viveiros para abrigar centenas de aves e até uma enfermaria para tratar os animais feridos. Dentro do sítio, funcionava uma espécie de clube social, com churrasqueira e áreas de lazer. Esse local já citado pelo Professor Sérgio Alves Teixeira em seu trabalho (na sexta edição da revista Horizontes Antropológicos 1997), sobre rinhas de galos como o principal rinhedeiro do país, pelo requinte de suas instalações e o elevado status de seus freqüentadores. Segundo a Polícia Federal, cada briga movimentava cerca de R\$ 50 mil em apostas. E nesse torneio, havia dois carros novos que seriam dados aos donos de galos campeões.

A verdade é que a prisão de Duda Mendonça gerou polêmica e discussão na mídia sobre a prática de crueldade contra animais em um nível nacional que se estendeu por semanas, trazendo, após esse evento, uma verdadeira “caça as Bruxas” contras os galistas. Isso pode ser facilmente constatado em minhas

pesquisas, principalmente nos relatos dos galistas que moram nas pequenas cidades em torno de Santa Maria, nas quais realizei grande parte do trabalho etnográfico, devido ao fato de que, nas pequenas cidades, todos se conhecem sabendo das atividades que todos os moradores desenvolvem, ficando assim fácil de ser monitorado.

Segundo o que foi veiculado na mídia digital<sup>25</sup>, diversas discussões apontam para uma disputa política entre dois partidos de grande expressão no cenário político nacional (PT e PSDB) em relação a campanhas políticas, principalmente no estado de São Paulo em que disputavam a eleição Marta Suplicy (PT) contra José Serra (PSDB), na qual Marta foi derrotada 10 dias após a prisão do Duda. O publicitário Duda Mendonça era o marqueteiro do PT desde 2001 e é considerado um dos grandes responsáveis pela vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2002. Após aderir ao PT em 2001, o marqueteiro transformou a imagem do Presidente Lula na corrida presidencial, mudando até mesmo o visual daquele que havia sido chamado de "sapo barbudo" por Leonel Brizola. Antes, Duda já colecionava vitórias eleitorais. Elegeu Paulo Maluf (PP), em 1992, e Celso Pitta, em 1996, prefeitos de São Paulo. À frente da campanha de Marta Suplicy (PT) na capital paulista e de Raul Pont no Rio Grande do Sul, o publicitário também venceu licitações para a propaganda oficial do governo federal. No final de setembro de 2004 (pouco antes da prisão 21/10/2004), o contrato do governo com as três agências de publicidade responsáveis pela propaganda oficial foi renovado por mais um ano (R\$150000000).

Zuenir Ventura escreveu logo após a prisão no site [blogdosapedeutas.blogspot.com](http://blogdosapedeutas.blogspot.com):

“E olha que eu sabia muitas coisas. Sabia que Duda era o responsável pela campanha da Marta Suplicy – que aliás deve estar indo muito bem, senão seu marqueteiro não iria curtir seu hobby no Rio. Sabia também que ele fora responsável pela mudança da imagem de Lula e por sua vitória, que comemorou levando o presidente para um jantar regado a vinho Romanée-Conti safra 97 (na época R\$ 6.900 a garrafa). Sabia que antes ele já fora o mago do Maluf, mas sinceramente não sabia que o inventor do Lulinha paz e amor curtia briga de galo.”

---

<sup>25</sup> Foram usados como fonte os jornais Folha de São Paulo e Zero Hora em suas publicações na internet.





O referido publicitário era galista assumido publicamente, já que não negava o gosto por brigas de galo, que não era mantido em segredo pelo marqueteiro. No livro autobiográfico de Duda, "**Casos & Coisas**", lançado no fim de 2001, consta que a paixão por rinhas começou com o irmão mais velho. Na página 149 do livro, o marqueteiro escreveu: "Meu irmão mais velho também criava galo, há muito tempo, e foi assim que, como milhões de brasileiros, me apaixonei pelas brigas de galos". Ainda na publicação, na página 158, aparece uma fotografia de Duda tirada durante uma rinha. Na imagem, o marqueteiro está gesticulando com os dois braços ao redor de um ringue. "Minhas maiores manias: pescaria e briga de galo", está escrito na legenda. Dois anos antes, em 1999, em entrevista concedida à revista "IstoÉ", Duda já tinha afirmado ter sido uma influência do irmão seu gosto por brigas de galo. Em julho do mesmo ano, o marqueteiro foi flagrado pela emissora Record numa rinha que acontecia em Salvador. Na capital baiana, Duda costuma participar de brigas de galos em dois locais da cidade, no bairro da Armação, que fica na orla de Salvador, onde está o Clube do Galo, e no Cabula, bairro localizado na periferia. Um amigo de Duda, que pediu para não ser identificado, disse que o marqueteiro foi influenciado também por outro familiar no gosto por brigas de galos. Ele teria herdado o hábito do pai, o publicitário Mendonça Filho. Além disso, anualmente, no dia 2 de julho, quando os baianos comemoram a expulsão das tropas portuguesas que resistiram à Independência, Duda aproveita a viagem a Salvador para participar de um torneio que acontece no Clube do Galo. Em setembro de 2003, o marqueteiro

participou de um campeonato de briga de galo ocorrido durante um final de semana em Feira de Santana (a 116 km de Salvador). (Fonte: magocom.com.br)

Tendo o conceito de “estrutura da conjuntura” como:

a realização prática das categorias culturais, em um contexto histórico (específico), expressas nas ações interessadas dos agentes históricos incluindo a micro sociologia da sua interação. (SAHLINS, 1985, p.15)

Dessa forma, expus um caso que está acontecendo com o grupo pesquisado. Está ocorrendo uma mudança estrutural radical a partir de um evento que transformou a concepção de que as pessoas usam as ordens culturais para moldar sua construção e ação no mundo. Uma transformação estrutural ocorre quando não são mais as categorias culturais que se alargam, mas são as relações entre as categorias que mudam.

O que digo é que de alguma forma, essa mudança estrutural poderia estar ocorrendo há algum tempo dentro da sociedade galista, porém de forma lenta e gradual, induzida por mudanças na sociedade por fatores múltiplos como uma consciência ambiental ou costumes urbanos diferenciados (já que considero que a cultura galista é proveniente de um Brasil ligado ao rural). Porém, nesse caso, a partir da prisão do publicitário Duda Mendonça, o que ocorre é uma intensificação das medidas de coerção social contra as rinhas de galos, como já fica claro no depoimento do galista Eduardo Seixas do dia 06/03/2005 no site.ambienteBrasil.com.br:

Após a ocorrência no clube 5 estrelas, ocorreram vários fechamentos de rinhas, principalmente em São Paulo. Foram recolhidos ou apreendidos centenas de galos, os quais, acredito, que deveriam constar em um auto de apreensão e, como determina a lei, nomeado um fiel “depositário” para essas aves. Minha pergunta é a seguinte: o que aconteceu com as aves apreendidas?

Alguma ONG ou Sociedade Protetora está tomando conta delas?

Foram devolvidas aos seus legítimos donos?

Na primeira hipótese, não posso responder pelas ONGs ou Associações, mas, a única que tem galos tinha somente dois, já velhos e um cego de uma vista.

No caso de haver proibição legal, é bom que o dispositivo também indique quem vai cuidar das aves apreendidas porque a Constituição diz que é responsabilidade do Estado a flora, fauna, etc...portanto acredito que o governo se tornará o maior galista em torno de aves encoucheiradas. E não poderá maltratá-las e, se matá-las, mesmo para doar para instituições, contradiz a apologia da preservação. É um mico...

Por outro lado, se forem devolvidas a seus donos, mesmo designados depositários, torna claro que briga de galo é um crime fantasma, porque

seria a mesma coisa que nomear o Fernandinho Beira mar fiel depositário de 1 tonelada de pó!!!  
Será que deu para perceber e discernir o que é de fato crime e o que não é?

Essa citação reflete a realidade, após o episódio do clube 5 estrelas, que é a intensificação em fechamentos dos rinhadeiros, não só em São Paulo, mas no País inteiro. O fato importante a ser destacado é que até então se tinha a sensação de ser permitido, já que o próprio Duda Mendonça assumia o fato em sua autobiografia, aparecia com os galos em fotografias ou concedia entrevista a revista de tiragem nacional (Istoé) admitindo sua condição como galista. Essa condição assumida, não só do referido publicitário, mas dos galistas em geral aparece perfeitamente no trabalho de Sérgio Alves Teixeira (1997) antes mencionado em que aparecem fotos tanto de sociedades avícolas, como uma foto com um galista renomado de Porto Alegre, na página 227. Muitas dessas associações galísticas eram constituídas legalmente, registradas, como é o caso da Sociedade Avícola Santa Isabel, constatada durante o meu trabalho de campo, que se localizava no Município de Júlio de Castilhos e hoje não passa de um prédio abandonado( no anexo A foi postada a notícia de uma sociedade com mais 60 anos de tradição em brigas de galos que foi fechada pela polícia). Assim como em toda a região, principalmente comparando a primeira pesquisa em 2004, com a retomada da pesquisa em 2009, dos meus informantes houve uma desistência muito significativa na criação de galos, como fica claro nas escritas anteriores em que, dos três principais informantes, dois praticamente pararam de criar (o Sr. "B" tem somente dois frangos) e o terceiro, o Sr. "C", está respondendo judicialmente por crime de maus tratos, pois o mesmo foi preso em uma rinha e acabou ficando como fiel depositário de seus galos apreendidos até que saia o trânsito em julgado. Dessa forma tem-se uma dimensão do que está ocorrendo com diversos galistas da região.

Quando na ocasião da minha pesquisa etnográfica, alguns dos depoimentos mais impressionantes foram dos ex-integrantes da Sociedade Avícola Santa Isabel, os quais foram decisivos para a escrita desse texto, já que a grande maioria dos membros da referida entidade não criam mais galos. Os que criam dizem que é somente por que gostam muito, pois, segundo os mesmos, os torneios estão cada vez mais raros. Quando eles raramente ocorrem, são em locais de difícil acesso, ou em outros países que fazem divisa com o Rio Grande do Sul, ou ainda no meio de

campos, ao relento, ou até mesmo no meio do mato, para escaparem do cerco policial. Por prevenção colocam adolescentes para cuidar e se a polícia aparecer, avisando-os através do telefone celular. Conta o Sr. "A" que o seu último torneio foi numa lavoura de soja, e no meio da cotenda começou uma chuva torrencial. Acabaram ficando presos, devido à lama no local, por três dias. Depois desse episódio, ele deu seus galos para um outro membro dessa sociedade acabando com sua criação.

O fato relatado pelo Sr. "A" traduz a situação enfrentada pelo grupo, sendo ele apenas o estopim, para determinar a desistência de criar os galos de briga, pois foram diversos os motivos que forçaram o mesmo tomar essa atitude, tais como: a falta de torneios na região, tornando os eventos mais dispendiosos, pois na pesquisa anterior foi constatado que havia uma gama muito grande de opções que, com a intensidade da fiscalização, se reduziram a poucos eventos e, mesmo quando há, ocorrem em locais que não proporcionam conforto algum, como no exemplo acima descrito. Não podemos deixar de citar também a preocupação de ser pego na rinha devido às consequências jurídicas aos praticantes. Além das consequências penais que vão desde ter de prestar serviço para a comunidade ou ser multado (que também pode ser convertido em ajuda com alimentos para entidades assistenciais), haverá também a exposição pública como réu, tendo que constituir advogado e se apresentar diversas vezes perante o juiz no desenrolar do processo, como foi o caso do Sr. "C" que a cada apresentação no juizado, tinha que pegar dispensa no trabalho, apresentando a intimação judicial para justificar suas faltas ao serviço, ato que ele taxou de vexatório.

Ainda no relato de Eduardo Seixas, segundo o pessoal com quem conversei nas minhas idas a campo, os que já foram pegos pela polícia nas rinhas, além de terem penas alternativas (prestação de serviço à comunidade ou multa) eles estão sendo designados como fiéis depositários de seus próprios galos, ou seja, ele vai ser encarregado de cuidar do animal que ele está sendo culpado por maltratar.

Em 27/04/2006 Patrícia Paganini Vieira escreveu no site ambienteBrasil.com.br:

Moro no sul do Espírito Santo, tenho um namorado que é galista mas no ano passado todas as rinhas que íamos logo fechava. Gostaria de saber como está a situação atual para a liberação em meu estado? Não adianta proibir o que não precisa ser proibido, os governos tinham que parar e se preocupar com coisas mais sérias como por exemplo a miséria.

Transcrevi as palavras da Patrícia, pois elas refletem um acontecimento nacional de repressão as rinhas. Como tive a oportunidade de fazer a pesquisa em dois momentos distintos e o primeiro momento foi quando ocorreu a prisão do Duda Mendonça, e agora, passados cinco anos, ficou clara a visão de que existe uma dificuldade enorme em ir às rinhas, já que muitas fecharam, muitos dos galistas que eu havia pesquisado não criam mais suas aves, outros diminuíram consideravelmente o número de galos de suas cocheiras e justificam que está muito difícil de ir às rinhas.

Não devo também achar que o que chamei de “evento transformador” (prisão do Duda Mendonça) seja também o único responsável por essa transformação na estrutura existente, pois seria uma visão um tanto ingênua sobre o episódio.

Pude ver claramente também um conflito que foi tomando forma durante algum tempo e culminou no confronto entre os galistas (que como já me referi anteriormente creio serem parte de um Brasil ligado tradicionalmente ao ambiente rural) e o movimento ambientalista, movimento esse constituído recentemente no País como um movimento urbano, ou seja, dá para descrever isso como um conflito entre o tradicional, o atrasado, o primitivo contra o novo, o futuro e o moderno. Esses são alguns argumentos utilizados para desqualificar os galistas, na busca de legitimar uma cultura autenticamente nacional, sem os “primitivos”.

A elite, que não é tão puritana, preocupa-se com o camponês pobre, ignorante, que aposta todo o seu dinheiro, com o que o estrangeiro poderá pensar, com o desperdício de tempo que poderia ser melhor aplicado na construção do país. Ela vê a briga de galos como “primitiva”, “atrasada”, “não progressista” e não combina, em geral, com uma nação ambiciosa. (Geertz, 1978, p. 197)

Por essa citação, pude observar que em Bali já na época em que Geertz pesquisou, havia um discurso similar ao que temos hoje aqui no Brasil. Um discurso que considera as rinhas como algo praticado por pessoas atrasadas, primitivas e que isso não iria ao encontro de uma nação desenvolvida, ficando claro existir uma desarmonia entre Estado nacional e sociedade, e que, tanto em Bali quanto no Brasil, são as elites que ditam o que é bom para a população, através das suas concepções.

Luiz escreveu em 16/01/2005 no site ambienteBrasil.com.br a respeito do projeto que tramitava na Câmara dos Deputados para legalizar as rinhas de galos:

Esse deputado e as pessoas que gostam de verem animais e pessoas se digladiando até a morte, só não recriam o circo romano porque isso escancaria a todos seus instintos violentos e bárbaros. Enquanto a sociedade saudável e normal busca uma forma de transmutar os instintos violentos para o da sociabilidade, ainda existem consciências que vivem no século 21 com mentalidade do século 0.

A citação expõe, de forma direta, que a sua maneira de ver o mundo é “saudável e normal” à mentalidade do século 21, enquanto os galistas são os de mentalidade atrasada, uma “mentalidade “século 0”. Para complementar essa afirmação, Matta e Soárez (1999, p. 21) mostram o modo como são tratadas pela “elite” e como essa parcela, permanentemente fascinada com a correção do mundo, vê as instituições capitais, tais como: carnaval, futebol, cachaça, jogo do bicho e, nesse caso estou incluindo, as rinhas de galos.

Essas instituições sempre apareceram como prova de ignorância e expressão de nossa perene tendência para a corrupção e o crime, como sinais de atraso cultural e sintomas de uma recalcitrante falsa consciência, essas marcas indelévels de ausência civilizatória e debilidade política e social.

Ruben George Oliven em seu livro “**A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil nação**” (2006 p. 40), diz que “em certos momentos, nossa cultura é desvalorizada por nossas elites, tomando em seu lugar a cultura européia ou americana como modelo.” Citei essa passagem, que vem ao encontro da citação feita anteriormente por Geertz (1978, p.197), para explicar que esse modelo ideal tenta mostrar a tendência que temos de procurar nos mostrar como desenvolvidos, ou uma contraposição ao rude ou primitivo. O que deve ser levado em consideração é que nos modelos os quais Oliven (2006, p.40) cita, também há pessoas adeptas às rinhas. Como exemplo na Europa, podemos citar a França e a Espanha e nos Estados Unidos três estados têm as rinhas liberadas (Teixeira, 1997, p.230).

Essa ligação entre estágios evolutivos pode ser encarada como um retorno ao que antropólogos evolucionistas como Edward. B. Tylor e Sir James Frazer consideravam. Esses estudiosos classificavam os habitantes dos continentes -fora a Europa- em outros estágios evolutivos. Assim, seriam os nativos das Américas fósseis vivos, enquanto os europeus eram o mais alto estágio de evolução da espécie humana, por isso há uma tentativa, pelas elites, de regravar os costumes do povo em torno do que prescreve a cartilha da cultura européia os quais são os

eruditos e “cultos”. O que não estiver nessa cartilha deve ser considerado próprio de um povo bárbaro, primitivo e “incultos”, pois somente quem tem a erudição deveria ser agente da cultura desejada. Então, quando vemos esses relatos chamando os galistas de primitivos, podemos crer haver uma lógica histórica que nos permitia fazer essas classificações.

A briga de galo voltou a ser liberada na Paraíba, segundo o site vista-se.com.br acessado em 18/11/2009. A decisão foi da juíza da 5ª Vara da Fazenda da capital, Maria de Fátima Lúcia Ramalho, por entender que o “galismo” - nome dado à prática – é um esporte milenar e que a Legislação brasileira não traz nenhuma proibição a tal. A decisão revoltou defensores da Associação Paraibana Amigos da Natureza (Apan). A presidente da associação, Socorro Fernandes, disse que a decisão foi vista como um retrocesso.

Não podemos aceitar que esse absurdo seja liberado. Classifico a decisão como falta de humanidade, pois a briga de galo configura crime de maus-tratos a animais silvestres. Permitir que a prática da briga de galo ou a prática de galismo é voltar à barbárie.

Declarou Socorro Fernandes, acrescentando que a associação vai procurar o Ministério Público para tentar reverter a situação.

A questão galismo/ cultura/ tradição contra ambientalismo/ progresso/ modernidade tem sido um tema extremamente debatido nos sites que o abordam na internet e fica claro no comentário que Miriam (postado em 05/11/2009) deixou se referindo ao texto do parágrafo anterior:

Como alguém com uma mentalidade tão atrasada pode ser juíza??!!!! Às vezes fica difícil acreditar que este tipo de retrocesso ainda possa acontecer, se alguém souber o e-mail dela, passem adiante para escrevermos o quanto o Brasil (porque pelo menos 95% das pessoas) são contra este tipo de barbárie.

O fato de ser uma matéria controversa, em que as partes nunca chegarão a um acordo, nos coloca numa situação em que, qualquer que fosse a decisão dessa juíza de direito, criaria polêmica ou para o lado dos galistas, os quais alegariam que está ferindo a Constituição Federal, não respeitando a sua manifestação cultural, recebida de antepassados; ou, como vimos acima, a opinião de que estamos tendo um retrocesso, uma volta à barbárie.

O comentário feito por Luiz Antonio Orioli em 16/11/2009, ainda em resposta aos comentários no site [vista-se.com.br](http://vista-se.com.br) em retaliação aos comentários da presidente da APAN:

Acho um absurdo é pessoas ignorantes que se metem a dar palpites. Vcs já viram, já tocaram um galo de combate. tem tanta imbecilidade que muita gente acha possível galos dessa raça conviverem sem brigar num mesmo ambiente. Conheço pessoas que ficam horrorizadas com brigas de galo, mas transam com gente casada e destroem famílias e casamentos sem nenhuma dor na consciência. ONG é o reino da hipocrisia. Legal que as pessoas são contra aquilo que afetam outros. Criadores são gente de bem como qualquer um. Ninguém cria galo de briga por ganância ou crueldade como afirma a “entendida”. Briga de galo a exemplo de jogo de bicho nunca vai acabar. Porque as pessoas que praticam são de bem e conscientes de que não são criminosos. Criam porque amam os galos de briga. Será que essa defensora tem certeza de que nas grandes competições de jóquei os cavalos adoram correr enquanto os afortunados brincam de apostar e namoram. Pq vc não sugere fechar os jóqueis-clubes. A festa do peão em Barretos! Galo é da cultura de pobre. É fácil destruir né? Hipocrisia!

A constatação que esse grupo faz é de que as pessoas que são contra as rinhas de galos nunca foram a uma rinha e falam sem conhecimento de causa, tornando difícil o diálogo. Ao fazer o comentário de que “ninguém cria galos por ganância ou crueldade”, ele afirma logo em seguida que os galistas criam porque amam os galos de rinhas.

Essa compreensão está no plano simbólico, já que há todo um entendimento, por parte dos galistas, de que esse animal quer lutar e deseja isso. Plano simbólico porque existe por trás desse depoimento, a ideia dos atributos masculinos de que o homem não foge da luta, de que tem de ser corajoso e valente, sendo o galo apenas um espelho desse universo, ou seja, nesse caso, a luta também está sendo dos donos, que veem nos seus galos os atributos que consideram de sua natureza, e que os galistas são os verdadeiros protetores dos galos de rinhas, pois, além do fato de que eles tratam bem os seus galos, também está em jogo questões de honra nesse processo, já que a ideia de não fugir do confronto é bem vista pelo grupo pelos fatores retro mencionados. Morrer lutando é motivo de aplausos pelo grupo, não por serem sádicos, mas por admiração de valores desejados pelo grupo.

Mariza Peirano no seu livro “**Rituais Ontem e Hoje**” (2003), afirma que: nenhuma definição sobre rituais deve ser dada *a priori*, de forma rígida: “ela precisa ser etnográfica, isto é, aprendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa”. Dessa forma, aproveitando as palavras da autora, quero pensar esse



evento (prisão do Duda Mendonça) como ponto de referência para um rito de passagem.

Consideramos o ritual um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela expressões e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo. (Peirano, 2003, p. 10)

Considero esse evento um rito de passagem, porque ele altera significativamente o cotidiano desse grupo. Como já me referi antes, não considero ser o evento da prisão um efeito milagroso, em que, do dia para noite, as pessoas se tornaram avessas às brigas de galos, porém acredito que existia a conscientização de um grupo que se identifica com uma postura ambientalista, a qual defende os direitos dos animais e que até então se manifestava de maneira discreta contra as rinhas de galos. Entretanto, após a prisão do referido publicitário, ocorreu por todo o país uma grande exposição do fato na mídia, que levou a uma “caçada” aos galistas, tendo como consequência o fechamento de diversas Sociedades Avícolas, em que havia rinhas. Além disso, transformou toda a mentalidade do grupo que, até o fato, se expunha a sociedade como galista, admitindo isso em público, como fazia o próprio Duda Mendonça, como foi referido no início desse texto.

Victor Turner em seu livro “O Processo Ritual” (1974 p.120) nos diz que a sociedade é marcada por momentos alternados e justapostos de estrutura e *communitas* (entendo como comunidade de iguais), ou melhor, “a vida social é um processo dialético que abrange a experiência do alto e do baixo, de *communitas* e estrutura.” Para o autor, a vida em sociedade é feita por um encadeamento de conflitos. Dentro de uma visão cultural, podemos afirmar que as pessoas que fazem parte de determinado grupo compartilham de determinados símbolos que são herdados pelas gerações mais novas, e a quebra dessa partilha é o fim desse ciclo cultural, afetando diretamente a estrutura do grupo.

O evento (o episódio de Duda Mendonça) quando ocorreu, surgiu no interstício da estrutura, e rompeu com uma ordem que regulava aquelas relações que estavam estruturadas por um amparo legal e também por uma via de consciência ambiental. A liminaridade é um estado de antiestrutura, ou seja, é onde estão ausentes as regras até então vigentes e que, em condições normais, regem o comportamento dos indivíduos de determinado grupo. Nessas condições, em que os

galistas não se expõem e as rinhas estão cada vez mais difíceis ou em lugares de difícil acesso, as condições culturais vigentes são afastadas, a ordem social, que até então estava estruturada, fica suspensa, e dá-se lugar a uma nova ordem de classificações. A fase liminar é de suma importância para ocorrer uma transformação dentro do grupo, pois, na ausência da estrutura normal, algo que está encoberto pelas ações do cotidiano pode vir à tona, transformando-se em um momento de reflexibilidade, não somente um refletir sobre o indivíduo, mas principalmente sobre o grupo. A importância dessa fase liminar se impõe de fato quando os indivíduos se permitem refletir, repensar suas atitudes enquanto grupo, possibilitando a criatividade e a transformação.

O grupo estudado demonstrou que realmente ocorreu esta quebra na estrutura e me levou a crer ter sido o evento transformador (prisão do Duda Mendonça) que motivou essa situação. De acordo com um paralelo entre a primeira parte dessa pesquisa (em 2004), havia na região diversas sociedades avícolas devidamente registradas em cartório com sedes de associação frequentadas abertamente por membros dessas entidades. Havia torneios nas mais variadas cidades da região com diversas opções inclusive alguns tradicionais com tinham datas certas para ocorrer todos os anos, sinalizando alguma festa ou data comemorativa. Ainda havia uma abertura sobre a sua condição de galista sem necessidade de esconder essa identidade, pois não havia repressão contra tal fato. Na segunda parte da pesquisa (em 2009), as sociedades avícolas praticamente desapareceram, os torneios eram raros, e quando ocorriam eram em lugares ermos e de difícil acesso e a condição de galista diminuiu, deixando mais complicado ter contato com novos informantes para participarem dessa pesquisa, como foi o caso do Sr. "A", que devido ao fato de o mesmo ter parado de criar galos (fato já mencionado anteriormente), resolveu me apresentar um criador que ainda tinha muitos galos na cidade, o Sr. "H". Fomos até sua casa em um sábado, perto das 11 horas da manhã e o Sr. "A", que era "de casa", muito amigo do dono da casa, entrou no pátio e foi direto chamando pelo dono da casa que não estava, porém, devido à amizade entre eles, o Sr. "A" me convidou para conhecer o galpão dos galos, onde realmente havia muitos animais, vários em passeadores no pátio e nas gaiolas do prédio. O Sr. "A" ainda mostrou que o dono estivera trabalhando com os galos havia pouco tempo, pois tinha dois frangos que ainda estavam com sangue,

por terem sido desbarbelados<sup>26</sup>. Ele ainda me mostrou alguns galos que foram seus, já que parou de criar devido à dificuldade das rinhas, deixando seus galos com os membros da sociedade Avícola Santa Isabel. Como o Sr. “H” não chegava, fomos embora. Mais tarde, aproximadamente às 14 horas, o Sr. “A” recebeu o telefonema do Sr. “H” que estava querendo saber se o Sr. “A” tinha certeza de que não era policial disfarçado que teria ido até a sua casa, se o mesmo tinha se informado com alguém já que eu não era conhecido de ninguém além do Sr. “A” até o momento, nessa cidade. Ele ficara sabendo, por um vizinho, de nossa estada em sua casa. Assim após esclarecidos os fatos, ele me recebeu e falou de sua preocupação em evitar problemas com a polícia, principalmente ambiental, já que o mesmo trabalha com corte de mato de eucalipto para madeireiras, estando sempre em contato com órgãos ambientais. Ficou claro que não há mais a abertura dessa identidade, antes aberta e exposta a todos, havendo repressão e consequências graves para os membros, afetando o comportamento do grupo como um todo. Se não acabaram as rinhas, como foi constatado, mudaram radicalmente o comportamento e a estrutura do grupo

Este momento liminar ou de antiestrutura é também o momento de crise, é o instante em que o grupo está em negociação, em que as partes contrárias tentam convencer a outra parte de suas convicções ou paradigmas, tendo a possibilidade da mudança ou até mesmo do fracionamento do grupo. Em outras palavras o resultado não está determinado.

Ao longo desse primeiro capítulo, tratei as rinhas como um assunto complexo e contraditório, tentando demonstrar as preocupações que ocorreram no desenvolver da pesquisa e o quanto foi difícil pesquisar as rinhas de galos. Preocupação em conhecer os métodos, utilizando-se apenas recursos que não colocassem os pesquisados em situação de risco, pois são um grupo que prezam pelo anonimato, devido a sua condição.

As questões éticas que transitaram nesse trabalho foram baseadas no código de ética do antropólogo e procurei, ao longo dessa pesquisa, refletir as diversas maneiras de pensar essas questões.

Procurei também mostrar que houve uma quebra na estrutura desse grupo, não só, mas principalmente através de um evento (prisão do marqueteiro Duda

---

<sup>26</sup> Desbarbelar, ato de cortar as cristas e outros possíveis pontos de apoio na cabeça, que podem atrapalhar durante a luta.

Mendonça), que trouxe muita discussão na mídia, ocasionando uma transformação muito rápida e significativa no grupo estudado.

## **CAPÍTULO II**

### **O GALO NA REGIÃO CENTRAL DO ESTADO**

#### **2.1 Os rinhadeiros no Brasil**

Para trabalhar com a construção de uma identidade entre criadores de galos, situei primeiramente um conjunto de informações sobre este tema, pelo fato de que este grupo é pouco conhecido fora de seu próprio universo. Apesar de esta dissertação analisar os galistas, um personagem da sociedade brasileira, originado do espaço urbano, mas em um tempo em que a organização social brasileira era predominantemente agrária e, nesse sentido, não analisei somente o personagem em si, mas também o sistema com suas redes de relações sociais.

Além disso, trabalhar com a construção da identidade em qualquer grupo da cultura ocidental é um desafio. Desafio esse que se deu pela complexidade das transformações ocorridas com essa população em espaço de tempo tão curto. Segundo os criadores mais antigos, era fato comum na região, bem como no restante do País (foto 01), na década de 50, não só pela heterogeneidade cultural como também pela dinâmica das relações sociais desses sujeitos ou o que há de novo e de recorrente nessa prática.



*Rinhadeiro em Porto Alegre em 1961, retirada da Zero Hora de 05/08/2005.*

Essa fotografia mostra a rinha no início da década de 60 (matéria na integra no anexo B), quando esta se tratava de um evento social. Percebem-se pessoas trajando terno e gravata, participando livremente das rinhas e o tipo de interação social que ela proporcionava.

Posso afirmar que, nos grupos os quais frequentei, os participantes, ao treinar os galos, geralmente estão com roupas singelas, as quais se usam para o trabalho, ou seja, roupas já bem usadas ou até mesmo esfarrapadas e, ao deparar com os mesmos nos eventos galísticos (rinha), estão sempre bem vestidos, por mais que estejam trabalhando com os galos, porém quando em rinhas há uma certa distinção da roupa usada no manejo diário com os animais. Diferentemente do observado nas fotos onde trajam terno e gravata, nos dias atuais vestem-se bem, não tendo bem um padrão definido de suas vestimentas, mas com a ressalva que sempre bem alinhados, até mesmo porque está em jogo também uma luta de status que é marcado pelas apostas e firmado no valor da honra e da palavra de homem (fato que é aprofundado no terceiro capítulo).

O primeiro registro comprovado de domesticação de animais data de dez mil anos (segundo a revista *Veja* de 24/11/2004), quando ocorreu a aproximação entre homens e cães.

Já as rinhas de galos, originaram-se na Índia, época do código de Manu (5000 a.c.), no qual estão escritas regras de brigas de galos, sendo, portanto, o esporte mais antigo do mundo, conforme Francisco Elias (1978, p.152).



*Fotografia raça indiana Asil considerada mais antiga do mundo  
Acesso [www Gallosedragliofarm.com](http://www.Gallosedragliofarm.com)*

As rinhas não podem ser consideradas como um fato típico de uma cultura isolada, (no entanto, fazem parte de um sistema simbólico único e peculiar em cada uma delas), pois as mesmas ocorrem em todos os continentes habitados e, aqui no Brasil, não é diferente. Segundo Teixeira (1992, p.152), nosso país tem aproximadamente 4000 rinhadeiros espalhados em todas as regiões. O galo mais utilizado nas rinhas é o Bankiva, cujo nome científico é *Gallus-Gallus*. Ao contrário do que diz o entendimento popular, que acredita que os galos sejam condicionados a lutar, os galos desta espécie têm uma pré-disposição para a luta desde jovens, ou seja, eles podem ser treinados para aperfeiçoarem a técnica de luta e o preparo físico, mas a luta em si é instintiva por uma pré-disposição biológica. Esse fato foi comprovado durante as pesquisas, já que pude presenciar em uma cocheira pesquisada onde pintos, de aproximadamente 02 meses, se confrontavam lutando, mostrando assim que sua agressividade é nata, sendo apurada por seleção humana. Não é adquirida por treinamento, e sim aprimorada.

Em todos os lugares onde ocorrem as rinhas, elas são acompanhadas de certas restrições, que são baseadas principalmente na alegação do sofrimento ao qual o galo é submetido.



Imagem disponível no site [www.rondoniavip.com.br](http://www.rondoniavip.com.br)

A alegação de que o galo é submetido a um tratamento cruel e grande sofrimento é combatida pelos galistas pelo fato de que raramente o galo morre no rinhedeiro<sup>27</sup>, embora não seja negado que ocorram mortes por falta de cuidados após as lutas.

---

<sup>27</sup> **Rinhedeiro ou rinhadeiro** é o local onde acontecem os combates (rinhas), que podem ser organizadas em forma de torneios ou domingueiras.



## 2.2 O TREINAMENTO DOS GALOS

Para nós galistas, não tem coisa melhor no mundo do que lidarmos com nossas aves. Vendo seu nascimento, acompanhando seu desenvolvimento, evitando que as mesmas se liquidem em intermináveis combates, sonhando em encontrarmos aquela cruzada que finalmente nos traga campeões imbatíveis, fato que raramente acontece. Apesar disso, no entanto, o bom da coisa, pois sempre estaremos tentando e quão felizes ficamos quando vemos um galinho nascido em nosso terreiro se tornar um craque.

(depoimento de um criador)

Durante a pesquisa junto aos criadores de galos, pude constatar, que os criadores diferenciam-se, alguns, de pequeno porte, somente criam os seus animais, fazendo a melhora genética com padreadores locais (galo considerado apto à procriação em geral, um grande campeão aposentado das rinhas), principalmente com pessoas de seu grupo de relações. Outros grandes criadores, os quais têm como negócio a venda de frangos de rinha ou galos já consagrados nos eventos, tornando a atividade uma forma rentável e não somente um hobby. Para isso, o criador deve ser minimamente conhecido e reconhecido por seus pares, e não é uma tarefa fácil adquirir um galo que seja consagrado nas lutas, para isso o possível comprador deverá dispor de uma boa quantia em dinheiro. Em conversa com o Sr. “A”, ele falou em pessoas que pagaram R\$16.000,00 por um galo renomado. Os frangos também são difíceis de comprar. Os melhores exemplares que são observados no dia a dia, nas cocheiras são separados pelos galistas sendo resguardados para não serem adquiridos por outros grupos rivais nos torneios. Houve um relato em que o Sr. “G”, criador de uma cidade pequena em que eu estava pesquisando, afirmou esconder um frango promissor para que houvesse a possibilidade de uma aposta alta com seus companheiros e para isso eles não poderiam saber de sua “carta na manga”.

Durante a pesquisa, quando se falou em matriz, geralmente os galistas se referiram somente ao galo. Em conversa com os criadores ficou claro ser essa referência somente para o lado paterno e tem justificativa, pois o fato não é de a galinha não ter importância nesse processo, mas sim de visibilidade, porque é o galo que é conhecido do grande grupo, participando dos eventos e do qual se espera uma descendência com as características herdadas. O Sr. “B” relatou que, ao parar de criar os galos de rinha, ele deu uma galinha de suas matrizes para uma vizinha que queria muito ter uma galinha fina pois as mesmas tem fama de serem boas

mães, já que as mesmas enfrentariam até os gaviões para proteger os seus pintos. O fato é que passadas algumas semanas, a vizinha retornou para pedir que buscasse a galinha, pois, essa já havia matado duas outras e um galo de sua criação. Segundo o mesmo, essa linhagem de galinha fora comprada por R\$1000,00 do Sr. “C”, e que as crias dessas matrizes eram muito positivas, tendo excelentes resultados nas lutas.

Por meio da pesquisa, foi observada a necessidade de que o galo deve apresentar boa saúde desde o seu nascimento até o seu treinamento. Deve-se destinar às competições aves sadias e vigorosas, amadurecidas, ou seja, após 14 a 18 meses de idade, porque as aves combatentes demoram mais para calcificar seus ossos e fortalecer a musculatura. Esses fatores só advém por completo com a maturidade dos galos e com as experiências das escorvas<sup>28</sup>, que é o treinamento de luta propriamente dito. As parelhas<sup>29</sup> devem ser pesadas e medidas e devem ser colocados os protetores, que são as buchas<sup>30</sup>, e as biqueiras dos quais existem vários modelos, visando ao mínimo de dano às aves e que consistem em envolver o bico e as esporas dos galos para que durante o treinamento eles não sejam feridos. O que se deseja é avaliar a força, os métodos de briga, as qualidades enfim. No início, batidas de 10 a 20 minutos são ideais. Com o decorrer do treinamento, pode-se aumentar o tempo para 40 minutos, divididos em 2 tempos de 20 minutos. Não se fazem batidas demoradas. Procura-se aprimorar a agilidade e a rapidez nas decisões e não pancadas, assim aprimoram-se os golpes nas repetições de treinamento, para uma melhor execução dos mesmos nas rinhas.

Similar ao discutido por Louïc Wacquant (2002, p.97) sobre o boxe e o trabalho do *gym*, quando ele fala da importância do *sparring* que, assim como as batidas, é onde se efetua a reprodução das condições de combate, em que se aprende o tempo dos golpes e as estratégias da luta. O Sr. “C”, durante os treinamentos, usava um galo o qual ele chamava de “palhaço” que não era muito bom de briga. Nas palavras, dele um galo mutuca<sup>31</sup>, porém não fugia da luta, sendo muito importante para treinar os outros galos, os quais ele tinha interesse em aprontar para as competições.

---

<sup>28</sup> **Escorvas** ou **batida** é a luta de treinamento, em que o criador ou seu grupo aprecia a capacidade e o desempenho de luta de cada ave.

<sup>29</sup> **Parelha** é a paridade entre os galos combatentes, que precisam ter condições iguais de peso.

<sup>30</sup> **Bucha** ou **batoque** é uma proteção utilizada nas batidas feito de esponja ou de couro, sendo a última similar a luvas de boxe, que se usa para proteger os galos durante o treinamento.

<sup>31</sup> **Mutuca** foi um termo pejorativo para designar os galos ordinários, usados nas rinhas.

É difícil explicar o manejo dos galos porque é uma coisa que se aprende com as pessoas mais experientes e, principalmente, com a prática. Essa prática forma o “olho clínico” conforme comentaram alguns criadores durante o trabalho de observação. No entanto esse olho clínico é a experiência que é atingida pelos galistas através da observação ao longo do tempo, pela troca de informações com outros galistas ou mesmo por testes a que os mesmos submetem seus galos, e observando as reações nos treinamentos, mantendo as medidas acertadas e eliminando as que não apresentam resultados satisfatório.

O que apresentei aqui é uma forma bem generalizada, pois existem até aparelhos para exercitar galos e existem também exercícios mais sofisticados, feitos inclusive em tanques com água, mas meu objetivo era apenas mostrar o que foi visto durante a pesquisa. Apesar de entenderem muito de galos, não há um consenso sobre as técnicas de treinamento e cada galista tem a sua para exercitar seus guerreiros, mas os exercícios e técnicas que tentarei descrever foram observados nos criatórios com os quais mantive maior contato, principalmente com a ajuda do Sr. “B”, que é veterinário.

O treinamento manual visa apenas a estimular e exercitar aquilo que no galo é considerado “natural” (ou despertar o instinto) no discurso dos galistas: bater as asas, correr, pular, devendo ser utilizada uma mesa que é forrada com espuma e revestida com um pedaço de carpete para não escorregar.

Pulos: colocando-se a mão sob o peito da ave, executa-se um movimento de elevação como se fosse jogar a ave para cima. Ela instintivamente bate as asas e aterriza na mesa estofada, o que também fortalece os músculos flexores das coxas. Existem variações na altura, conforme evolui o treinamento. Com a prática, usando-se as duas mãos (sob o peito e sobre a cauda), pode-se inclinar a ave para trás durante o pulo, o que a forçará a bater as asas com mais dinâmica.

Asas: na própria mesa, usando-se a beirada, se segura a ave pela cauda e inclina-se para baixo. Instintivamente se desencadeia uma seqüência de batidas de asas para retornar ao equilíbrio.

Correr: alguns usam a própria mesa, segurando a ave pela cauda, fazendo-a executar instintivamente movimentos com as pernas, mas o ideal é construir uma mesa giratória (como um disco de vitrola) onde se pode segurar a ave com mais comodidade para ela, com a vantagem de podermos aplicar uma resistência progressiva na rotação do “prato” como numa esteira.

Um criador, durante o treinamento, falou de sua habilidade em treinar galos e disse que, somente com o passar dos anos, se aprende a treiná-los. Aprende-se a olhar para o galo e ver de que está precisando: de exercícios, de ganhar ou perder mais peso, de medicamentos ou de descanso. Fez uma comparação entre o galo e uma borracha dizendo que os dois devem ser puxados (puxar no sentido de treinar, em relação ao galo), porém se os treinamentos forem exagerados demais assim como a borracha fica cansada e não presta mais, o galo, ficando cansado e não conseguirá ter bom desempenho na luta.

Após os exercícios alguns treinadores ainda fazem massagens na musculatura dos galos, aplicando após uma loção adstringente da qual cada um tem uma receita, mas é sempre um álcool ou cachaça, barbatimão e angico a que alguns acrescentam seus "ingredientes secretos" (cânfora, salicilato de metila, mentol e outros). Essa infusão de massagem é presente em todos os pesquisados. Eles acreditam que essa massagem principalmente nas pernas dos galos deixará sua pele menos sensível a dor e dará resistência para as lutas longas.

Nos dias de calor os criadores afirmam que é bom dar banho nas aves usando-se sabão neutro ou de coco, enxugá-las muito bem e colocá-las ao sol para terminarem de secar nos passeadores.

Dois fatores são fundamentais: alimentação e espaço. Como todo atleta, o galo necessita de uma dieta rica, porém balanceada. Notei que, em geral, é utilizado milho quebrado, aveia, girassol, verduras e legumes como cenoura, beterraba, couve, alguma proteína como carne, ovos ou leite e mais complexo vitamínico-mineral. Em algumas lojas agro veterinárias, pode ser encontrada uma ração industrializada já preparada, especialmente para galos de briga. Os galos que estão sendo preparados para a luta são postos em uma dieta rigorosa em que, por um longo período antes das lutas, são privados das atividades sexuais. A abstinência sexual é entendida como um incentivo para motivar o galo a lutar, ou nas palavras de Leal (1989, p.238) "fighting spirit is understood to be a direct consequence of sexuality and virility."

Espaço: o ideal seria que os galos permanecessem em passeadores o tempo todo, sempre se movimentando. Passeadores: 2 metros. X 0,80 X 0,80 (ideal para alguns dos criadores pesquisados não havendo um consenso geral).



Retirado do site: <http://an.novohamburgo.rs.gov.br/>

Tosa das penas: é representada como um outro assunto controverso. De uma maneira geral, adota-se a tosa das penas e plumas do baixo-ventre, interior das coxas e parte interna das asas, o que se justificam até para melhor manuseio, higiene e refrigeração. Alguns retiram também as penas laterais do pescoço. São costumes e técnicas herdados de outros tempos e outras culturas, já que não há justificativa lógica para o desempenho funcional da ave.

Jamais se destina a uma competição a ave que não apresenta os mínimos requisitos para tal: má saúde, defeitos, precária preparação física ou mesmo falta de qualidades competitivas são fatores determinantes porque estarão submetendo essa ave a uma prova que ela não poderá superar por estar em desigualdade de condições, e o que não é igual é injusto, pois o preço pode ser a vida do guerreiro e a imagem do treinador.

Um dos grandes criadores com quem tive contato o Sr. “H”, em conversa sobre sistema de treinamento, afirmou que grande parte dos galistas são preguiçosos e não disponibilizam tempo para treinar seus galos de maneira adequada. Assim, quando chegam às rinhas, seus galos estão fora de forma e eles tentam compensar com medicamentos “bombando-os”, fato não aprovado por ele,

pois, em sua opinião, se medicamentos ganhassem rinhas, os de pouco recurso financeiro não teriam chance, ou seja, em sua opinião, o que ganha rinha é trabalho e muita dedicação com os galos, além de uma boa seleção genética.

O Sr. “H” tem um sítio com mais de cento e cinquenta aves, e mantém um empregado para tomar conta delas e treiná-las e mantém em sua casa, na cidade, aproximadamente em trinta galos, dos quais ele toma conta pessoalmente para levá-los para as rinhas. Os galos que mantém no sítio ainda não estão preparados. Esse sítio é o criatório onde são gerados os filhotes através das matrizes selecionadas e testadas, mas a preparação final para as lutas é feita pessoalmente pelo Sr. “H” em sua residência. O sítio é também a alternativa para poder criar em grandes quantidades, devido ao espaço físico principalmente dos passeadores que foram descritos acima, onde os animais são postos para tomar sol e ciscar na grama.

Se poucos galos são inviáveis numa casa, com um pequeno pátio, imagine-se nesse caso em que são mais de 100 galos. Conforme a descrição dos passeadores ficou claro que eles necessitam de um certo espaço físico, e também que há necessidade de uma certa distância segura para que as aves não se biquem pelos vãos dos passeadores. As galinhas e os pintos que ainda não combatem ou combatem sem potencial de grande expressão ficam soltos no sítio até a idade em que começam os treinamentos, que já foram descritos anteriormente, e que vão até o galo atingir qualificação para a luta aproximadamente com um ano e seis meses, dependendo exclusivamente do olho clínico de seu dono, ou seja, a habilidade adquirida nas observações e treinamento de lutas de galos é que vai determinar se o galo está pronto ou não para ser posto na arena.

Dessa forma, tentei demonstrar um pouco do que foi observado nas idas a campo, para contextualizar o treinamento que é executado e a sua importância no intuito de obter o sucesso nas rinhas e demonstrando que existe uma preocupação com a saúde, a higiene, a alimentação e o preparo físico desses animais, que são tratados como atletas.

### **2.3 Violência e a ordem nos rinhadeiros**

As rinhas são associadas à violência (aqui não estou me referindo a violência gerada pela luta das aves, e sim a dos freqüentadores) pelo imaginário das pessoas

que não as conhecem, fato esse comprovado durante a pesquisa com alguns colegas do curso que ficavam impressionados pelo fato de eu não ter medo de fazer a pesquisa em rinhas de galos, um lugar tão perigoso, associado a um local frequentado por malfeitores e onde há tiroteios e brigas. Na verdade, no início eu tinha esse medo também, o que foi desconstruído quando comecei a frequentá-las e, posteriormente, fiquei com medo de ser preso durante as pesquisas devido às consequências que poderiam ocorrer devido às sanções legais decorrentes de uma participação em tal evento. O principal fator que leva as pessoas a associarem as rinhas a um lugar perigoso é o fato de serem vistas sempre de um ângulo jornalístico pela ilegalidade ou policialesco, quando são apreendidos os galos, além de serem feitas atualmente em locais escondidos e de difícil acesso, pois não são divulgadas permeando assim o imaginário das pessoas.

Segundo Leal (1989), na década de 80, quando fez sua pesquisa em rinhadeiros, havia uma associação dos galistas com o narcotráfico boliviano, que consistia em venda de galos brasileiros (principalmente galos provenientes do Rio Grande do Sul) para pessoas envolvidas com o tráfico internacional de entorpecentes. Para os gaúchos era um bom negócio já que na Bolívia eles usam um tipo de espora letal nas rinhas com a qual geralmente, mesmo que sobreviva, o galo não teria condições para outra luta. Isso tornou o negócio próspero durante essa década e, por outro lado, ajudou a criar uma imagem negativa para as pessoas que não participavam de tais eventos.

Entre as opiniões mais generalizadas, figura a de que as lutas de galos são promovidas por pessoas incultas, rudes, grosseiras e na maior parte das vezes, de nenhuma ou de muito pouca civilidade. É certo de que as pessoas as pessoas que esgrimam com semelhantes argumentos, certamente nunca presenciaram uma luta de galos realizada na devida forma, senão jamais argumentariam que somente indivíduos sem cultura e de instintos baixos poderiam interessar-se por essa modalidade de espetáculo. Semelhantes argumentos esboroam-se facilmente quando são citados nomes de galistas ilustres, muito, aliás, que se destacam nas mais diversas atividades em todo o mundo.

(retirado do site ambientebrasil.com.br, por Paulo Marinho)

O que o Sr. Paulo Marinho falou é algo que abordarei de forma incisiva nesse trabalho, pois considere, que por trás desse argumento, está a luta de galos que é

proveniente da mentalidade de um mundo predominantemente rural<sup>32</sup>, contra as concepções de ambientalistas que são provenientes de um mundo urbano. Nessa disputa verbal são constantes os ataques de um lado dizendo que são de pessoas rudes incultas e primitivas e de outro, a resposta geralmente alegando que quem falou não conhece um rinhedeiro. No mês de agosto de 2010, surgiu na mídia jornalística tanto televisiva quanto impressa, a notícia de terem sido proibidas as touradas na região ao norte da Espanha, tendo sido considerada pelos ambientalistas uma vitória da civilidade na referida região. Citei as touradas por terem em comum o mesmo elemento de acusação, que é infligir dor ou morte dolorosa e violenta a animais para o entretenimento humano. E, por outro lado, podemos afirmar que as defesas também são em sua maioria apoiadas no sistema da tradição. E assim como os defensores das rinhadas de galos, os defensores das touradas possuem no seu discurso a participação de pessoas ilustres, sendo mencionada referências como famosos escritores, renomados artistas e membros da nobreza européia, inclusive reis.



Na propaganda utilizada para sensibilizar a população para a proibição das touradas, seu apelo é que não ocorram mortes dolorosas aos animais para o entretenimento humano.

---

<sup>32</sup> Nesse caso para esclarecer melhor estou me referindo a revolução tecnológica, mecanização da produção agrícola que ocorreu a partir da década de 60, causando desemprego maciço no campo e uma procura por melhores empregos causando um inchaço nas cidades conhecido por êxodo rural.



O Sr. “A” galista veterano falou a mim:

Após a prisão do Duda Mendonça em uma rinha de galos no início de 2004, após aparecer na mídia, vindo ao conhecimento geral algo o que estava acontecendo há anos de maneira organizada e pacífica (ironicamente envolvendo combates) e sem ônus social.

Ele afirmou ser pacífica, pois, conforme relatou; ele nunca ouviu, leu ou viu que alguma vez a polícia tivesse encontrado em rinheiros disputas a tiros por cargas roubadas, pacotes de maconha, cocaína ou que tivesse ido à rinha para conter perturbadores da ordem e do sossego público. O fato de ser jogo de apostas e ter um ar de desordem por haver várias pessoas gritando os desafios das apostas, fez-me inicialmente demorar a entender o jogo.

Há uma lógica das apostas. No caso das rinhas, o quadro negro é utilizado (quando existe) para colocar o peso dos galos e nas apostas existe o “acordo de cavalheiros”. O acordo de cavalheiros consiste no valor da palavra do homem, ou seja, eles “atam” (palavra utilizada nas rinhas para fazer o acordo da aposta) o jogo verbalmente, variando de R\$50,00 a R\$5000,00 (somente na palavra), sem assinar nenhum papel e não há registro de brigas ou de inadimplências de pagamentos nas rinhas que frequentei.

Existem dois tipos de apostas. Uma delas é a central, que é estabelecida pelos donos dos galos que estão lutando, e é combinada previamente por ambos antes de começar a luta. Essa aposta é chamada de central porque é mediada pelo rinheiro que ganha porcentagem nessa aposta. Outro tipo de aposta é a lateral, que são as apostas feitas pela platéia, que se desafiam uns aos outros, durante o decurso da luta.

Há uma diferença monetária significativa entre as apostas centrais e laterais. A central consiste geralmente em apostas altas para, já que é feita pelos donos dos galos e os mesmos têm uma série de fatores que os levam a fazer uma aposta alta, tais como: o investimento em tempo e treinamento/tratamento desse galo, possibilidade de perda desse galo, pois, mesmo sendo vencedor, existe a possibilidade da perda por causa dos ferimentos que terão de ser tratados após o embate, e também por motivos morais, porque simbolicamente são os homens que se enfrentam na luta (assunto que será aprofundado logo em seguida nesse item) na

qual existe uma implicação de não ter medo , ser corajoso e isso implica aceitar desafios.

Por outro lado, as apostas laterais têm uma característica mais elástica que permite aos apostadores ajustar os valores de acordo com o bolso ou vontade. Assim as apostas laterais podem configurar como um cassino ou prado para os quais as pessoas se deslocam a fim de realizar suas apostas.

O dono de uma cocheira, ao falarmos sobre violência afirmou:

Pode ir numa rinha sem medo. Eu frequento rinhas há mais de 30 anos e é claro que eu já vi discussões, empurra/ empurra, mas nunca passou disso. Rinha é um dos poucos lugares em que a palavra ainda tem valor.

Uma das características encontradas durante as pesquisas foi o valor da palavra (que discuti com maior amplitude no capítulo três). O jogo de briga de galo, é estabelecido por uma disputa em que é acordado um determinado valor em dinheiro, para possibilitar a disputa. Esse valor, após estabelecido, será honrado pelo dono do galo perdedor que acatará a decisão dos árbitros da partida, entregando o dinheiro estabelecido antes do confronto para o dono do galo vencedor.

A manutenção da ordem passa necessariamente pela questão do valor da palavra, já que o não cumprimento desse acordo de cavalheiros seria motivo para acarretar a desordem no evento. Então há um consenso entre os galistas que as pessoas, as quais tentam de alguma forma contestar a arbitragem, ou fazem qualquer outra tentativa para se eximir do compromisso, são repelidas de modo que não participem mais dos eventos.

Dessa forma, em que há a manutenção da ordem, a violência, elemento que invariavelmente faz parte desse espetáculo e que contagia empolgando e atraindo o público desse evento, fica a cargo dos galos. “The whole point of cockfighting is that a man competes with another man using his cock as a mediator.” (Leal, 1989. P.215). Simbolicamente são os homens que estão competindo, tornando os galos mediadores desse conflito, que tem a duração do jogo ou da imposição de um galo sobre o outro. Nessa situação tem de se levar em conta do fato de ter de aceitar a derrota, principalmente nos casos em que é necessário a intervenção da arbitragem para definir o vencedor, pois, segundo o Sr. “A”, é nesses casos que os ânimos se alteram e por esse motivo as pessoas encarregadas de julgar as partidas tem de ser

notórios conhecedores do assunto, para evitar que a disputa saia da esfera simbólica.

## 2.4 A questão da legalidade

O desconhecimento de certos fatores ligados ao galo combatente tem gerado preconceitos históricos e as raças só não foram extintas ainda porque (segundo o grupo pesquisado) os verdadeiros amantes do galismo conservam, ao lado das tradições populares, suas atividades de seleção e aprimoramento, fundando associações, clubes galísticos, mantendo viva uma espécie que, se dependesse de alguns "defensores da natureza", já estaria extinta há muito tempo. Infelizmente para o galismo, existem pessoas que promovem "brigas-de-galo" pelo simples prazer da violência em si e não pertencem a nenhuma associação de criadores e não estão comprometidos com a preservação da espécie.

Pelo discurso dos nativos, a liberação das rinhas seria uma saída para a preservação da espécie, pois, se fosse liberada, teria a fiscalização do Estado e provavelmente haveria regras e controles maiores, como me foi dito pelo Sr. "B" durante a pesquisa:

Seria melhor liberar e de acordo com as regras impostas por associações sérias. Ter combates melhores selecionados com somente animais aptos para isso e, talvez, com suporte técnico de veterinários que não vão às rinhas por medo de perderem seus registros, com locais próprios para os combates, pois os galistas não gostam da ilegalidade de se esconder em fundos de quintais, sem conforto e com perigo. Com a liberação haveria mais empregos e maior geração de impostos.

No *jornal "Folha do Estado"* do dia 15 de março de 2005 (fonte site [www.ambientebrasil.com.br](http://www.ambientebrasil.com.br)), há uma reportagem de página inteira falando da liberação das rinhas de galos pelo Tribunal de Justiça de Cuiabá fato que já ocorre desde 2001. Em entrevista ao relator do projeto, o desembargador Rubens Oliveira, afirma que:

Briga de galos é uma questão cultural no Brasil, ao dar meu voto levei em conta o lado cultural da rinha de galo, que acontece em vários pontos do país. Não há nada que especificamente que proíba a rinha de galo, e sim de

abuso de maus-tratos de animais. Houve um decreto que proibia a briga de galo, mas foi revogado... (fonte ambientebrasil.com.br)

Neste caso, foi levado em consideração pelo Tribunal de Justiça o artigo 215 da Constituição Federal, que, em seu parágrafo primeiro, fala o seguinte:

Art.215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§1º. O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

E em contrapartida, há a lei 9605/98 que dispõe sobre as sanções penais e administrativas, derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio-ambiente a qual discursa sobre maus tratos.

Em 2004 tramitou o Projeto de Lei 4340/04, do deputado Fernando de Fabinho (DEM-BA), no qual poderiam deixar de ser crime as rinhas de galos. O deputado classificava a prática como uma conduta que já faz parte da manifestação cultural de várias regiões brasileiras:

A lei deve andar em consonância com os hábitos do povo e não contra eles, pretendendo modificar uma realidade existente e enraizada na sociedade; leis assim acabam por não serem cumpridas, sendo mais uma das que não pegam...Além do mais, quem cria galos ou canários para competição não causa ao animal nenhum mau-trato. (retirado da internet ambientebrasil.com.br/).

A Câmara de Franca em São Paulo retirou das paredes da Casa um quadro que retrata uma briga de galos. A obra de arte está no Legislativo há pelo menos 50 anos e, segundo alguns, representa o espírito guerreiro da Câmara da cidade. Outros, no entanto, dizem que o quadro foi colocado porque antigos vereadores eram adeptos da briga de galo. O fato é que a União Internacional Protetora dos Animais protestou contra o quadro, o caso foi a plenário e os vereadores decidiram retirar a ilustração.(site do dia 07/04/2005)



Em uma conversa com o Sr. “C”, que é um galista (como ele se intitula) “da antiga”, contei-lhe a história desse quadro, retratando dois galos lutando da Câmara de Vereadores da cidade de Franca, que havia sido retirado após manifestação do movimento de proteção aos animais, e ele respondeu “ mas esses vereadores não são galos, não lutaram”. Com isso nota-se que há uma positivação em torno da figura do galo que denota coragem, o que faltou aos vereadores para enfrentarem o referido movimento ambiental.

Voltando a tratar da Constituição Brasileira, pelo discurso dos galistas verifica-se na Seção III do desporto, em seu artigo 217 que é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um. Logo a seguir, no inciso IV é garantida a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional, e segundo o grupo, as regras brasileiras tornam as nossas brigas de galos um evento tradicionalmente brasileiro. Os galistas reivindicam ainda que, na nossa Constituição, em seu Capítulo VI no Artigo 225 que trata de leis do meio Ambiente um esteio amplo e sólido pode ser perfeitamente adequado aos processos de preservação das raças de galos combatentes. O grupo considera que suas aves constituem um sólido banco genético de avicultura, servindo de base para a evolução zootécnica das aves por apresentarem animais resistentes a doenças e de grande potencial muscular. Entre outras coisas, prevê o seu Artigo 225 Parágrafo 1º – inciso VII “proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécie ou submetam os animais a crueldade”. É do discurso nativo que as raças de aves

combatentes se constituem num patrimônio genético inestimável e que isso só foi possível devido à prática de sucessivas competições em milhares e milhares de anos. E que esses processos aparentemente cruéis, mas evidentemente necessários, premiaram a espécie com atributos surpreendentemente apreciáveis, como impressionante rusticidade, musculatura privilegiada, vigor físico incomum e extraordinário potencial genético. Não fossem as lutas de galos, isso poderia não ocorrer. Proibir a prática dessas competições é considerado um atentado contra o patrimônio genético de toda uma espécie, causando-lhe deterioração e em seguida sua extinção com graves prejuízos ao contínuo melhoramento das raças destinadas ao comércio e à indústria! Em comparação com outros animais, podemos dizer que os puros-sangues são postos a competir nas pistas de corridas e não é por requintes de agressividade que determinadas raças de cães são treinadas no combate ao crime e proteção do patrimônio público ou privado, bem como, também não é por crueldade que se põem os galos a lutar. Compreende-se assim que o grupo considera a necessidade da preservação do galo combatente, principalmente pela sua importância no desenvolvimento da avicultura doméstica. Nada mais são as competições a que são submetidos do que um complemento à manutenção e ao aprimoramento de suas qualidades, o que vem ocorrendo há séculos.

## **2.5 Galo: produto cultural**

Partindo da premissa de que qualquer coisa pode-se comprar, apropriar e utilizar, o galo também faz parte desse universo. Entre os galistas é comum o comentário a respeito da compra de galos, porém o que chama a atenção é a variação do preço que surge nas conversas. Sabendo que os bens, em si, são nulos e só agregam valor e autenticidade dentro de um determinado contexto social (Leitão e Machado, 2006.p.23), assim há galos que têm valores pouco expressivos para sua aquisição, existem galos que atingem a cifra de R\$16.000,00 ou mais(esse foi o maior valor comentado durante a pesquisa), fora do mundo dos galistas seu

valor é nulo. Assim as coudelarias<sup>33</sup> de renome têm um trabalho altamente rentável com a venda de seus animais.

Os galos, pelo exposto acima, tornam-se um bem desejável, mas aqui este não será tratado somente como um fenômeno econômico, pois seu consumo é também de uma questão cultural e social (Oliven, 2006, p.9). Quando um galista compra um galo de determinada cocheira, ele é condicionado socialmente pelo contexto em que ele vive e interage. Há uma lógica racional de comprar um galo de determinada cocheira para reproduzir campeões, ou para colocar em uma rinha e ganhar com as apostas, mas não devemos esquecer que há uma lógica simbólica que envolve diversos fatores muitas vezes difíceis de identificar a primeira vista, tais como status ou tentativas de aproximação com determinado grupo ou, em outras palavras, estreitar laços sociais, entre outros fatores possíveis.

Ainda nessa lógica simbólica, o que torna o galo um objeto de estudo interessante é o fato de poder pertencer a diferentes status e posições sociais devido aos contextos em que estão inseridos. Porém quando postos na rinha é alegado que eles serão postos em igualdade de luta pois “se o galo ainda pode andar, pode lutar, e se pode lutar, pode matar, e o que conta é o que morre primeiro”(Geertz, 1978, p.192). Aqui estamos considerando que, no início de uma briga entre os galos, os dois terão chances de ganhar. O que não podemos deixar de levar em conta é que há uma série de fatores externos que contam muito numa rinha e que não podem ser desconsiderados tais como: a linhagem, o preparo, o treino e a alimentação, fatores que aumentam muito as chances de sair vencedor. Então, na luta entre um galo de valor expressivo contra um galo mutuca, a probabilidade de derrota para o primeiro existe, mas é pequena. O Sr. “A” fez uma comparação interessantíssima a respeito do valor atribuído aos galos bons:

O galo bom de briga é que nem jogador de futebol, tu só quer que venham os craques para o seu time, né? Os galos da mesma forma, tu só quer os melhores, o problema é que os galos tiro<sup>34</sup> são muito caros.

---

<sup>33</sup> Coudelaria ou cocheira é o local onde são criados e treinados os galos, geralmente ligados ao nome de um grande criador levando também o nome de representação de determinada seleção genética.

<sup>34</sup> A expressão galo tiro foi usada como sinônimo de galo bom, em outra ida a campo um dos pesquisados que também a usou falou “os filhos do galo valente só deu filho tiro”, referindo-se ao fato de que determinado galo só produzia galo bom.

Os profissionais que cuidam dos galos, nas cocheiras a que fui, foram chamados de tratador. Esse profissional geralmente entende de galos e é contratado para fazer o treinamento completo, porém, em alguns casos, é responsável por somente parte das atividades, pois o dono da cocheira, como galista, gosta de ele mesmo selecionar e exercitar o animal.

O galismo no Brasil envolve todas as classes econômicas do país, gera empregos com uma renda para o profissional (tratador) de mais de um salário mínimo, onde há famílias inteiras que vivem dessa renda, se for acabar com as rinhas estarão também acabando com as fontes de empregos para muitos, diretamente profissionais e seus auxiliares (tratador) e indiretamente veterinários, farmacêuticos, vendedores e entre outros profissionais da indústria alimentícia o galismo também promove a inclusão social, visto que, há uma intensa interação de diferentes classes sociais.  
(Leandro Carvalho, [www.ambientebrasil.com.br](http://www.ambientebrasil.com.br))

Esse discurso do galista Leandro Carvalho, em relação aos tratadores que perderam ou vão perder seus empregos, foi recorrente durante a pesquisa. Conforme o Sr. "A", um grande criador de cidade da fronteira tinha em sua cocheira quatro tratadores. Com a diminuição das rinhas e, conseqüentemente, da demanda dos galos, ficou com somente um funcionário e três pais de família ficaram sem emprego. O fato de comparecerem nas rinhas todas as classes sociais não quer dizer que há uma igualdade na forma de apostar, mas, por diversas vezes, grupos com menor poder aquisitivo se organizaram para colocarem galos em que a parada era alta, já que a perda pode ser muito mais significativa para determinados grupos financeiramente falando.

Outro ponto que foi recorrente durante a pesquisa, é a legalização como forma de haver fiscalização estatal para minimizar os ferimentos dos galos, já que, dessa forma, as lutas seriam controladas e poderiam ser estabelecidas regras em que os galos utilizassem puas com menos poder de perfuração, fazendo com que seja regulamentado como algo próximo ao boxe, com ranking e geração de renda similar. Como no relato abaixo que foi feito pelo Sr. José Seabra no site: <http://tocablog.wordpress.com/2007/06/23/rinha-de-galo/>.

Lutas legalizadas, com regras definidas, acessórios que minimizem traumas inerentes a luta, critérios de ranking, enfim, condições que já são praticadas mais não chegam ao conhecimento do público em geral. Precisamos também quantificar economicamente isso com: valor de nosso plantel, custos de manutenção, postos de trabalhos, etc., só assim



poderemos sensibilizar os políticos para efetivamente aprovem a legalização de um esporte , que na verdade é uma tradição cultural.

O combate as rinhas continua ocorrendo de forma que o jornal “Diário de Santa Maria” de 11/03/2011 (no anexo C está notícia na integra) publicou em suas páginas policiais:

O dono do bar Galo de Ouro, onde os animais foram encontrados, Dirceu dos Santos, disse que cria os galos para vender. No local havia um cercado que, segundo a polícia, seria usado como arena. Santos nega e diz que no cercado, expõe os animais para que escolham os mais sadios.

Não levando em consideração de serem ou não verdadeiras as alegações do Sr. Santos, o fato de apreenderem os galos sem estarem em uma rinha não deveria pressupor maus tratos, portanto a alegação de Santos de que cria para vender é válida, pois sua criação para fins comerciais é legal. Porém não devemos esquecer que, para agregar valores consideráveis, esses galos devem estar em atividade (nesse caso lutando), pois, para entrar nesse mercado, o galo deve agregar valor ou por ser filho do galo tal, ganhador de “N” lutas, ou então ser o próprio.

Um relato interessante durante a pesquisa foi de uma amiga que afirmava que seu “tio era foda, ele era galista e picareta, e picareta dos bons que vendia até carro incendiando, o que davam para ele era vendido e que ele dobrava todos seus ganhos nas rinhas de galo”. Gostei muito desse relato pois ele mostra uma realidade que muitas vezes passa despercebida, em que as apostas têm uma representação muito forte no grau de relevância das lutas, já que o valor da aposta tem ligação direta com a importância do espetáculo.

Quanto à questão do volume (da aposta), o total é maior nas lutas de grandes apostas centrais porque tais lutas são consideradas mais interessantes, não apenas no sentido de serem menos previsíveis mas porque existe muito mais em jogo – em termos de dinheiro, em termos de qualidade dos galos e em consequência, como diremos, em termos de prestígio social.” (Geertz, 1978)

Essa citação, que se refere ao estudo em Bali, foi comprovada pela prática que observei, durante os torneios. As lutas com alto valor nas apostas centrais eram colocadas no tambor principal e concentravam maior atenção do público, gerando também grande volume de apostas paralelas.

Nos países fundadores da modernidade e do racionalismo (França e Inglaterra), o jogo de azar põe em xeque a liberdade individual e a idéia de probabilidade e abre um caminho paralelo e alternativo para um modo de enriquecimento que dispensa o trabalho. A reação moral e legal ao jogo, e na forma de legislação, tratados, folhetos, livros e peças de teatro, pode ser interpretada como um modo de resolver o paradoxo estabelecido por um duplo sentido. De um lado o incentivo para enriquecer trabalhando; do outro, de ganhar dinheiro especulando nas bolsas de valores ou nas mesas de jogo, pela jogatina. De fato, como condenar o desejo de ganhar dinheiro fácil, mesmo a custo de ser trivial e imoralmente enganado, se todo o sistema se funda exatamente nessa premissa?(Matta e Soárez, 1999, p.26)

No caso aqui tratado, que são as rinhas de galos, conforme o grupo pesquisado, quando se aposta é para ganhar e assim como existe o risco comercial de quem aplica na bolsa, nos galos também se arrisca, mas a motivação financeira é mais um elemento, porque há outros que justificam esse ímpeto pela vitória, até mesmo por ser um jogo que é baseado em cima de valores da masculinidade (como já afirmado anteriormente). O sentimento de perda, nesse caso, é uma derrota que pode recair sobre a sua honra, portanto os galistas não admitem no grupo as pessoas que tentam enganar colocando galos mutucas para tentar ganhar nas apostas paralelas.

Não se enriquece por apostar em rinhas de galos. Há apostas altas, sendo geralmente essas as centrais, que são jogadas pelos donos dos galos ou pelo grupo de amigos que treinam ou apostam juntos, porém diferentes das loterias e cassinos ou corridas de cavalos, não houve nenhuma manifestação quanto ao fato de algum participante desses eventos ter perdido todos os seus bens pelas apostas. Aqui há sim um valor moral em jogar pois é uma questão aplicada em relação a um valor concebido em cima da honra masculina, atribuída pelo valor da palavra do homem que, como dito certa feita por um participante, “tem que honrar o fio do bigode”, expressão da cultura popular brasileira em que o fio do bigode simboliza o compromisso empenhado durante o pacto entre dois homens e que deveria ser honrando.

Para Emerentina, jogar não era um teste de afirmação de personalidade ou simples tentativa de enriquecimento. Era um modo de renovar a alegria de viver, um exercício de voltar a ter expectativas generosas, um remédio contra o caos e um modo de ordenar fatos banais, imprevistos e cotidianos: essas coisas que conforme a articulação faz os dias iguais ou profundamente diferentes. Para ela, o pôquer, a roleta e, sobretudo, o barato, doméstico e tranquilo jogo do bicho -que os filhos e noras consideravam às vezes um “vício”, mas do qual meu avô Raul jamais reclamou (ele se dizia um eterno apaixonado) – era uma prática de esperança.(Matta e Soárez, 1999, p.13)

Usei esse trecho em que Roberto Da Matta conta a experiência vivida com sua avó Emerentina, a qual gostava de jogos de azar, demonstrando ser de uma importância ímpar em sua vida, algo muito acima de uma simples tentativa de enriquecimento, ou como Da Matta cita “um modo de renovar a alegria de viver”. O jogo em torno da rinha também vai muito além de uma tentativa de enriquecimento. É sim um rico sistema social baseado em valores de honra.

A nossa legislação tem regramentos para jogos de azar conforme o art.50 do Código Penal brasileiro determina que:

Estabelecer ou explorar jogo de azar em lugar público ou acessível ao público, mediante o pagamento de entrada ou sem ele:

**Pena** - prisão simples, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa, estendendo-se os efeitos da condenação à perda dos móveis e objetos de decoração do local.

§ 1º - A pena é aumentada de um terço, se existe entre os empregados ou participa do jogo pessoa menor de 18 (dezoito) anos.

§ 2º - Incorre na pena de multa, quem é encontrado a participar do jogo, como ponteiro ou apostador.

§ 3º - Consideram-se jogos de azar:

- a) o jogo em que o ganho e a perda dependem exclusiva ou principalmente da sorte;
- b) as apostas sobre corrida de cavalos fora de hipódromo ou de local onde sejam autorizadas;
- c) as apostas sobre qualquer outra competição esportiva.

§ 4º - Equiparam-se, para os efeitos penais, a lugar acessível ao público:

- a) a casa particular em que se realizam jogos de azar, quando deles habitualmente participam pessoas que não sejam da família de quem a ocupa;
- b) o hotel ou casa de habitação coletiva, a cujos hóspedes e moradores se proporciona jogo de azar;
- c) a sede ou dependência de sociedade ou associação, em que se realiza jogo de azar;
- d) o estabelecimento destinado à exploração de jogo de azar, ainda que se dissimule esse destino

Certa vez, estava observando um treinamento em um trabalho de campo cujo anfitrião era um amigo do Sr. “A”. Esse anfitrião estava preparando um de seus galos para exercitá-lo e fez um comentário que muito me impressionou. Disse ele:

Não deveriam terminar com as rinhas. Por que eles não acabam com as carreiras (corrida de cavalos). Eu sei por quê: as rinhas de galos é o cavalo de corrida dos pobres. Vê se eles se metem nos rodeios.

Ficou claro que ele estava se referindo ao fato de essas modalidades também serem causadoras de maus tratos e também se refere aos custos para criação em oposição aos galos de rinhas, que são de fácil acesso para a maioria da população,

pois não se precisa comprar um galo muito caro. Há várias formas de conseguir um galo de briga. Pode-se comprar um frango ou conseguir um frango de boa linhagem que não deu certo nas rinhas e pode ser utilizado para “passar o sangue”, cruzando com as galinhas que também são fáceis de conseguir.

Ao contrário das carreiras e do rodeio em que os custos para ter um cavalo de rodeio e gado para treinar o tiro de laço é muitas vezes superior aos custos de manutenção dos galos.

No caso das carreiras especificamente, os custos são muito discrepantes, pelos valores dos cavalos de corrida, ou pela necessidade de contratar um profissional para o treinamento em tempo integral e um jóquei para os dias em que for correr, além de ferradura, alimentação e veterinário. Em caso de animais de ponta, afirmam os galistas, que o seguro do animal, para caso de acidente ou doença, torna esse esporte próprio da elite.

## **2.6 A relação dono e o galo**

O grupo estudado se identifica (como já citado antes) como galistas. Considerei que podíamos entrar na primeira dicotomia pensando no galo não mais como animal destinado para a alimentação humana (animal doméstico) e sim como animal de estimação fato confirmado pelas palavras do galista Sr. “C”, que afirma que seus “galos comem melhor que muitas pessoas, são exercitados e têm condições de enfrentar seus adversários que também são bem tratados”.

O Sr. “C” demonstrou algo que estava sendo comum durante a pesquisa que é a igualdade entre os galos, ou seja, existe a luta, porém tem-se mostrado uma grande mobilidade entre o grupo em mostrar ser uma luta justa e mais, demonstram afetividade nessa relação homem/galo.

Banducci Júnior (2007, p.102), em seu estudo sobre os pantaneiros, afirma que os seus interesses em relação aos animais está em grande parte assentado em motivações de ordem pragmática, os animais domésticos como aves, porcos, ovelhas, cavalos e gado, são criados com a finalidade muito definida de servir aos homens. O grupo por mim pesquisado de certa forma também pensa assim, mas, apesar de alguns terem esse discurso utilitarista, existe também um discurso afetivo

que coloca o galo como animal de estimação, pela admiração e tratamento dispensados do dono ao seu galo. Nota-se que nessa relação, que é resultado da dedicação do galista para com seus animais, estabelecem-se fortes sentimentos e valores, pois, mesmo que o galo morra numa rinha, será lembrado por feitos heróicos, mostrando que essa relação apresenta-se em laços mais profundos e complexos do que o mero interesse prático.

Em se falando de animais de estimação, existem várias espécies e não só no Brasil, mas em praticamente em todos os continentes. São comercializados e principalmente classificados em padrões de suas respectivas raças. Geralmente os animais de estimação mais convencionais são cães, gatos, pássaros, peixes e tartarugas e outros mais exóticos como cobras, lagartos, iguanas dentre outros que são comercializados legalmente e de forma regular, assim como o galo de rinha, e não há implicação alguma em sua criação e comercialização, porém encontra obstáculos legais para a sua finalidade, a qual é proibida pelas leis brasileiras, por ser considerada maus tratos contra animais.

A relação dos homens com os animais nem sempre foi como é atualmente no trato de afetividade, pois segundo Keith Thomas:

Para entender tais sentimentos atuais devemos retomar ao início do período moderno. Com efeito, foi entre 1500 e 1800 que ocorreu uma série de transformações na maneira pela qual homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor. Alguns dogmas desde muito estabelecidos sobre o lugar do homem na natureza foram descartados nesse processo. Surgiram novas sensibilidades em relação aos animais, as plantas e a paisagem. O relacionamento do homem com outras espécies foi redefinido; e o seu direito a explorar essas espécies em benefício próprio se viu fortemente contestado. Esses séculos produziram tanto um interesse pelo mundo natural como dúvidas e ansiedades quanto á relação do homem com a natureza. (2001, p.18).

Assim, pelas palavras de Thomas, podemos considerar que o surgimento das cidades, da urbanização e até mesmo do sanitarismo foram decisivos para os animais no meio urbano. Os animais domésticos cederam espaço para uma nova categoria de animais: os animais de estimação. Os galos de rinhas se enquadram parcialmente na definição de Thomas sobre a distinção entre animais domésticos e animais de estimação já que o mesmo diz que existem três motivos que os diferenciam: 1º) permissão e livre acesso dentro das residências; 2º) receber nome pessoal e individualizado e; 3º) não servir como alimento.

Quando falo em se enquadrarem parcialmente como animais de estimação, refiro-me principalmente ao livre acesso nas residências. Mesmo que os galos principais fiquem em locais privilegiados, até mesmo dentro das casas, na maioria dos locais em que pesquisei, eles ficavam em galpões separados da casa, em gaiolas individuais, já que o comportamento agressivo deles com os outros galos torna inviável a convivência em grupo. Outro ponto em que não há unanimidade é quanto a não servir como alimento, pois os galos que não são classificados para as lutas são utilizados para a alimentação por alguns criadores (não todos). Porém, podemos dizer que os galos selecionados tem um tratamento de animal de estimação, já que recebem um cuidado diário que conta com atividades físicas, alimentação diferenciada higienização, nome e, se corresponder a sua finalidade (luta), pode se assegurar que não irá acabar na panela, ou pelas palavras de um galista e eminente estudioso dessa espécie o Sr. Francisco Elias ([.ambientebrasil.com.br](http://ambientebrasil.com.br)).

Parecerá um exagero isso, mas quem conhecer de perto um galista, em pouco tempo se inteirará de seu carinho e dedicação com as aves e não raro verá que, com orgulho, ele lhe apontará um determinado animal, já afastado das competições, com seis ou mais, conservado como "jóia rara".

Grande parte dos pesquisados compartilham do mesmo ideal de conduta de criação que tem fins morais e são baseados em uma relação de afetividade e admiração por essas aves. Cliffort Geertz (1978) quando estudava as rinhas de galos balinesas constatou uma profunda admiração entre homens e seus galos. Segundo o autor:

Os homens balineses, ou a grande maioria deles pelo menos, despendem um tempo enorme com seus favoritos, aparando-os, alimentando-os, discutindo sobre eles, experimentando-os uns contra os outros, ou apenas admirando-os, com um misto de admiração embevecida ou uma auto-absorção sonhadora.

Seguindo o raciocínio da admiração, diferentemente de outras criações nas quais a dimensão estética, que é a principal organizadora das classificações dos padrões de raças dos animais (como cães e gatos), nos galos busca-se o melhor lutador, ou seja, prefere-se sempre o galo que seja corajoso, valente, com brio, numa seleção minuciosa, na qual seus atributos de lutador, suas habilidades são mais importantes que sua beleza. Além disso, classificar não é apenas constituir

grupos, mas colocá-los em relação (Durkheim e Mauss, 1999). Toda e qualquer relação implica hierarquia e, ganhando as rinhas, implicará chegar ao topo dessa hierarquia, o objetivo dos membros desse grupo. Entender essa classificação é muito importante para tentar compreender o modo como as pessoas, que têm o galo como um símbolo de identidade, conduzem sua vida socialmente.

Existe a presença de uma razão cultural em nossos hábitos alimentares, que nos faz preferir, nas categorias de comestibilidade, cavalos, porcos e bois, cachorros ou galos dentro da sociedade americana (Sahlins, 2003, p.171). Sahlins ainda nos diz ainda que o tabu de comermos cavalos e cachorros (animais domésticos), se apresenta como imaginável pois a produção é possível e, nutricionalmente, não deveriam ser desprezados. Estão assim numa esfera cultural que os protege, já que, se fossemos levados somente pela racionalidade econômica, não teríamos restrições ao seu consumo.

Ainda sobre o tabu podemos afirmar que, em diversas partes do planeta, as diferentes culturas nos mostram algumas dicotomias tais como: nossa sociedade fica escandalizada quando um mendigo come um cachorro para matar sua fome, acionando a polícia e causando comoção em nível nacional (Zero Hora, agosto de 2005); por outro lado, não entendem por que “os hindus se recusam a comer carne de vaca mesmo que estejam morrendo de fome” (Harris, 1978, p.17). Assim como “a América é a terra do cão sagrado” (Sahlins, 2003, p.171), para os hindus, que veneram as vacas, elas são o símbolo de tudo o que é vivo; para os indianos são a mãe da vida, sendo portanto um sacrilégio matá-las. Alguns especialistas agrônomos, educados no ocidente, segundo Harris, afirmam que essa idolatria é a principal causa da fome e da pobreza na Índia, pois essa veneração mantém mais de cem milhões de animais que reduzem a eficiência da agricultura e não contribuem nem com carne ou leite embora entrem em competição por cereais e alimentos com os animais “úteis” e com os famintos seres humanos.

Samantha Oliveira (2004, p.14), ao estudar cães, afirma que os padrões das raças são tipos idealizados que na realidade não existem, mas fazem a estrutura que organiza o sistema classificatório do grupo funcionar. Então pude deduzir que existe uma busca incessante pelo galo “ideal” que seria um símbolo de diferenciação dentro do grupo, criando sempre uma expectativa de existir entre os filhotes aquele que será o campeão dos torneios. É através desses galos campeões que as pessoas se representam no grupo de criadores. Fora do grupo não se tem a

necessidade de ser reconhecido, já que é atividade ilícita, podendo trazer sérias consequências sua exposição.

Meus reprodutores vivem muito bem, mesmo depois de várias brigas e se, por infelicidade, ficarem cegos, são tratados com mais carinho ainda e respeito. São meus heróis, já que poucos homens da atualidade poderiam sê-lo.

(Eduardo A. Seixas no site [www.ambientebrasil.com.br](http://www.ambientebrasil.com.br))

O relacionamento do criador ou treinador com a sua criação é fator importante no desempenho esportivo das aves combatentes, ou como afirma Geertz (1978,p.188): “É apenas na aparência que os galos brigam ali – na verdade, são os homens que se defrontam.” Nesta passagem, o autor passa a idéia de as rinhas funcionarem como um espelho, mostrando a interação existente entre o galo e o dono e a importância dessa relação.

Durante a pesquisa com alguns criadores, ficou claro que muitas idéias que saem na mídia e nas conversas de botecos acontecem devido ao desconhecimento do assunto, tais como: os bicos de aço encontrados nas rinhas são feitos para cortar a pele do adversário e, na verdade, servem de proteção para que não seja quebrado o bico natural durante o combate. Dizem os ambientalistas, nas discussões na internet, que as esporas artificiais são para ferir o adversário com maior precisão. Pode até ser verdade, porém ela serve, principalmente, para evitar a infecção que as esporas naturais provocam, além de proporcionar a igualdade entre os oponentes, pois são usadas puas<sup>35</sup> de tamanhos iguais em ambos os galos. Elas não são uma arma a mais para o galo, pois ele já possui as que são naturais. Estou falando do contexto do Rio Grande do Sul, em que as esporas utilizadas são conhecidas como “espora ou arma gaúcha” que é pouco letal, por seu formato cônico e curto, comparada com outras também usadas como a que é chamada de “espora ou arma nacional” que é mais letal por ser maior e parecida com uma agulha. Outro engano que as pessoas cometem é pensar que os pesos dos animais expostos nas lousas é o valor das apostas. Isso tudo, repito, é provocado por total desconhecimento de pessoas que nunca frequentaram o meio.

---

<sup>35</sup> **Pua** é o termo usado em parte do sul do Brasil, para definir a espora artificial, que é colocada nas patas dos galos para igualar os dois combatentes, para que nenhum deles tenha vantagem sobre o outro, assim ambos terão os mesmos direitos na luta.





Foto da espora gaúcha e biqueira. Retirado do site: <http://an.novohamburgo.rs.gov.br/>

Uma grande parte das diferenças entre os galos, quando em ação nas lutas, deve-se, principalmente, ao manejo, e ao relacionamento com os seus donos. Quanto ao manejo foi observado que os galistas tem uma admiração por essas aves, a ponto de tê-las dentro de suas casas. Alguns criadores de galos têm um cuidado especial com seus competidores, cuidando de forma exemplar, dando espaço, treinamento, higiene e alimentação de forma adequada, para tê-los nas mais perfeitas condições a fim de que, quando forem lutar, os galos não fiquem em desvantagem sobre o seu oponente. Porém, há relatos de criadores que não respeitam seus animais, levando-os sem condições físicas ideais, ou o que é pior usando drogas para melhorar seus desempenhos.

Durante a pesquisa, nenhum dos pesquisados admitiu o uso de drogas<sup>36</sup> para melhorar os galos, mas é de conhecimento geral que alguns o fazem para tentar compensar a falta de treinamento. A prova de que ocorre é que medicamentos para dopar os galos foram apreendidos em uma rinha no Paraná (foto abaixo).

---

<sup>36</sup> A droga, que dizem melhorar o desempenho dos galos nos combates, é segundo criadores, chamada de final e é a base de cafeína e dada minutos antes das lutas, diluída em soro e aplicada com seringas utilizadas para diabetes.



Retirado do site: <http://www.aen.pr.gov.br/>

Para treinar ou lutar, são usados galos combatentes de pesos e medidas aproximadas. Nas brigas, nem cem gramas de diferença entre as aves são admitidas, demonstrando que há uma preocupação para que não seja uma briga desigual, e que não haja massacres com seus guerreiros.

Os galistas pesquisados demonstraram na pesquisa uma união, que pode ser entendida por organização em grupos. Os principais ganhadores das rinhas da região se reúnem para treinar e trocar experiências, importar novos galos e organizar as matrizes para melhorar a genética de seus criatórios, como também para baratear o custo do treinamento, pois alguns contratam alguém que entenda de galos para fazer o treinamento e a alimentação. Durante uma batida de frangos, um grupo falou da possibilidade de aliar ao seu um outro galista que estava se desvinculando de outro grupo por desavenças entre os integrantes. Salientaram a importância desse galista por sua rede de relações com outros, de vários municípios, de onde traziam muitos frangos bons. Tendo-o como aliado, pegariam os melhores lutadores para o grupo.

Os criadores, em grande parte, dão nome aos seus principais lutadores por suas características físicas diferenciadas, cor ou temperamento, como por exemplo o “Mocho” que era chamado assim por não ter crista (mocho é gado bovino sem aspas); o “Barbudo”, que era conhecido por uma plumagem na cabeça muito parecida com uma barba, ou ainda o “Negrinho”, que tinha as suas penas escuras

num tom esverdeado muito brilhoso. Fato que faz o galo e o dono ter uma relação diferenciada, pois animais para abate, não tem nome. O fato de ter nome e contato afetivo implicaria não poder matá-lo. Como fica claro no depoimento pego durante a pesquisa, junto a um criador:

Eu gosto de galos desde criança. Sou criador e dedico grande parte do meu tempo a eles, fazem parte da minha vida e os acho ótimos companheiros, mas em contrapartida, quando é necessário matar algum para o consumo, é minha esposa que o faz. Não tenho coragem.

Esse relato demonstra que há um vínculo afetivo estabelecido entre o galista e seus animais, já que o galo está inserido em uma linha tênue que varia entre um animal destinado ao abate e um animal de estimação.

## 2.7 A morte

Conforme Leal (1992, p.17), o gaúcho tem intimidade com a morte, por ter uma vida organizada em torno da produção do gado de corte, que é abatido na própria estância<sup>37</sup>. Uma das pessoas envolvidas na minha pesquisa, o Sr. “G” mantém, aos 60 anos, a profissão de carneador<sup>38</sup> em matadouros da região. Em uma de minhas observações participantes, o mesmo afirmou, após ver um de seus frangos lutar numa batida sem demonstrar progressos na luta, que lhe seria dada mais uma chance, porém o frango deveria melhorar 150 por cento para escapar da panela, mostrando dessa forma que a relação animal/ dono, em alguns casos, também não se distanciam da criação de corte.

O Sr. “C” deu sua opinião sobre o tema morte, afirmando que os seus animais, para irem a uma rinha tem treinamento de um ano, enquanto os galos de granja, apesar de todos os cuidados, não chegam a 02 anos de vida, quando

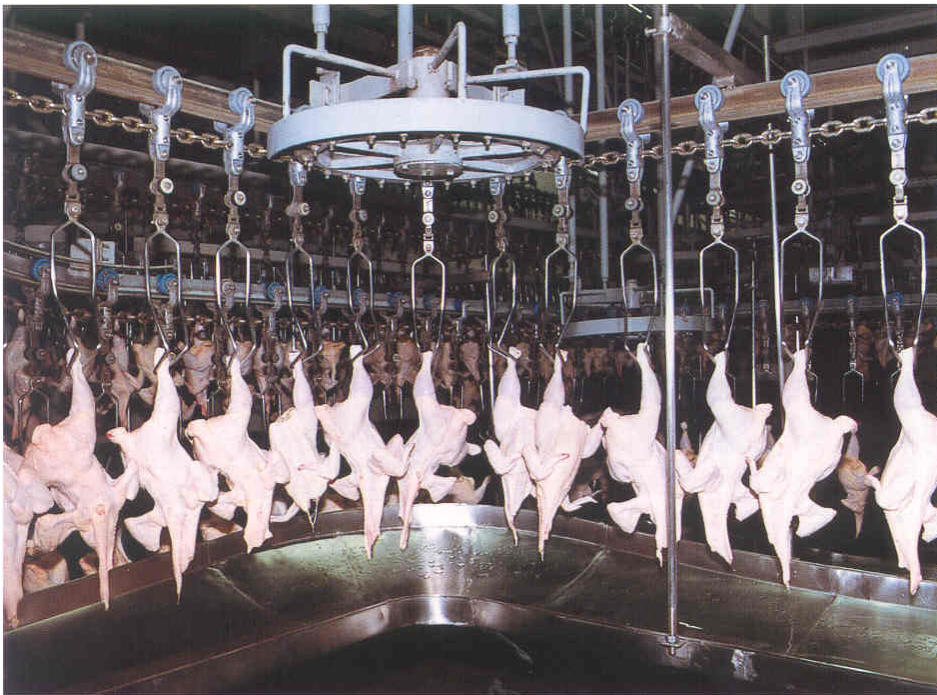
---

<sup>37</sup> **Estância** no Rio Grande do Sul, é o estabelecimento rural de grande porte, destinado especialmente à criação de gado bovino, podendo haver também ovinos ou equinos. É formada geralmente pela casa, onde mora o proprietário -também chamado de patrão- e sua família, pelo galpão, onde vivem os peões, pela casa do capataz, onde este vive com sua família, o potreiro, os currais, para encerrar o gado, o piquete, as invernadas, onde o gado é cuidado.

<sup>38</sup> **Carneador** nesse texto está sendo referido-se à profissão exercida em matadouros em que é abatido gado bovino, sendo o carneador a pessoa responsável por matar, tirar o couro e separar em pedaços o animal.

destinados à reprodução, e os de corte nem mesmo chegam à fase adulta (pelos avanços da zootecnia estão abatendo hoje aos 42 dias), o que, na sua opinião, deixa o círculo da vida incompleto, pois a vida é nascer, crescer, reproduzir e morrer e, nesse caso, nasce e quase cresce. Ele não quer “levantar a bandeira” por essas aves porque ele ainda afirma que gosta de um frango assado, mas não gostaria de ver os seus animais, depois de tanta dedicação, morrerem com uma faca no pescoço. Dá a eles o direito de morrer lutando, porque, se o animal fosse ao matadouro, ele não iria com toda arrogância e valentia de quando vai para o combate e quando o galo acha duro o combate, abandona a briga e no matadouro ele não tem essa opção. Outra observação importante foi que uma derrota na rinha não está necessariamente ligada à morte desse animal, pois na sua criação há galos velhos com até 09 rinhas havendo vitórias e derrotas.

Quando se tomava o tema morte e sofrimento, outras questões entravam em discussão, pois, nas criações modernas de animais para abate, o processo industrial tem feito os animais serem criados em confinamento, no qual são amontoados de maneira tal que passam a vida inteira, que é muito curta, em condições horríveis.



Ao olharem para o seu prato de comida e fizeram a seguinte pergunta : como foi criado e abatido esse "bife", essa galinha, esse carneiro, essa mortadela....Se não sabem, o Boi é abatido com um ferrão introduzido na nuca e depois sangrado com uma faca no peito, a galinha de frigorífico é alcançado abatimento com 45 dias, de pintinho para Frango, e morto a canivetadas dentro do bico, o carneiro é DEGOLADO, a mortadela é feita em Bragança Paulista onde içam o cavalo e cortam suas 4 patas para tirar o ardor da carne.(morte lenta). As peles que as madames usam estão sendo feitas de pele de Rusk Siberiano, onde para não estragar a pele, tiram a mesma com o animal vivo.... Pois é gente, será que a briga de galos é o único dentre de tudo que se sabe sobre crueldade contra animais? (Luis Henrique do site ambienteBrasil.com.br)

Se compararmos o sofrimento dos galos de briga e de granja, embora não possa ser justificado, não seria dizer que podemos maltratar apenas se o motivo for o de acumular lucros e prover alimentos? Segundo a revista Veja, Peter Singer (2004), o qual escreveu o livro **Liberção Animal**, isso acontece por um equívoco ético fundamental, porque, até pouco tempo atrás, os racistas pensavam que um ser humano que não pertencesse a sua raça se situava fora da esfera da ética, então podia ser capturado e feito escravo. Para Singer, os homens têm uma espécie de preconceito contra as outras espécies (o que ele chamou de especicismo) comparável à escravidão dos negros. Para ele, os animais devem usufruir os mesmos direitos concedidos a qualquer humano, por uma única razão: como nós, eles têm capacidade de sofrer física e psicologicamente. E, por esta perspectiva, tanto as rinhas como o abate para o consumo, seriam condenáveis.



Retirado do site [www.gallosedragliofarm.com](http://www.gallosedragliofarm.com), foto de 1901

Por outro lado, temos as idéias do historiador Felipe Fernández Armesto (2004) no livro **Animal não é Inviolável**, que defende não haver problema nenhum em comer carne e, do ponto de vista estritamente lógico, isso se aplicaria ao consumo de carne humana. Segundo Armesto, é extremamente complicado para alguém que coma carne aceitar o canibalismo, sem apelar para a suposição de que a humanidade esteja num patamar superior, tendo uma posição privilegiada sobre as outras espécies (posição duvidosa do ponto de vista lógico). A vida humana é inviolável para os humanos, enquanto a vida de outros animais não o é. Com base no fato de que a humanidade constitui uma comunidade moral, que surge do reconhecimento mútuo de sentido universal de grupo, somos levados a crer que os seres humanos, ao se sentirem num patamar superior, se sintam no direito de subjugar os galos e fazê-los como objetos de uso livre do ser humano, da mesma forma que subjagam as aves ao confinamento para o abate.



*Retirado do site [www.apadescalvado.embrapa.br](http://www.apadescalvado.embrapa.br)*

Essa foto mostra o confinamento de aves de corte, as quais são abatidas com 42 dias e, nesses poucos dias, as aves comem dia e noite (deixam luzes acesas) para engordar o mais rápido possível e assim se transformarem em lucro para os criadores. Durante a pesquisa, houve uma comparação de abatedouros com um campo de concentração nazista: não há preocupação com o bem estar físico dos animais, pois morrerão em breve. Em comparação com os galos de briga, que só começam a ser treinados depois de um ano, vivendo soltos e, após aproximadamente uns seis meses de treinamento, ganhando um tratamento de luxo com alimentação e treinamento físico, além de instalações higienizadas e individuais confortáveis. Próximo aos dois anos ele vai começar a lutar, chegando no seu auge físico aos 03 anos e, mesmo com as rinhas, os galos bons de briga vivem em torno de seis a oito anos. Encontrei na Internet (<http://galocombatente.sites.uol.com.br>) o registro de um galo que morreu com 12 anos, quando completam o ciclo da vida como já falado anteriormente: nascer, crescer, reproduzir e morrer. Claro que este é o discurso do grupo sobre sua atividade

Abordei nesse segundo capítulo as questões referentes ao contexto em que as rinhas de galos estão inseridas, em nossa sociedade. Situei historicamente as rinhas, mostrando não só que elas são um fenômeno cultural, mas também a importância dos treinamentos em que os galistas muitas vezes formam grupos interagindo de forma organizada. Demonstrei também a reação do grupo quanto à

idealização feita por aqueles que não fazem parte desse contexto, e as leis que incidem sobre o grupo. Foi analisado o galo como item de consumo, e foi trabalhada a questão de ser o galo não mais um animal destinado à alimentação e sim um animal doméstico, sendo tratado como tal e a interação entre o homem e o seu animal e, finalizando esse capítulo, foi abordada a forma com que os galistas encaram a morte de seus animais, bem como as discussões do grupo em torno desse tema.



## CAPÍTULO III

### O GALO: UM SÍMBOLO POLISSÊMICO

#### 3.1. O Galo na Cultura Popular

Nesse capítulo foram abordadas questões referentes a polissemia do galo na cultura brasileira e gaúcha, mostrando que o ele é simbolicamente tratado como um sistema totêmico, o qual representa uma série de valores dentro da sociedade brasileira. Valores que são apreciados durante um jogo absorvente, repleto de emoções e significados próprios do grupo. Por fim foram trabalhados aspectos da identidade desse grupo relacionados com a masculinidade.

Ao pensar de que forma o galo é representado pela cultura popular, ocorreu a idéia de pesquisar o jogo do bicho. A meu ver funciona como uma loteria popular que, mesmo sendo contravenção<sup>39</sup>, tem seu funcionamento, assim como as brigas de galos, em praticamente todas as cidades brasileiras (Teixeira, 1992, p.24).

Essa loteria brasileiríssima que, conforme Matta e Soárez (1999,p. 27), fora chamada de “totemismo moderno” e faz uso dos animais como operadores simbólicos. Os autores afirmam não ser possível entendê-lo sem penetrar no estilo brasileiro de conceber os animais, esses seres emblemáticos que dão força ao pensamento mágico que os engloba, transformando animais em bichos, que se tornam metáforas da nossa sociedade. Aqui nos deteremos somente em tentar entender a concepção brasileira do galo como criatura emblemática dessa cultura popular.

O jogo do bicho abarca em um mesmo plano de realidade e em ordem alfabética, animais domésticos e selvagens, nacionais e exóticos, uma série numérica abstrata e artificial igualmente dotada de valor simbólico e, mais além, objetos, emoções, ações sociais, tipos humanos, etnias, desejos, cálculos sociais, dinheiro, símbolos de poder e motivações, revelando que

---

<sup>39</sup> É considerada contravenção pelo art. 50 do código Penal Brasileiro e abrange ao mesmo tempo o jogo do bicho e as rinhas pelo fato das apostas.

nada é impossível para a imensa criatividade do espírito humano. (Matta e Soárez, 1999, p. 39)

O jogo do bicho é constituído por 25 bichos tomados como foco que permitem várias interpretações pelos seus comportamentos ou que se aproxima de seu modo particular de ser e sua perspectiva ou ponto de vista ou sociedade, já que os animais podem lhes parecer simpáticos, indiferentes, ariscos, inteligentes, amigos, difíceis, fortes, ou, no caso do bicho que nos interessa nesse caso, o galo, que é valente.

O galo é o décimo terceiro animal dessa lista, e corresponde aos números 49, 50, 51 e 52. O sistema totêmico Galo dentro da cultura popular brasileira, que pelo jogo do bicho, surge através de sonhos ou intuições transmite não só a ideia de bravura e de coragem, mas de fé, lealdade e liberdade. Essas ideias são transmitidas seja pela famosa "Missa do Galo" no Vaticano, ou seja levando em consideração a grande maioria cristã, fruto de uma colonização europeia em nosso país, pela qual muitos sabem que, quando Pedro negou a Jesus Cristo por três vezes e o galo cantou, advertindo sobre a deslealdade do apóstolo, seja também pela figura do galo no escudo da seleção francesa que significa o "*Canto da Liberdade*" ou pelo famoso bloco carnavalesco pernambucano "Galo da Madrugada" que é sinônimo de festa e liberdade.

O galo, conforme Damatta e Soárez (1999, p.147) é associado, dentro de um quadro de potencialidades sociais, a um mensageiro arauto que com sua voz de comando nos desperta para mais um dia de trabalho, com a voz autoritária dos superiores o que indica a presença de um patrão, senhor ou dono. Ele ainda convoca para a luta, labuta ou trabalho e para a vida, sendo um símbolo de trabalho e o oposto à cama e ao sono. Representa também um posto intermediário entre domínios gerais da natureza, atuando na zona liminar entre a noite e o dia. Essa visão sobre o trabalho e sobre a posição do galo nos revela um universo de laços sociais hierarquicamente estruturado em que as relações têm como fonte ordenadora o patrão, portanto o galo, pela autoridade imposta, é representado pelo capataz, gerente ou um braço direito.

O galo também é visto sob o ângulo da potencialidade sexual na qual é associado ao membro masculino "tem crista, é brigão e está sempre ereto e empertigado" (Damatta e Soárez, 1999, p.150). O galo, no Brasil, é simbolizado como um atributo físico de virilidade, sendo o galo (nesse caso também o peru e a cobra) uma figura metonímica do aparelho reprodutor masculino.

O galo combatente como um totem é composto por uma tríade-galo- homem-aposta, partindo da visão desse animal pelos seres humanos que culmina em um evento, para admirar seus atributos naturais de coragem e valentia, e a aposta vem a ser a afirmação desses atributos que é expressa pela coragem de apostar no seu galo, não ter medo de perder e, se perder, tem que honrar a palavra que também é um atributo do homem de valor. Atributos esses que fazem o elo de intimidade entre natureza e cultura, já que interpreto que a apropriação entre o que os galos apresentam nas arenas e o que os homens vêem e agregam no sistema de valores morais, dessa forma servindo para a construção dessa identidade social.

Os atributos apresentados pelos galos, de certa forma, nos remetem à idealização dos totemismos clássicos, os quais afirmam que o grupo faça a associação com um animal para que o clã que adote determinado animal ou planta se diferencie de outros. O totemismo foi tratado por Levi Strauss (1975) de forma que os animais não são utilizados como um sistema totêmico apenas porque existem ou tenham utilidade, mas porque propõem ao homem um método de pensamento. Para ilustrar como as características exaltadas pelos galos apresentam tal proposição, apresentei a história do clube Atlético Mineiro, que é conhecido nacionalmente pelo seu mascote.

Na década de 40, o chargista Fernando Pieruccetti, o Mangabeira do jornal "*Folha de Minas*" recebeu a missão de conceder a cada clube do futebol mineiro um mascote. Algumas pessoas queriam que um pequeno índio fosse o mascote atleticano. Entretanto, Mangabeira preferiu o galo carijó, porque, segundo o site oficial do clube, havia um galo carijó imbatível nas rinhas de Belo Horizonte. Conforme mangabeira: "O Atlético Mineiro sempre foi um time de raça. Mais parece um galo de briga, que nunca se entrega e luta até o fim (disponível no site [www.atletico.com.br/site/cam/mascote](http://www.atletico.com.br/site/cam/mascote)).

Mangabeira foi o criador, porém o maior divulgador do mascote foi o lendário jogador Zé do Monte, que defendeu o Atlético Mineiro nos anos 1950. No período em que atuou no clube, Zé do Monte sempre entrava em campo segurando um galo carijó. E após a conquista do pentacampeonato estadual de 1952 a 1956, a torcida atleticana adotou o grito de "*Galo!*", entoando-o nos estádios por onde o Atlético Mineiro joga. O seu hino escrito por Vicente Motta deixa claro como o clube se apropria das características exaltadas.

Nós somos do Clube Atlético Mineiro  
 Jogamos com muita raça e amor  
 Vibramos com alegria nas vitórias  
 Clube Atlético Mineiro  
 Galo Forte Vingador.  
 Vencer, Vencer, Vencer  
 Este é o nosso ideal  
 Honramos o nome de Minas  
 No cenário esportivo mundial  
 Lutar, Lutar, Lutar  
 Pelos gramados do mundo pra vencer  
 Clube Atlético Mineiro  
 Uma vez até morrer  
 Nós somos Campeões do Gelo  
 O nosso time é imortal  
 Nós somos Campeões dos Campeões  
 Somos o orgulho do esporte nacional  
 Lutar, Lutar, Lutar  
 Com toda nossa raça pra vencer  
 Clube Atlético Mineiro  
 Uma vez até morrer.

Fato é que o Clube Atlético Mineiro é tanto conhecido por seu mascote como pelo seu nome institucional. Pelo hino do clube, podemos ver na primeira estrofe “Clube Atlético Mineiro galo forte vingador”, que faz comparação do clube com seu mascote, deixando expressa a ideia de que o clube quer ser simbolizados pelos elementos culturais identitários de força e valentia que são representados pelo galo. Na última estrofe “Lutar, lutar, lutar/ Com toda nossa raça pra vencer/ Clube Atlético Mineiro/ Uma vez até morrer” o autor do hino quis passar a noção de coragem, de quem não se entrega na luta, a noção de raça que faz parte do discurso dos galistas que diz que um galo “raçudo” não foge da luta mesmo que a consequência seja a morte.

Durante a pesquisa etnográfica, ficou clara a visão do grupo dessa forma em que está sendo apresentada: o galo como um totem, uma admiração por parte dos galistas em cima de um sistema de valores considerados masculinos, apresentados por esse animal durante o combate, ou como me falou o sr. “A”, quando perguntado de por que gosta das rinhas de galos respondeu: “acho que queria ter a mesma determinação que vejo nos galos - fibra, raça e valentia”.

O ex-governador Olívio Dutra, ficou conhecido pela alcunha de Galo Missioneiro. Segundo Brum (2006,p.63), foi durante o desfile farroupilha de 2001, enquanto o então governador saudava os tradicionalistas, foi aclamado em pleno desfile com o grito de “galo missioneiro” por um integrante da entidade tradicionalista Candeeiro do Sul. O referido governador é natural da cidade de Bossoroca, município integrante da região das missões e durante várias campanhas eleitorais também foi chamado de “Índio missioneiro da Bossoroca”. O fato de o governador receber essa alcunha de galo missioneiro demonstra a circularidade da relação entre natureza e cultura. Ao ser chamado de galo missioneiro, podemos acionar os elementos totêmicos já citados anteriormente, que compõe este ente cultural, ou em outras palavras, todo um sistema de valores sociais relacionados com valentia, coragem, brio, honra, força e poder que estão simbolizados pela figura do animal em questão passam a ser incorporados à figura do governador Olívio Dutra, um governador predisposto a lutar pelo domínio do cenário político, ou lutando para defender o Estado.

Para compreendermos melhor como os gaúchos missioneiros adotam a figura do galo em sua cultura tentei analisar a música “Galo Missioneiro” do músico Pedro Ortaça:

Não topo banca de rico  
Sou mais arteiro que artista  
Porém onde eu abro o bico Missioneiro  
Outro galo abaixa a crista

O primeiro verso ressalta uma independência do artista campeiro, complementado pelo segundo verso que mostra a rusticidade e a suposta falta de padrões artísticos em relação aos cantores missioneiros. Porém, mesmo assim, onde ele canta, qualquer outro "galo" se cala: valente e sobrepujador.

Por isso trago do Jayme  
As bandeiras e os cavalos  
do Aparício Rio Grande neste  
Meu timbre de galo

Essa estrofe mostra as referências, que remetem a ancestralidade, autenticidade herdadas de outros missioneiros ilustres: Jayme Caetano Braun e

Aparício Silva Rylo. Justamente onde Olívio foi buscar sustentação para aceitar a desinência de um "galo missioneiro".

Não me encolho pra cardeal  
Roxinol é coisa pouca  
Por que o Rillo e Braun  
Versejam na minha boca.

A menção a cardeal é uma referência ao militarismo, aos boinas vermelhas, no imaginário sulino do início do século XX e pós-guerra. O rouxinol é o cantor refinado, afinado, elaborado. Ao contrário dos missioneiros que se imaginavam autodidatas, desafinados, rústicos e grosseiros. Rillo e Braun são novamente a referência, das letras que versejam na boca de Ortaça.

Outra música que selecionei para demonstrar como o galo é representado como um sistema totêmico na música regional do Rio Grande do Sul (música gaúcha) é a “Bica meu galo” que é cantada pelo grupo musical Garotos de Ouro e composição de João Sampaio e Elton Saldanha.

Tive um galo São Gonçalo que até hoje ainda me assombra  
Quando amanhecia louco peleava com a própria sombra  
Filho de um galo afamado conhecido por ventana  
Já nasceu dando puaço e bicando as próprias penas  
Criei guacho esse malvado pois nasceu metendo o bico  
E foi matando os irmãos ficou no ninho solito  
Caso avistasse um contrário ao passeador tinha chula.

O galo São Gonçalo é uma raça desenvolvida no Rio Grande do Sul, famosa no Brasil pela sua valentia para as rinhas. Pela descrição na música, era um galo incomum, com uma agressividade tão grande que brigava até com a sombra. Seu pai era famoso nas rinhas pelo nome de ventana, que para os gaúchos é um adjetivo usado para as pessoas desordeiras, turbulentas, de pavio curto, que brigam por qualquer motivo. Conforme Teixeira (1992 b, p.67) “tais nomes ao mesmo tempo em que se constituem expressões imediatas de elementos intrínsecos aos animais, expressam o ponto focal das atenções sobre eles no ambiente das cocheiras : a animalidade”. Durante a pesquisa com os galistas, percebi que, em sua grande maioria, davam os nomes por atributos naturais ou metafóricos, como por exemplo os galos pretos muito parecidos que um criador chamava de Negrinho e outro galo de coloração muito parecida era chamado de Evilásio que foi um personagem interpretado pelo ator Lázaro Ramos, que é negro, em uma novela ou ainda outro

galo que, por essa coloração, era chamado de Coca Cola. Quando via outro galo na hora de tomar sol no passeador tinha chula<sup>40</sup>, ou seja o galo ficava sapateando pela vontade de enfrentar o seu oponente na outra gaiola. Havia também o galo São Gonçalo, que já nasceu brigando e teve que ser criado guacho, o que significa que foi separado da família, pois matou seus irmãos brigando. A animalidade foi chamada pelo sr. “B” certa feita de requisito primordial da seleção, pois é considerada inata pelos galistas.

Era um coice atrás do outro que nem pataço de mula  
 O penacho colorado vinha banhado de sangue  
 Parecia um maragato peleando pelo Rio Grande  
 Cantava de peito aberto se preparando pra luta  
 Assim entoava os hinos da sua pátria gaúcha.

Nessa estrofe os autores estão descrevendo o galo nas rinha, dizendo que ele batia forte “que nem pataço de mula” e com muita resistência física, já que era um coice atrás do outro. Devido ao tipo de luta que se estabelece nas rinhas locais, o galo, além de ter força e destreza nos golpes, precisa de resistência, já que as esporas rombudas tornam os combates longos fazendo com que os galos tenham que estar com uma condição física muito boa para aguentar um longo e exaustivo tempo de luta. A comparação entre o galo que estava com o penacho colorado banhado em sangue, parecendo um maragato que é o revolucionário ou partidário da revolução rio-grandense de 1893 liderada po Gaspar Silveira Martins. Eram identificados por utilizar um lenço vermelho ao pescoço. E ao fim da estrofe continua a comparação só que agora diferente da imagem inicial que falava de valentia, força e coragem, nessa passagem final surge o músico que canta de peito aberto na eminência da luta, como se fosse o hino cantado pelos gaúchos.

Bica meu galo, meu galo fino  
 Vamo levando puaço, mas nunca perdendo o tino  
 Bica meu galo, meu galo fino  
 Nós dois cantamos peleando porque este é o nosso destino.

Nessa parte o autor sugere que que sua vida de cantor seja comparável a do galo, tentando mostrar a semelhança: os dois ganham a vida no bico e, nessa luta,

---

<sup>40</sup> Chula uma dança que no Rio Grande do Sul é disputada somente por homens em desafios, uma espécie de sapateado em que vence o que conseguir fazer uma sequência de passos que o outro não consiga realizar.

os dois vão levando golpes, mas não podem cair. A luta do galo é a da rinha e a dos músicos é o trabalho que é usado metaforicamente simbolizando a luta pela sobrevivência.

Coisa linda meu parceiro num careio de respeito  
Tentiando o bico e a pua na ponta do osso do peito  
Parecia uma quatiara enfurecido dando o bote  
Com o pescoço sem penas coloreando no cogote  
Era um taura no terreiro com duas adagas de aço  
E a cachorrada da estância toreava dando puaço  
Ficou cego nas peleias sem perder a valentia  
Hoje guarda o rancheiro cantando ao clarear do dia.

O careio é o enfrentamento dos galos quando são postos frente a frente, ou, em outras palavras, cara a cara, momento em que eles usam suas armas: o bico e as esporas para lutar. Os autores utilizam outra metáfora dizendo parecer uma quatiara enfurecida dando o bote, já que os animais que lutam tem as penas do pescoço retiradas<sup>41</sup>, deixando-os parecidos com cobras. A escolha da quatiara é porque é uma serpente local muito agressiva que também é chamada de jararaca preta. Quando os autores dizem ser um taura no terreiro, querem afirmar que era valente, destemido que encara qualquer adversário inclusive os cachorros que enfrentava com suas adagas de aço, sem perder a valentia. E finaliza a música afirmando que o galo, depois de tantas batalhas, hoje é o arauto que anuncia o novo dia com seu canto.

Para completar a análise do galo dentro da cultura popular, analisei um cordel escrito por Djalma Marques (publicado no recanto das letras em 26/03/2006). Escrito para a sua sogra, Margarida segundo o autor: “mulher sertaneja daquelas cujo marido treme quando escuta a voz” que havia lhe escrito perguntando qual era o remédio para “esporão” (uma doença degenerativa que faz doer o calcanhar), e ele escreveu esses versos para brincar com seu sogro Gastão.

Quando o galo no terreiro  
Não canta inchando o cangote  
A galinha dá pinote  
Quer sair do seu poleiro  
Desrespeita o companheiro  
Canta alto e dita a hora  
Diz “a partir de agora  
Vou mandar no meu destino”

<sup>41</sup> segundo os galistas para terem menos ponto de apoio para que eles não sejam imobilizados ao serem bicado nessa região do pescoço, o que poderia ser fatal durante a luta.



Quando o galo canta fino  
A galinha cria espora

O autor começa o cordel afirmando que o galo não pode deixar de se impor pelo canto, para mostrar quem manda na casa, pois, caso contrário, a galinha vai tomar o comando do lar. Ficando claro, já nessa primeira parte, que é uma comparação em que o comportamento dos animais galo e galinha estão indo ao encontro da conduta de homem e mulher. E quando ele se refere no final que “quando o galo canta fino/ a galinha cria espora”, está afirmando que o homem que não fala grosso em casa, acaba sendo mandado pela mulher, pois as esporas são as armas dos galos, as quais são usadas para se impor dentro do terreiro.

Nesse terreiro a galinha  
Diz: eu aqui sou quem falo  
Falta respeito com o galo  
Não quer mais ir pra cozinha  
Não quer feijão com farinha  
Diz: “eu quero é comer fora”  
Quem reclamar mando embora  
Seja marido ou menino  
Quando o galo canta fino  
A galinha cria espora

Agora nessa estrofe fica mais evidente que os animais estão representando seres humanos, e que quem manda nessa casa é a mulher. Sendo a mulher quem dita as ordens da casa, em claro antagonismo a sociedade patriarcal em que o homem é o chefe do lar, nesse cordel a galinha/mulher é quem dita as regras do “terreiro”.

Tem que ser galo de briga  
Dos do pescoço pelado  
Cantar grosso e ser malvado  
Brabo que só a bexiga  
Não ter medo de intriga  
Mesmo se a galinha implora  
Enfrentá-la sem demora  
E nunca bater o pino  
Pois se o galo canta fino  
A galinha cria espora

Na última parte desse cordel o autor indica como o galo/homem tem que manter sua conduta para continuar como dono do “terreiro”. Agindo como um galo

de briga, que canta grosso e é malvado, corajoso e bravo, para enfrentar a galinha/mulher, pois, “se o galo canta fino, a galinha cria espora”.

O galo na cultura popular, de acordo com o que foi discutido, ficou evidente que é um ente totêmico recheado de significados fortes, em geral associado sempre a elementos positivos como coragem, brio, valentia, trabalho e tantos outros que acabamos de ver.

### 3.2 Um Jogo Absorvente

Durante o treinamento em um grupo, os componentes afirmaram que machos não toleram outros machos na sua frente, até mesmo as fêmeas são agressivas quando tem filhotes. Os filhotes também iniciam combates entre 20 a 390 dias após nascerem. O grupo diz que é uma forma de reafirmarem o domínio local. Os combates entre pintos podem deixar os que sobrevivem com ferimentos irreparáveis, caso o proprietário não separe a luta, e por isso torna a criação difícil já que têm de serem postos apartados desde muito cedo. Enfim, depois de adultos, tanto machos como fêmeas propiciam belos espetáculos de combate, saltos perfeitos e sincronizados, defesas e ataques surpresas, garantindo um espetáculo ao qual eles se referiram como único.

Para melhor descrever o espetáculo, vou utilizar o poema de Jaime Caetano Braun, o qual é intitulado “Última Rinha”, em que ele descreve uma luta de galos.

Calcei o frango Prateado  
 Que foi pinto em meu terreiro,  
 Pra soltar no rinhedeiro  
 Onde estava um Colorado.  
 Havia povo amontoado  
 De pé, sentado e de joelho.  
 O jogo muito parelho  
 De mansito começou,  
 Até que um pardo gritou:  
 Cem mil no galo vermelho!

Braun começa o poema “calçando o prateado”, que significa que ele está colocando as esporas em seu galo que tem as penas de coloração prateada para colocá-lo no rinhedeiro a fim de que lute contra um colorado, ou seja, contra um

galo de penas de cores vermelhas. O “jogo muito parelho” está se referindo a aposta central que estava sendo distribuída de forma igual ou seja sem vantagem até que um pardo, uma pessoa de pele morena, chamou um valor alto<sup>42</sup> no galo vermelho, nas apostas paralelas.

Era um galo da Argentina,  
 Diz que campeão de torneio,  
 O meu era um frango feio,  
 Mas de pua muito fina,  
 Porém a voz repentina  
 Do alarife jogador  
 Trouxe como que um tremor  
 De surpresa e impaciência  
 Que fez vibrar a assistência  
 Ao redor do tambor!

O galo foi reconhecido pelos participantes, nesse caso era um galo famoso da Argentina, que já havia se consagrado campeão em torneio. O galo do autor não era bonito , mas bom de espora. A aposta alta feita pelo “Pardo” fez com que aumentasse a expectativa em relação a essa rinha, fazendo o público vibrar para assistir a luta nesse tambor. A razão conforme Geertz, (1978,p.196) é que os confrontos com galos (ou entre galistas) consagrados chamam mais o público e mais ainda, quando as apostas são altas, os gritos alcançam proporções frenéticas. Quando o autor se refere ao “fez vibrar a assistência ao redor do tambor”, em algumas rinhas que estive que ocorreu essa vibração. A impressão é de que estava no meio de uma seção da bolsa de valores pelo modo como vão sendo organizadas as apostas laterais. Para quem vê de fora parece bagunça ou confusão, mas, no fim, todas as apostas são saldadas.

Foi como chuva no zinco,  
 E a cousa já pegou fogo  
 Começando a sair jogo  
 De até vinte mil por cinco,  
 Mas havia tal afinco  
 Que um dos lados se encolheu,  
 Houve até quem se benzeu,  
 Num gesto de carpeteiro,  
 Fazendo cruz no dinheiro  
 Jogando a favor do meu!

---

<sup>42</sup> Chamar um valor alto, nas rinhas de galos é apostar grande quantia de dinheiro em um dos galos, na tentativa de que outro aceite o desafio pela quantia em questão.

Aqui Braun ainda se refere à chamada de aposta feita pelo pardo, sugerindo que esteja acontecendo o alarido, a “coisa pegou fogo” é que começaram as apostas paralelas, de forma muito desparelha “vinte mil por cinco”, assim demonstrando que o galo colorado seria muito superior no combate, que até então nem começara, mas “um dos lados se encolheu”, pois sendo um galo muito afamado, dificilmente perderia, fazendo com que alguns dos que jogaram (apostaram) no galo prateado até mesmo benzeram o dinheiro, fazendo um sinal da cruz. Aqui seria como um gesto de desespero por ter apostado no galo errado, pois não há como voltar atrás. Depois de feita a aposta, tem que cumprir a palavra honrando o compromisso.

E me deixaram de lado,  
Solito e sem parceria.  
E eu joguei o que podia  
Contra o galo Colorado.  
Depois, soltei o Prateado  
Que ciscando na serragem,  
Bateu asas, de coragem,  
E cantou com imponência  
Como quem diz a assistência:  
Não dou e nem peço vantagem!

Agora foi deixado de lado, “sozinho e sem parceria”, nem com as vantagens o pessoal jogava no galo prateado, devido à grande fama do adversário. Então o autor jogou sozinho “o que podia” contra o galo vermelho. Aqui novamente é salientado o valor da honra, pois só se pode jogar o que pode honrar. Terminada a luta, imediatamente tem que pagar o que foi apostado. Dessa forma, não se pode jogar além das possibilidades, tendo que ter o dinheiro em mãos para saldar a dívida. Quando fala: “depois, soltei o Prateado”, nesse trecho começa a rinha. Os galos são postos no tambor, e o Prateado cisca na serragem, se referindo que o chão do tambor é coberto por resíduo de madeira, e “cantou com imponência” numa demonstração de valentia.

Já na primeira topada,  
Antes de trançarem ferro,  
O meu frango deu um berro  
Numa voz esganiçada,  
Tinha uma vista arrancada  
E o grito fora inconsciente,  
Mesmo que um grito de gente  
Que ele soltou sem sentir  
Mas sem menção de fugir:  
Oigalê, bicho valente!

Nesta parte os galos se encontram e o combatente colorado acerta o olho do prateado, que deu um grito de dor, mas não fugiu da luta, e em um ato de coragem prosseguiu no embate. Muitas vezes os galos novos que brigam pela primeira vez com as puas de aço (pois nas escorvas eles lutam com proteção) ao sentirem golpes fortes, fogem da luta, recusando-se a continuar ou correndo do outro galo. Esse fato causa um grande desgosto para o dono do galo. Segundo alguns pesquisados, a fuga é considerada “uma das maiores vergonha”. A soma desses ingredientes (aposta, combate simulado) já que na realidade são os homens que simbolicamente estão se enfrentando conforme Leal (1989, p.215), violência física, a possibilidade de morte e isso tudo dentro de regras previamente estabelecidas, e que foram elaboradas para prolongar o embate fazem com que essa batalha simulada proporcione prazer aos participantes humanos através da transformação em valor da tensão e a excitação dos confrontos (Elias, 1992, p.247).

Senti um bárbaro arrepio  
 Que me correu pela espinha  
 Mas, porém, seguiu a rinha  
 E o meu frango não fugiu,  
 Cambaleou mas não caiu  
 E se aprumou de vereda,  
 Enquanto que pela seda  
 Do pescoço levantado  
 Descia o sangue encarnado  
 Num brilho de labareda!

Nessa passagem o autor descreve o quanto as emoções são afloradas durante o embate, pois ele demonstra o “arrepio que correu na espinha” no primeiro contato entre os galos. O galo prateado que não era um galo experiente nas rinhas recebeu um golpe duro, e, pelas palavras do autor no decorrer da poesia, podemos encontrar dois motivos que colocam as emoções a flor da pele: o fato de ser vergonhoso perder uma rinha quando um galo foge da luta, ou pelas apostas nas quais o autor relata que ficou sozinho e jogou o que pode no seu galo. Então, por mais que ele não cite, deve estar preocupado com a possibilidade de perder muito dinheiro. Alguns criadores afirmam que a aposta é o elemento que serve para dar mais emoção para o jogo. O seu galo “cambaleou mas não caiu”, ou seja foi duramente ferido, mas se restabeleceu, enquanto a pele do pescoço brilhava ensanguentado.

E voltando com furor.  
 Respondeu aço com aço,  
 Puaço atrás de puaço,  
 Que estremecia o tambor.  
 Era mesmo peliador  
 O tal galo Colorado,  
 Já nem falo do Prateado  
 Que bem de pé, como um potro,  
 Veio pra cima do outro  
 Mesmo que um tigre baleado!

Observo nesse trecho da poesia, que Braun, com sua arte, passa a descrever, com muito talento, toda a sua admiração pelo embate dos galos, no qual o galo prateado, mesmo ferido, torna o combate memorável fazendo “estremecer o tambor”, afirmando que os dois galos eram bons lutadores, e que o galo prateado foi para cima do vermelho “mesmo que um tigre baleado”, salientando a coragem do animal que ferido e enfurecido ataca o seu oponente. Na maioria das vezes quando os galos são soltos no tambor ele se lançam um contra o outro demonstrando sua fúria.

E amigos, naquele instante  
 Me amaldiçoei em segredo  
 Das vezes que tive medo  
 De algo insignificante,  
 Ao ver ali, impressionante  
 Aquele galo ferido,  
 No próprio sangue esvaído,  
 Torto, quase cego até,  
 Disposto a morrer de pé  
 Pra não se dar por vencido!

Quando Braun “se amaldiçoa em segredo das vezes que teve medo” ele está valorizando os atributos demonstrado pelo seu galo, pois o animal está enfrentando a morte sem demonstrar medo, enquanto que ele próprio, por diversas vezes, demonstrou medo por motivos insignificantes comparando-se com o galo prateado que estava enfrentando seu oponente, mesmo muito ferido (havia perdido muito sangue) não desistia da luta, demonstrando grande coragem e honra ao não se dar por vencido. Aqui fica clara a ideia de que a luta é como um espelho dos atributos da masculinidade tais como: coragem, brio, estoicismo e dignidade, como já trabalhado com Teixeira (1992, p.225) ou em Leal (1989, p.227) que chamou o evento de uma celebração da masculinidade.

Afogado na sangüeira  
 E abaixo de tempo feio,  
 Vi que não ia a careio  
 Assim, daquela maneira,  
 A cabeça uma peneira,  
 Do pescoço, já nem falo,  
 Eu sem poder ajudá-lo,  
 Ele peleando sozinho  
 E eu repetindo baixinho:  
 Vamos?! Coragem meu galo!

Braun está agora salientando as condições físicas em que o seu galo se encontrava no decorrer da luta, ou seja, estava apanhando e muito do galo vermelho “vi que não ia a careio”, já não encarava de frente o seu oponente, muito machucado na cabeça e no pescoço. O que indica que o galo colorado lutava pelo alto, o que é o desejável pelos galistas (entre os pesquisados, eram selecionados os galos que lutavam no alto, ou em outras palavras atacam durante vôo). O único ato que lhe restara era torcida aqui manifestada com um “vamos?! Coragem meu galo”, e a vontade de ajudar o galo na luta é salientado, como que já prevendo a derrota que parece iminente.

E o vermelho ia ponteando,  
 Mais brabo do que uma cobra  
 Que perna, tinha de sobra,  
 E raça, também sobrando,  
 E foi aí, senão quando,  
 Que o frango do meu terreiro,  
 Num tiro de desespero,  
 Mais certo que um balaço,  
 O desnucou de um puaço  
 No meio do rinhedeiro!

O galo colorado, além de estar ganhando e não demonstrar sinais de cansaço já que “perna tinha de sobra”, estava “ponteando”, ou seja, estava ditando o ritmo dos ataques com ferocidade de uma “cobra”. A qualidade dos ataques também é exaltada quando cita: “e raça, também sobrando”, então quando tudo conspirava contra o galo prateado, aconteceu um golpe fatal desferido por ele, ganhando a luta, e mostrando que a luta só termina, quando um dos oponentes não tiver mais condições físicas para continuar o combate.

E ali está o galo Prateado  
 Cercado pelas galinhas.  
 Eu até deixei de rinhas  
 Talvez por penalizado,

Ou talvez espicaçado,  
Que o remorso não perdoa,  
Por que se a vida é tão boa,  
É um banditismo da gente  
Fazer um bicho valente  
Matar ou morrer à-toa!

O autor finaliza a sua poesia contando que o galo prateado após essa rinha foi aposentado, ficando solto no galinheiro “cercado pelas galinhas”. O que fecha o poema é o fato de o autor deixar as rinhas por ficar penalizado, com remorso de colocar o galo lutar fazendo um apelo sentimental de amor à vida, exaltando a valentia do galo, a qual é admirada pelo autor, porém ele considerou não ter sentido fazer matar ou morrer um bicho valente. David Le Breton (2009, p.111) afirma que: “A existência é um fio contínuo de sentimentos mais ou menos difusos, os quais podem mudar e contradizer-se com o passar do tempo e de acordo com as circunstâncias.” As emoções, dessa forma, podem mudar nossas opiniões ou nossos olhares sobre o mundo podendo resignificar nossos conceitos ou valores.

O que considerei importante analisar foi como os sentimentos ou as emoções, que estão intimamente ligadas nas realizações desses eventos, (rinhas de galos), e que estão sendo analisados nesse trabalho, fazem parte do sistema de sentidos e de valores que são próprios desse grupo. O que destaco nesse parágrafo é que esse conjunto de emoções que transpareceu durante pesquisa é próprio desse grupo e se originou culturalmente, tornando-se diferente de outros grupos, dentro do próprio país, ou até mesmo com menor diferença dentro do mesmo estado.

Durante a pesquisa, ficou claro que existem duas dimensões afetivas muito diferentes dentro das rinhas: a primeira, dos participantes com os galos, e a segunda, dos homens entre si.

A primeira dimensão afetiva, se dá entre os galos e os homens. Essa questão é delicada e alvo de muitas controvérsias, já que o discurso é de quem gosta, admira, tem cuidados especiais, porém os coloca em ringues com a possibilidade de morte ou pelo menos um grande número de ferimentos que podem deixar sequelas irreversíveis. Sendo essa dimensão afetiva tanto entre os homens com seus animais, como entre os homens e os homens o que é determinado pelo universo social de valores do qual esse grupo participa. Conforme Silva (2005,p.39):

A importância do sistema de valores inerentes da formação do grupo a ser estudado é de suma importância e o sistema de valores relacionado com a



vida do gaúcho, tais como: o individualismo, a liberdade, e a virilidade. O gaúcho tem de ser corajoso, aceitar desafios, ter honra e nunca ser passivo ou submisso, analisando os rinhadeiros fica clara a adoração dos atributos masculinos exaltados pelos galos durante as lutas, bem como o repúdio quando o mesmo apresenta comportamento contrário ou em outras palavras, que sejam do universo feminino.

A rinha de galos é vista como um esporte que proporciona lazer e funciona como uma espécie de confronto simulado, como já citado anteriormente, com a delegação de lutar feita aos galos é regulamentado para proporcionar prazer aos espectadores, através de momentos de tensão e excitação. Como consequência, dessa delegação de luta do homem para o galo, o primeiro passa a ter um papel secundário, de mero espectador, já que o papel principal, ou em outras palavras, a estrela do espetáculo passa a ser o galo, que tem a incumbência de representar o seu dono no combate. Elias (1992, p. 240) nos traz um exemplo muito semelhante em que o homem também delega aos animais a função principal e atua somente como mero expectador, que é o ritual da caça à raposa em que:

Com a delegação feita aos cães, pelos seres humanos, da maior parte da perseguição, e também da função de matar, e com a submissão dos cavalheiros caçadores a um código elaborado; auto-imposto de restrições, um aspecto do prazer de caçar tornara-se visual, o prazer resultante da acção transformou-se no prazer de ver agir.

Norbert Elias com esse trecho nos coloca a situação da caça transformada em desporto. Então, comparando com o objeto da minha pesquisa afirmo que as rinhas de galos são a luta transformada em desporto. Falei isso porque há a delegação aos galos de lutarem, e a submissão dos galistas a um código elaborado, auto-imposto de restrições (regras). O lutar, ou a violência, tornou-se visual e como na citação acima existe o prazer de assistir aos animais lutando.

Essa representação do galo nos combates deriva também de uma necessidade de o homem identificar-se com o seu galo, como que se, ao iniciar a luta, fosse projetada uma parte de si mesmo naquele tambor, já que, na vitória ou na derrota, será também o dono do galo que irá comemorar ou entristecer. Portanto devemos afirmar que muitos dos galistas estão ligados aos seus galos por laços afetivos e que, durante a pesquisa, ficou claro ser uma relação mútua. Falo isso porque, ao observar os galos, principalmente durante os treinamentos em que eram exercitados, era evidente a satisfação dos animais quando da chegada do dono ao local em que eles estavam alojados, todos os galos ficavam com a cabeça para fora

das gaiolas e acompanhavam cada movimento feito pelo seu dono. Quando os galos eram pegos para serem trabalhados, eles ficavam quietos e não esboçavam nenhuma reação de tentarem fugir ou agredir e, mesmos os galos que eventualmente estão soltos, não tentam fugir, deixando que seus donos os peguem no pátio a qualquer hora.

A alegação feita por todas as pessoas que fizeram parte dessa pesquisa, em geral ficou em torno da agressividade natural, que faz com que essas aves, ao se encontrarem, reajam, travando um combate em que fatalmente um ou outro morrerá. O galista dessa forma, não promove a briga, já que isso ocorreria no ambiente natural. Eles apenas promovem o encontro. Por gostarem dos galos, eles fazem com que esses encontros ocorram de forma justa, com igualdade de peso e armas, ou como o Sr. "C" falou: "tem que gostar de seu galo e aceitar a sua natureza. Se não gostássemos dos galos, iríamos nos preocupar em colocá-los em condições igualdade nas rinhas?", ou seja eles alegam que as lutas ocorreriam de qualquer forma com ou sem a interferência dos homens, pois faz parte do instinto natural dos galos.

O fato de os homens regulamentarem as rinhas faz com que ocorra uma igualdade para ambos os lados. Em consequência há um equilíbrio de oportunidades para os competidores, a fim de impedir que haja um elevado número de vitórias precipitadas por desequilíbrio, seja por peso, seja por armas. A precipitação ou não das vitórias está diretamente ligada ao tipo de arma empregada no jogo. É a partir delas, seus formatos e tamanhos que se define a probabilidade ou improbabilidade de morte nos combates. As utilizadas nessa região são geralmente pouco letais favorecendo as apostas paralelas, tornando o jogo longo e favorável ao galo, que raramente morrerá durante o combate. A maioria das vitórias ocorre por não haver mais condições de combate, por exaustão ou ferimentos, mas com possibilidade de ser medicado e voltar a competir em outras ocasiões.

Esse equilíbrio de oportunidades tem efeito direto no espetáculo, garantindo tempo suficiente para o público que, conforme já citado anteriormente, busca prazer através de momentos de tensão e excitação (Elias, 1992, p.240). E essa configuração dinâmica, que é utilizada nas rinhas de galos nessa região, propicia uma luta que é considerada longa, diferente das rinhas na França, que, devido ao fato de utilizarem esporas em forma de agulhas de até seis centímetros, fazem com que as lutas não durem mais que cinco minutos e, não raro, morram os dois galos

durante o combate, sendo o vencedor aquele que morrer por último (Teixeira, 1997, p.233). A duração longa e pouco letal das rinhas locais (devido ao tipo de espora utilizada) não interrompe a excitação do público, garantindo tempo suficiente para que seja alcançado o prazer, o que garante o interesse da audiência, possibilitando a cartase de tensão subsequente. Por outro lado, pode fazer com que ocorra uma maior incidência de empates, algo que não é desejado nos esportes- conforme Elias(1992, p.248).

A relações dos homens, durante as rinhas de galos, produz um rico ambiente de estudo de seu comportamento, a começar pelo fato de todas as classes sociais fazerem parte do quorum de apreciadores, o que as iguala a outros esportes como futebol, por exemplo, já que esse esporte também tem admiradores de todas as classes sociais. O que é interessante nas rinhas de galos é a maneira como esses diversos segmentos sociais interagem em torno dos acontecimento em volta do ringue, ou com que proximidade eles confraternizam no mesmo espaço, diferindo aí do futebol, por haver neste uma segregação da torcida nos estádios os quais apresentam sentimentos parecidos que torcem, vibram e sofrem em espaços separados. Há uma formação de grupos sociais que extrapola o referido ambiente, como já dito anteriormente. Essa formação de alianças se reflete no ambiente familiar em que se reúnem para treinar e também para outras atividades sociais. Nos grupos em que pesquisei havia pessoas de diferentes classes sociais fazendo parte desses grupos e o que em geral os unia era uma relativa proximidade de suas residências, sendo o fator local é mais determinante que a posição social, segundo os informantes.

Há ordem disciplinar, em um ambiente em que a atração é gerada pela violência travada nos combate entre galos. Pessoas de diferentes classes, credos, ideologias entre outras possíveis diferenças se encontram, fazendo-nos pensar sobre quais as estruturas desse esporte as disciplinam, principalmente quando envolve valores econômicos (apostas) que são um elemento relevante nesse caso. Pela pesquisa, passei a acreditar que um dos elementos fundamentais para que ocorra essa relativa ordem nos eventos galísticos passa necessariamente pelo valor da palavra do Homem, aqui com “H” maiúsculo, como me foi dito durante um treinamento pelo Sr. “A”:

Lá (nos torneios) não tem de não pagar o que foi apostado, pois para participar tem que ser homem e honrar a palavra, se não pagar ou questionar o juiz, não vai mais, nas rinhas tem que ser homem com “H” maiúsculo.

A noção de honra, conforme conseguimos entender, baseando-nos nas palavras expressas pelo Sr. “A”, remete-nos a valores morais fortemente estabelecidos dentro do grupo, que consistem em honrar a palavra empenhada no jogo, em cima de um valor atribuído ao masculino ou como nos fala Carla Costa Teixeira (1999, p.2):

A oposição entre honra e vergonha nas sociedades investigadas revelou a importância dos valores da honra na definição do ideal de masculinidade e feminilidade, ao mesmo tempo em que destacava o quão central é o recorte de gênero para a compreensão do universo da honra.

Dessa forma, constatamos que há um mecanismo de regulação dentro do grupo e suas atitudes estão intimamente ligadas ao valor da palavra do Homem. Se, na sociedade Civil, os contratos que envolvem transação pecuniária, em geral, necessitam ser registrados no papel como forma de garantia, nas rinhas de galos basta a palavra. “Os homens souberam comprometer a sua honra e o seu nome bem antes de saberem assinar” (Mauss, 1974 B, p.106). Há uma proximidade entre o sistema de honra que acontece nas lutas de galos e o que Marcel Mauss escreveu no “Ensaio sobre a dádiva” em que o sistema de prestação total consiste no complexo de trocas obrigatórias e voluntárias e na noção de honra. Deixar de fazer a retribuição se torna algo extremamente vergonhoso, assim como deixar de pagar a parada nas rinhas significa a exclusão do grupo, sendo algo da mesma forma vexatório. O que considere próximo é serem os dois casos mecanismos de aprovação e reprovação social e, em ambos os casos, tanto as trocas quanto o pagamento da aposta são investidos de um feixe de valores de relações sociais que constituem a vida do indivíduo dentro de seu respectivo grupo, e o fato de não honrarem o estabelecido, vai com certeza incidir diretamente na sua reputação perante o grupo.

A reputação, dentro de um grupo fechado como o que foi alvo dessa pesquisa, leva um certo tempo para ser adquirida, já que reputação quando positiva, é algo que é prezada. Também podemos chamá-la de prestígio e, para acontecer, necessita do reconhecimento pelos demais participantes, perdendo-a, além da

vergonha, haveria também a possibilidade de um isolamento social, já que as relações estabelecidas estão além das que ocorrem nos eventos, pois os galistas, em geral, treinam em conjunto, formando grupos, e esses grupos se relacionam de forma muito ampla havendo, entre eles e suas famílias, fortes laços sociais.

A honra, no caso das rinhas adquire significados que estão além do âmbito local do rinhadeiro, ou seja, ser desonroso nas rinhas é um fato que é motivo de vergonha e humilhação do excluído no âmbito de suas relações pessoais. Os Juízes que são convidados para arbitrar nos torneios são figuras com um grande prestígio dentro das rinhas, e têm tanto reconhecimento por parte dos galistas, que, ao acabar a luta, os donos dos galos não questionam sua decisão, por aceitarem o seu prestígio de grandes conhecimentos galísticos, e sua posição de homem honrado. Questionar isso seria uma afronta ao sistema como um todo, pois ao fazê-lo estariam insultando ou afrontando alguém de prestígio e principalmente, poderiam abalar a honra dessa pessoa de grande reputação. O desenvolvimento, dessa forma, de um sistema de controle social, baseado no conhecimento sobre o assunto (status de autoridade em rinhas de galos) e sua posição inquestionável, formada pela conduta ilibada ao longo dos anos faz com que ocorra a manutenção da ordem durante os eventos galísticos.

A noção de honra envolve e desenvolve relações de poder, pois sempre há que indagar de que forma e quem pode reconhecer e atribuir honra a alguém, segundo que padrões de conduta honrada. Ainda quando atuam elementos de precedência tais como, família, idade, gênero e grupo de *status* ou classe social, é fundamental um dado desempenho individual que confirme a condição de honrado. (Teixeira, 1999, p.4)

Como a honra é algo que advém do reconhecimento por parte de outros está sempre necessitando de renovação e, para isso, é necessário o desempenho pessoal, a fim de manter um padrão de conduta honrada, e confirmar o prestígio ao longo da vida. Ser Juiz nas rinhas de galos é a mais alta honraria dentro do grupo. As relações de poder que eles detêm perante o grupo são: prestígio, carisma e honra. Para essa referida posição, a idade em geral é elevada, condição para adquirir o conhecimento necessário para a função e prova de sua conduta perante o grupo.

Ao escolher “Um Jogo Absorvente” como parte do título desse trabalho e como subtítulo nesse capítulo, mais que homenagear o trabalho do antropólogo

Cliffort Geertz, desejo também que seja uma forma de definir como os galistas vêem o seu hobby, passatempo, trabalho, esporte, ou qualquer outra forma de se referirem as brigas de galos. Esse jogo absorvente, ao mesmo tempo é entusiasmante, e pude constatar, ao elaborar a pesquisa que, durante as partidas, é liberada uma avalanche de emoções e sentimentos, controlada por um sistema baseado no valor da palavra do homem.

### 3.3 Uma Identidade Masculina

Primeiramente para tentar compreender como é construída a identidade do grupo, devemos analisar o contexto a ser estudada, neste caso, a região central do Rio Grande do Sul, cuja construção de masculinidade e sistema de valores devem ser considerados.

Não basta, no entanto, descrever estas interações e seus efeitos. É preciso considerar o “contexto” das interações. Cada contexto impõe as suas regras e suas convenções, supõe expectativas particulares entre os indivíduos. A pluralidade dos contextos de interação explica o caráter plural e instável de todas as culturas e também os comportamentos aparentemente de um mesmo indivíduo que não está em contradição consigo mesmo. Por essa abordagem, torna-se possível pensar a heterogeneidade de uma cultura ao invés de nos esforçarmos para encontrar uma homogeneidade ilusória. (Cuche, 1999, p.106)

A citação acima foi utilizada para afirmar a importância de considerar o contexto onde a identidade está sendo formada, e principalmente para salientar que não há uma homogeneidade dessa identidade, e sim uma pluralidade de identidades que formam a figura do galista, ou parafraseando Cuche (1999, p.202) a questão não é saber quem são verdadeiramente os galistas, mas o que significa recorrer a identificação galista. Já que identidade é uma construção social, tenho o intuito de entender como, por que, por quem e em qual momento se busca essa identificação em particular.

Para contextualizar, de acordo com Leal (1992, p.12), o sistema de valores relacionados com a vida do gaúcho é principalmente o individualismo, a liberdade, a honra e a virilidade. Essas noções são todas interconectadas: para ser homem, o indivíduo tem que aceitar desafios, tem que ser corajoso, porque isso também

significa ter honra, e, para ter honra, um homem não pode nunca ser passivo ou submisso. Interpretando as palavras de Leal, dentro do contexto do rinhadeiro, podemos imaginar que, ao ver o galo brigando, os galistas enxergam a imagem de seu sistema de valores, já que o galo demonstra todas as qualidades exaltadas.

Nas rinhas, o galo perdedor é aquele que não tem mais condições físicas de luta ou que se desinteressa pelo combate ou ainda aquele que, ao tomar um golpe do outro galo, começa a cacarejar como galinha. Se nada disso houver até o fim programado para a luta, esta será considerada empatada (Teixeira, 1992, p.157). Fazendo um parâmetro entre as palavras de Leal com as de Teixeira, compreendo, em parte, os sistemas de valores dos galistas, que, através dos galos corajosos que não fogem da luta, enxergam a própria virilidade. Já, se o galo cacarejar como galinha, será considerado submisso, perdendo a luta, pois nas rinhas os galos que cacarejam são estigmatizados, principalmente por apresentarem valores femininos, contrários aos valores desejados para um macho.

Quando um galo morre em combate, ele é venerado pelos presentes por apresentar os valores morais esperados e por não se submeter ao outro galo, mesmo que o preço deste ato corajoso seja a própria vida, o que podemos notar no poema de Braun (1979,p.29-31), obra já trabalhada nas pesquisas de Teixeira (1992) e Leal (1989).

Na poesia de Braun, fica clara a admiração pelos atributos masculinos exaltados pelos galos e, em comparação com o gaúcho de nossa condição histórica, como fica explícita no trabalho da Maria Alayde Ulrich (1994, p.07), pois no Rio Grande do Sul desenrolaram-se, de forma quase constante, um sem número de lutas, revoluções e uma militarização em grande parte pela rivalidade entre Portugal e Espanha, em busca do domínio da região do Prata e do litígio na marcação das fronteiras.

Para marcar essas fronteiras, o império doou, em forma de Capitânicas, as terras. Os proprietários dessas terras (estâncias), por força das circunstâncias históricas (lutas para proteger o território que era disputado na demarcação das fronteiras), vão ser responsáveis por um fenômeno único em relação ao restante do país que é o surgimento do Estancieiro militar.

Então, ao ler o poema do Jaime Caetano Braun, pode-se ver a comparação histórica dos ancestrais gaúchos com o valente galo de briga. Pode-se ver a

admiração do poeta pelos atributos masculinos, apresentados pelo galo em diversas partes do poema, inflamando com palavras como:

“No teu ímpeto guerreiro/ Vejo um gaúcho avançando/ Ensangüentado peleando...” reconhecendo o galo como um lutador e comparando-o com o gaúcho histórico que participou de diversos movimentos armados, sendo o mais exaltado deles pelos tradicionalistas o evento chamado de “Guerra dos Farrapos ou revolução Farroupilha”.

“... lutas/ Frente a frente peito nu,/ Lutou também o chiru/ Na conquista deste chão...” valorando a coragem do animal e igualando-o ao gaúcho em seu feito histórico de conquista do território que durante a colonização foi envolvido em uma disputa entre Portugal e Espanha, sendo o gaúcho (rio-grandense) também responsável pela expansão do território, através da figura do estancieiro militar que, em algumas obras, é denominado coronel ou caudilho, que figuram como líderes carismáticos que constituíram verdadeiros exércitos avançando pelas fronteiras do Rio Grande do Sul.

“... altivez de índio macho/ Que ostenta já quando pinto;/ E a diferença que sinto/ É que o guasca –bem ou mal-/ Só luta por um ideal/ E tu brigas por instinto”. A masculinidade como fator de nascença ou na idéia de índio macho vem ao encontro das raízes missionárias do autor (já tratado anteriormente) que realça o espírito guerreiro dos índios guaranis, os quais têm “Sepé Tiarajú como fundador da raça gaúcha” (Brum, 2006, p.63). A luta de ambos difere porque: um, por instinto e outro, por um ideal que também é relacionado com conquista de território. Badinter (1993, p.35) vai entrar na questão de que “para afirmar sua identidade masculina, o menino deve se convencer e convencer os outros de que ele não é uma mulher, não é um bebê e não é um homossexual”.

“... sou galo; morro e não grito...” novamente afirmando a valentia do galo e exaltando a masculinidade, mais ou menos como: homem não chora, tendo que aguentar firme, sendo superior à dor até na morte. Marlene Brás, afirma que “a dor antes de tudo é assunto de mulheres... O homem deve desprezá-la, sob pena de se ver desvirilizado e de ser rebaixado ao nível da condição feminina” (1990, p.205-206).

“... como a ti, galo de rinha/ Que se alguém dobrar-me a espinha/ Há de ser depois de morto!” dizendo que o macho não se entrega e luta, não importando as



conseqüências. Assim como o galo, ele deve manter os atributos masculinos como coragem, brio, estoicismo e valentia.

Falando com alguns criadores sobre vitórias e derrotas nas rinhas, o que mais impressionou foi o fato de afirmarem que a maior vergonha numa rinha é o galo foge da luta, ou cacarejar como galinha. O que não é de estranhar, pois, desta forma, o galo apresenta um comportamento que é atribuído ao universo feminino. Bourdieu (2002, p.22-23) trabalha com a questão da dominação masculina e, nessa perspectiva, constrói uma rede de interpretação dual sobre as relações entre o masculino e o feminino, busca as oposições binárias nesse tipo de relação. Relacionando essa maneira com outras formas de oposição existentes nas relações de identificação que o ser humano apresenta, Bourdieu cita, por exemplo, a relação entre seco e molhado, entre o dia e a noite, como o masculino e o feminino:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação, ou em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas das relações da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão (Bourdieu, 2002, p. 22).

Partindo desta forma de dominação explicitada por Bourdieu, pode-se dizer que há um sentido positivo nos atributos que fazem parte do ambiente masculino e um sentido pejorativo ou negativo que se atribui ao universo feminino e que se pode ver claramente em nossa sociedade, ao nos referirmos ao galo e a galinha. O galo, visto anteriormente como sistema totêmico, é exaltado positivamente tanto no ambiente das rinhas, como na sociedade em geral com frases como: “meu galo”, “galo velho”, “galo cinza”, demonstrando assim uma valorização na comparação galo com o homem ou como se refere Leal (1989,p.240) afirmando que os galos são símbolos masculinos. O contrário se tem ao comparar com a galinha, que tem sentido pejorativo, já que a mulher comparada à galinha é considerada de fácil conquista ou que se envolve sexualmente com muitos homens.

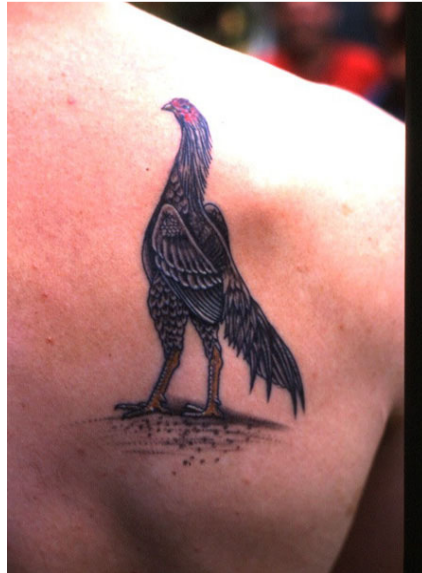
Durante a pesquisa etnográfica, foram raras as vezes em que foi demonstrada de forma espontânea alguma demonstração “machista”. As que ocorreram foram usadas contra as pessoas que fazem parte do movimento ambiental, que são contra as rinhas de galos. Para justificar a perseguição ocorrida aos galistas ocasião em que foi fechada uma rinha na cidade de Mata, um dos

amigos do Sr. “C”, comentou que: “as rinhas começaram a ser perseguidas depois que foi inventada a máquina de lavar”. Com esse comentário ele estava dizendo que, antes, as mulheres lavavam as roupas a mão e não tinham tempo para se preocuparem com as questões que envolvem a defesa dos direitos ambientais. Além disso, podemos afirmar que a grande maioria dos defensores de animais são do sexo feminino, quando surge algum que seja do sexo masculino os galistas geralmente os taxam de homossexual, com insinuações como bicha, veado ou gay.

Geertz (1978, p.188-189) afirma que Bali é, do ponto de vista cultural, uma sociedade com mínima diferenciação sexual, tendo a participação de homens e mulheres de forma igualitária, considerando uma sociedade bem “unisex”, tanto nos seus costumes, quanto no seu simbolismo. A igualdade proclamada por Geertz é, segundo ele mesmo, contrariada apenas pelas brigas de galos que são inteiramente masculinas “dos, por e para homens (as mulheres – pelo menos as balinesas - nem sequer assistem a elas) constituem a exceção mais marcante”. O galo, na sociedade balinesa, constitui um símbolo masculino por excelência, sendo associado, assim como no Brasil, valorativamente pela sociedade, empregada de forma metafísica pelos balineses com o significado de herói, guerreiro, campeão, homem de valor, candidato político, solteiro, Don Juan, ou cara durão.

Durante a pesquisa de campo, foi notado que poucos criadores davam importância para a galinha no processo de seleção dos galos, pois, ao perguntar a origem biológica dos pintos, era sempre filho de galo tal, que geralmente era um campeão ou o galo que estava em evidência nas rinhas. Muitas vezes, nem ao menos se sabia qual era a galinha que havia gerado os seus futuros campeões. É claro que também havia os que sabiam a origem, mas revelavam somente o nome do reprodutor, afirmando que galo bom imprime o sangue, portanto a galinha pode ser qualquer uma desde que seja fina (o galo de briga na região é chamado também de galo fino). Mas entre os próprios galistas essa versão é desmentida, já que por mais de uma vez escutei um ditado que é corriqueiro dentro do grupo pesquisado, principalmente nas disputas em que será enfrentado um oponente com muita “raça”, ou seja, filho de um galo muito afamado que diz que: “se galo bom só desse filho bom, não haveria galo ruim”. Portanto para eles a carga genética é muito importante, mas nem todos os galos irão imprimir as características genéticas desejadas, ou seja, dentro de uma ninhada, poderão aparecer galos que apresentam pontos

positivos e negativos, mas reforça-se a ideia de que a origem do animal facilita o trabalho de seleção de campeões, segundo os galistas.



Retirado do site [www.gallosperuanos.com](http://www.gallosperuanos.com)

Conforme Silva (2005, p.32), devido à colonização europeia com tradição cristã, foi criado um senso comum que tem como sexualidade normal a heterossexual, centrada na monogamia. Assim, são produzidos mecanismos de coação e punição-moral, física, psicológica e social – para que o indivíduo se enquadre e viva a sua sexualidade no padrão imposto. Isso se transforma em uma relação de poder de dominação, aliado ao fato de a formação patriarcal estar incutida na grande maioria dos lares gaúchos, o que serve para salientar os valores estruturais de dominação masculina. Esta visão dupla de masculino (positivo) e feminino (negativo) de acordo com Teixeira (1992, p.160) ocorre de modo duplo e direto: “pela exaltação de atributos morais, concebidos como masculinos e pela estigmatização de outros concebidos como femininos, demonstrados pelos galos em combate”.

A outra forma de estigma, que ficou evidente, é o quanto os galistas jogam com essa identidade. Ela é viva dentro do grupo em que não há o perigo da sua exposição para pessoas desconhecidas, por motivos óbvios, já que a possível exposição significa retaliações por poder ser interpretada como contravenção penal

ou simplesmente pelo julgamento que eles acreditam ter, pelo fato de pessoas ligadas ao movimento ambiental os chamarem de primitivos, bandidos entre outros atributos que já discutimos anteriormente. Erving Goffman (1988, p.63) trabalha o estigma, afirmando que a identidade pode ser instrumentalizada nas relações entre os grupos sociais. A identidade, dessa forma, não existe em si mesma, independente das estratégias de afirmação dos atores sociais que são, ao mesmo tempo, o produto e o suporte das lutas sociais e políticas. É muito utilizada a estratégia da internet, quando, através de pseudônimos, eles se afirmam galistas abertamente e em diversos sites em que eles reivindicam a liberação das rinhas de galos.

Pelo estudo de Victora (1992, p.16), junto aos moradores da vila da Divina Providência, a respeito da convivência e das respectivas expectativas mútuas de convivência, pode-se perceber que as mulheres querem que o homem seja o principal provedor da casa. Não que seja proibido o trabalho feminino, mas o salário masculino deve ser maior que o feminino. Já para o homem, a mulher deve manter a casa em ordem, ou seja, a casa deve estar arrumada, quando ele chegar, a roupa deve estar limpa e a comida pronta. O homem espera também ter uma mulher que se reserve sexualmente para ele, ficando clara, portanto, uma relação de dominação imposta no plano imaginário e simbólico, que forma a identidade constituída de uma hierarquia interna de poder na forma relacional de expectativas muito diferentes.

A honra de um grupo depende, nesse caso, da complementaridade ideal entre esses dois pólos, que também estão associados a masculino e feminino: enquanto a pureza de sangue deve ser uma característica essencial do comportamento das mulheres, a fama ou o renome deve ser de responsabilidade dos homens. A honra coletiva depende da preservação do sangue e do nome de qualquer mácula. O papel da mulher é assegurar a continuidade do grupo pela reprodução e salvaguarda de sua genealogia, relacionada diretamente com a observação da castidade. Deve preservar a pureza do sangue que herdou e que vai transmitir aos filhos. Enquanto seu *status* é baseado mais em símbolos, o *status* masculino é baseado em atos de bravura e conquista. (rohden, 2006, p.111)

Esses valores, relativos a honra, mostram que há uma idealização do comportamento masculino e do feminino, sendo a castidade da mulher o ponto central, na intenção de ter até mesmo a honra masculina ligada diretamente a pureza feminina. Dessa forma o sistema patriarcal teria de modo duplo as suas expectativas ligadas ao fato de assegurar a salvaguarda, de preservar a pureza do sangue, tendo o homem o dever de zelar por sua honra e a da mulher como

defensor dessa honra, e, mesmo que lhe custe a vida, deve demonstrar coragem e bravura.

Mesmo não desconsiderando os avanços inegáveis que as mulheres vêm obtendo em todos os campos sociais, o que, em parte, tem abalado aos poucos o sistema patriarcal - quanto a estes avanços, considero o mais importante, o uso da pílula anticoncepcional (por poder controlar o seu corpo)- é um fato que não pode ser tomado como única “força” transformadora do universo das relações de gênero. Em busca de um ideal igualitário, as mulheres conseguiram também uma vitória na própria Constituição Federal do Brasil (1988) cujo art. 5º, que fala sobre direitos e garantias, trata no seu caput a igualdade de todos os cidadãos brasileiros (Boris, 2004, p.06). A questão da participação das mulheres nas rinhas, é ainda praticamente inexistente, porque somente algumas, raramente, vão de acompanhante, cuidando da copa ou fazendo petiscos para os demais presentes, ficando então em tarefas secundárias. O sistema de dominação simbólica (citado anteriormente), criada dentro dos lares gaúchos, já que as mulheres têm o papel de educação dos filhos, nos leva a pensar na situação de que a construção do masculino é feita pelo feminino, dominado simbolicamente, pelo imaginário estruturado na nossa sociedade.

Ao longo do terceiro capítulo foram abordadas as questões relativas ao emblema galo, seu significado como um sistema totêmico, que simbolicamente tem uma representatividade muito ampla no imaginário nacional. Logo em seguida foram tratadas as relações que acontecem durante os eventos galísticos, as emoções que são afloradas e questões de como ocorre o controle social dentro desse jogo absorvente. E, finalizando o terceiro capítulo, foi contextualizado o local do estudo para assim analisar a construção social identitária dos galistas, compreendendo a estrutura do jogo para mostrar a forma como os galistas compõe, através das rinhas, a imagem de seu sistema de valores, através das qualidades exaltadas pelos galos em combate.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendi, nessa dissertação, entender as rinhas de galos a partir de sua análise enquanto um sistema simbólico. Procurei apreender as representações, categorias e práticas que as constituem, os valores que nele se expressam, a noção de pessoa que aí se forja. A mídia existente sobre essa expressão cultural caracteriza-a, geralmente, a partir de uma análise externa no sentido de que não leva em conta, de maneira sistemática, o discurso do informante sobre si mesmo.

Meu interesse em pesquisar o tema referente às relações entre pessoas que participam de rinhas de galos surgiu em 2004, quando havia somente um amigo que participava de tais eventos. Nesse momento começou a interação com um grupo que praticava um esporte desconhecido de grande parte da população. Ao aproximar-me do universo das pessoas que criam galos e tentar entender a lógica do jogo, tornei, aos poucos, a minha relação com eles -que inicialmente foi baseada em desconfiança e medo-, com o tempo, confiança e amizade.

A discussão das condutas metodológicas, que surgiram durante o trabalho de campo, possibilitou focar o contato com os galistas para fixar os limites, as dificuldades e os dilemas vivenciados pelo grupo e, gradativamente, ir compreendendo e desvendando as engrenagens do sistema das rinhas de galos.

Como vimos no capítulo I, configura-se como relevante nesse trabalho a questão das relações entre o pesquisador e o universo pesquisado. Nestas considerações finais, desenvolvi, na perspectiva adotada neste trabalho - a de uma análise interna do mundo das rinhas de galo - algumas reflexões sobre essa questão, tentando mostrar a complexidade desse grupo identitário e o quanto foi difícil pesquisar esse sistema extremamente rico em simbologias de nossa cultura.

O objetivo dessa pesquisa é, como já afirmado no início do primeiro capítulo, a análise, interpretação e compreensão dos elementos cognitivos, sociais e culturais que constituem a identidade do grupo de galistas da região central do Rio Grande do Sul. E, para atingir esse objetivo, foi utilizado o método etnográfico, que consistiu em uma interação entre o pesquisador e seu objeto de estudo. O conhecimento foi construído a partir dessa relação, que, por diversas vezes, se apresenta complicada por exigir um diálogo entre dois mundos diferentes (Eckert e Rocha 2009).

Na rinha, afirma-se a relação entre homens e galos. Esses dois pólos, estão, como vimos no decorrer do trabalho, evidentemente inter-relacionados: a masculinidade comporta um sistema simbólico que se apresenta fortemente marcado por questões morais e de honra; e o estudo nesse complexo sistema baseado em virilidade, coragem, brio e estoicismo, como formas de estabelecimento de relação com as regras desse jogo.

Mas a masculinidade, em questão mais abrangente, como comunicação entre homens e galos, foi a categoria principal de todo esse sistema ritual (rinha de galo). E, em sua acepção mais estrita, entendida como comportamento desejável para os galos, a masculinidade constituiu-se no marco central dessa formação identitária. A importância da masculinidade foi presenciada durante o trabalho de campo, tanto pelo discurso quanto pelo simbolismo apreendido durante a pesquisa.

Em outro plano, a masculinidade surge na vivência mesma dos grupos estudados. Em ambos os universos, um rural (galistas) e outro urbano (ambientalistas), as respostas produzidas, bastante distintas entre si, estão preocupadas em marcar diferenças de posicionamento devido às referidas vivências, já que muitos dos galistas aprenderam o manejo com os pais ou avós. Ao longo de toda a pesquisa, foi levado em consideração o fato de que o galismo é ligado com laços estreitos a um Brasil que, até pouco tempo atrás, era predominantemente rural, e tornou-se urbano há poucas décadas, gerando esse conflito. Nesse caso, salientei que lidar com essa divergência de valores, no princípio da pesquisa, foi muito difícil, pois tive que abandonar algumas noções pré-concebidas, formadas principalmente pela imprensa, já que, até então, eu pouco conhecia sobre o grupo.

A pesquisa nas batidas foi muito importante para conceber a identidade desse grupo, pois nelas foi possível conhecer o outro lado das rinhas de galos no qual se apresenta o lado familiar sendo o lugar e o momento em que há um repasse, para os mais jovens, de ensinamentos culturais, valores do grupo, e técnicas de manejo das aves.

Em princípio, o grupo pesquisado deixou bem claro que os galistas não se consideram agentes de maus tratos, mas pelo contrário, intitulam-se os responsáveis pela existência da espécie, e que o resultado dessa seleção genética, forçada por sacrifícios dos animais nas arenas, desenvolveu algumas espécies de importância fundamental para o banco genético da avicultura atual.



Os galistas, quando se intitulam preservadores da espécie, também o fazem pelo fato de difícil manejo dos galos. As aves têm que ser separadas e criadas individualmente devido ao seu instinto belicoso, ou seja, dois galos adultos, soltos no pátio, logo se tornarão um só, ou se não forem medicados, a probabilidade poderá ser de ficar nenhum. Um dos fatos curiosos que ocorreu durante a pesquisa foi o de galistas que, ao serem presos, ficaram como fieis depositários de seus galos. Consegue-se entender essa aparente contradição, se entendermos a lógica da criação, pois os criatórios ambientais não têm como criá-los individualmente. Vários relatos de galistas afirmam que, no passado recente a polícia havia sacrificado os galos apreendidos. Assim sendo, os galistas questionavam que sentido de preservação era esse que tirava os animais das rinhas para não sofrerem maus tratos e os sacrificavam. Acredito que a resposta está no manejo que requer espaço e cuidados que não existem em uma delegacia. Após as apreensões desses animais onde eles poderiam soltá-los? Sem local adequado, já que os criatórios ambientais não dispõem de locais para galos de rinhas, tampouco as delegacias, os galos apreendidos ficam com seus próprios donos.

Por outro lado, há nesta pesquisa, como vimos acima, sanções legais para os envolvidos. Por esse motivo, essa dissertação teve o cuidado de preservar, sob todos os aspectos, os pesquisados, deixando-os no anonimato, tendo como base o Código de Ética do antropólogo. As consequências de uma possível identificação poderiam ser graves para a vida profissional e social de alguns pesquisados.

Por tudo isso, para manter o anonimato do grupo, todas as imagens para ilustrar este trabalho foram tiradas da internet, e os relatos apresentados se deram sem identificação da cidade em que aconteciam.

Os galistas defendem-se das acusações que se vêem na mídia, distinguindo-se de bandidos, pois afirmam serem pais de família, trabalhadores e que a rinha de galos são próprias da cultura brasileira. Admito porém que, entre as dificuldades enfrentadas durante esse trabalho, uma delas foi a de desconstruir a idéia de que as rinhas de galos eram um lugar perigoso. Acredito que várias pessoas também têm essa visão fatalmente negativa das rinhas de galos, já que todas as reportagens divulgadas na mídia durante a pesquisa ou foram sobre fechamento de rinhas, retratando prisões ou sobre apreensões de galos. Participar de rinhas possibilitou modificar essa imagem de “lugar de bandido”, para um lugar cultural, de lazer e entretenimento da comunidade.

Nesta pesquisa foi analisada uma mudança estrutural radical que foi motivada principalmente por um evento -a prisão do publicitário Duda Mendonça, em 21 de outubro de 2004. A partir desse evento, começou uma intensa fiscalização dos locais em que havia as lutas de galos. O que até então era considerado lícito, habitual, já que havia diversos clubes ou associações galísticas na região que eram registradas em cartório passou a ser uma atividade clandestina com todos os ônus decorrentes de tal situação.

Aos olhos ambientalistas, os criadores são associados a um Brasil atrasado, tradicional e primitivo, em oposição ao novo, o futuro, e o moderno. Nos discursos dos pesquisados neste trabalho, a crítica aos galistas girava em torno de uma visão que os colocava em oposição ao progresso, em sinal de atraso cultural, como uma marca de ausência civilizatória para os participantes das rinhas de galos.

No segundo capítulo, foi feito um breve levantamento histórico sobre as rinhas de galos, demonstrando o quão antiga é sua manifestação, tendo como relato mais antigo o Código de Manu o qual contém regras de brigas de galos. Sua escrita é datada de 5000 A.C., na Índia. Foi também enfatizado o fato de as rinhas de galos, no Rio Grande do Sul, serem um evento que ocorria livremente, até mesmo fotos em jornais da época, mostravam as pessoas apostando e torcendo pelos galos ao redor da arena.

Observar os locais em que ocorreram os treinamentos foi, sem dúvida, fundamental para compreender a dinâmica dos grupos e as diferenças que existem entre os criadores. Por ser um jogo que absorve participantes de todas as classes sociais, os locais em que a pesquisa ocorreu eram diferenciados pelo requinte das instalações ou pelo investimento feito, tanto em galos quanto em rações, medicamentos, ou material para treinamento. Ficou claro também nessa parte de observação dos grupos durante os treinamentos que há uma identificação dos galistas com o que representa o galo. Afirmo que ficou claro devido ao que foi observado durante as batidas o acompanhamento, dia a dia, dos galistas durante o treinamento. Fui conhecendo o preparo do galo, o lugar onde era feita a preparação física, a alimentação, a tosa das penas ou o desbarbelar, as massagens, as medicações e principalmente a seleção dos galos que eram preparados para os combates.

É processo longo, que necessita de um conhecimento adquirido por trocas de experiências, principalmente por parentes e amigos e por observação. Durante a

pesquisa, os participantes ficavam durante várias horas por semana observando os galos em luta, em treinamento com buchas nas esporas e com biqueiras de couro para não se machucarem.

A combinação entre treinamento e dedicação, associado a um bom plantel genético é assim visto como fórmula para conseguir bons resultados nas rinhas. Porém têm que ser levado em consideração os anos de prática que alguns possuem, já que não se pode treinar demais os galos. Durante a pesquisa foi feita uma comparação entre galo e uma borracha: se o galo for treinado demais assim como a borracha, se for esticada demais, ficam cansados e não prestam mais. Com isso ficou entendido que os treinamentos são dosados em cada galo, ficando a encargo do treinador decidir quanto de exercícios ou de tempo de treinamento de lutas cada galo suporta sem que seja levado à exaustão. Isso foi chamado por alguns criadores de “olho clínico” que é adquirido, quando, após muita observação, o galista aprende a olhar para o galo e ver do que ele está precisando, se de exercícios, de ganhar ou perder peso, de medicamentos ou de descanso.

As rinhas são associadas atualmente à violência, e não estou me referindo à violência gerada pela luta entre os animais, mas sim à idealizada pela população referente ao público frequentador das rinhas. Isso se dá atualmente pela forma como a mídia aborda a questão, mostrando as rinhas, que estão acontecendo em locais escondidos e de difícil acesso, e a apreensão dos galos sob um ângulo jornalístico negativo e sensacionalista, permeando o imaginário das pessoas. No passado, segundo Leal (1989), aconteciam vendas de galos principalmente os provenientes do Rio Grande do Sul para galistas envolvidos com o narcotráfico boliviano, fato que também fortaleceu para formar essa imagem negativa a respeito dos galistas.

Falar em legitimidade nas rinhas de galos, em geral, é uma discussão que é levada aos extremos, os favoráveis e os contra às rinhas provavelmente não chegarão a um consenso. Mas procurei mostrar o que esteve em discussão no Brasil, no que se refere a legalização das rinhas de galos.

A abordagem do galo como um produto, parte da premissa de que os bens, em si, são nulos e só agregam valor dentro de um determinado contexto (Leitão e Machado, 2006, p.23). Dessa forma os galos de briga só agregam grandes valores dentro do contexto das rinhas. Fora do mundo dos galistas, seu valor é ínfimo. Quando dentro de seu meio, o galo é um bem desejável, mas além de um fenômeno econômico, já que seu consumo é uma questão social e cultural, passando por uma

lógica simbólica que, nem sempre, é de fácil compreensão, mas pode ser identificada por status, ou tentativas de aproximações entre determinados grupos, numa espécie de estreitamento de laços entre outros fatores possíveis.

Também foi analisado o jogo (aposta), em que há uma implicação moral de jogar, sendo uma questão que se relaciona a um valor aplicado em relação atribuída ao valor da palavra do homem, ao honrar o “fio do bigode”. Identifica-se à expressão popular, utilizada por um participante, que simboliza o compromisso empenhado durante a luta, formando um pacto entre dois homens. Ao final do embate deverá ser honrado o compromisso firmado.

Os galos que fazem parte desta pesquisa, que são destinados ao ringue, podem ser classificados não mais como animais domésticos e sim como animais de estimação. Isso se deve ao modo como são tratados pelos galistas. Essas aves são criadas em local privilegiado da casa, recebem um nome individualizado e, principalmente, não servem mais como alimento. Durante a pesquisa ficou claro em diversos depoimentos um discurso afetivo para os galos que se destacaram ao longo dos torneios, sendo lembrados por feitos heróicos, por sua bravura, o que implicou a seguinte análise: essa relação homem/galo apresenta laços mais profundos e complexos do que mero interesse prático.

Durante a pesquisa, sempre que se discutia a questão da legalidade das rinhas de galos, tanto pelo lado das galistas, quanto pelo lado dos ambientalistas, o tema morte entrava nesses discursos. Os galistas afirmando que dificilmente morrem os galos no combate, devido às esporas que são utilizadas pelos praticantes locais, ou pelo tratamento dispensados aos galos após as rinhas. Os ambientalistas, por sua vez, atacam, dizendo que é um ato covarde durante o qual os galos são condicionados a lutar até a morte, para satisfazer a ganância humana. Portanto a questão da morte dos animais sempre esteve presente nos discursos em torno das rinhas de galos. O confinamento para as aves de abate foi um discurso foi citado inúmeras vezes pelo grupo pesquisado, para justificar as rinhas de galos, geralmente em forma de pergunta: “você prefere ser um frango de granja, que vive 45 dias somente engordando, ou viver um ano e meio ser treinado e ter a oportunidade de lutar pela vida? Ainda pelo discurso do grupo, os galos de briga completam o ciclo da vida (nascer, crescer, reproduzir e morrer) e os galos bons na luta, segundo o grupo, vivem em torno de seis a oito anos.

No terceiro capítulo, foi trabalhado o galo como um símbolo polissêmico, primeiramente apresentando a forma em que ele é representado na cultura popular. No jogo do bicho, o galo é um operador simbólico, representando o décimo terceiro animal da lista e traduz não só a idéia de bravura e coragem, mas também a de fé, lealdade e liberdade. O galo é ainda associado com o mensageiro, o arauto, que com sua voz de comando, nos acorda para mais um dia de trabalho. Ele ainda convoca para a luta, a labuta e para a vida, sendo um símbolo de trabalho e oposto à cama e ao sono. Essa visão sobre o trabalho dentro de um universo de laços sociais estruturado hierarquicamente nas relações tem como fonte ordenadora o patrão, portanto o galo é representado pelo capataz, o gerente ou um braço direito. O galo também é associado pela potencialidade sexual, visto dessa forma como o membro masculino, ficando assim como uma figura metafórica do aparelho reprodutor masculino. Essa representação que o galo comporta faz que ele seja usado como um totem em diversas esferas sociais que vai desde um cumprimento entre amigos ou a representação de uma instituição como o Clube Atlético Mineiro.

Pelo fato de acompanhar esse grupo há um bom tempo, afirmo que as rinhadas de galos são um “jogo absorvente”, sendo prazeroso para os participantes ficarem por horas e horas observando e analisando os saltos, os ataques e as defesas de cada galo, desse espetáculo ao qual se referiram com único.

Alguns fatores fazem os jogos ficarem mais interessantes como galistas ou galos de renome que se enfrentam. Isso atrai mais público e valores mais altos nas apostas principalmente nas paralelas, mas principalmente, torna-se um ingrediente para que o jogo se torne mais interessante, aumentando a vibração a cada golpe efetuado pelos animais.

Quando foi citado que os jogos ficam mais intensos quando galistas ou galos de renome se enfrentam, fazendo a platéia vibrar, novamente nos remete ao fato de que os galos estão lutando em um plano simbólico em que há um enfrentamento entre os homens, que estão sendo representados por seus galos dentro das arenas. Essas emoções são intimamente ligadas ao desempenho do seu galo no ringue, podendo ser a alegria diretamente ligada a uma vitória, ou a um bom desempenho do galo, já que, mesmo que o galo não vença, por vezes, a sua demonstração de valentia, enfrentando a morte é considerado um feito heróico. De forma contrária, pode ser a vergonha causada ao galista, quando seu galo não corresponde dentro do tambor, fugindo da luta por exemplo.

Em um ambiente em que a atração é gerada pela violência travada nos combates entre os galos, a ordem disciplinar desse local freqüentado por pessoas de diferentes classes, credos, ideologias entre outras possíveis diferenças se encontra sem barreira separando-a, aliado ao fato de envolver apostas em dinheiro. Poderia fomentar a idéia de um lugar que está prestes a explodir em atos violentos, proporcionados pelo conjunto de elementos envolvidos nesse contexto, partindo do exemplo que vem de outros esportes em que a torcida é segregada para evitar o conflito, gerado pelas emoções que são afloradas durante as partidas. Essa ordem é mantida por valores morais fortemente estabelecidos pelo grupo em uma noção de honra, que é mantida pela palavra do homem. Por outro lado a mais alta honraria, pelo prestígio de ter conhecimento sobre rinhas e conduta ilibada perante os demais participantes, é ser juiz, que tem suas decisões inquestionadas pelos participantes das brigas de galos.

A identidade, como construção social, é parte de um contexto onde ocorrem interações múltiplas. Dessa forma, afirmo que a identidade dos participantes das rinhas de galos não se dá de forma homogênea, e sim de uma pluralidade de interações que formam essa figura que é o galista, sendo então esse o interesse da pesquisa, porque eles recorrem à identificação de galistas, por que e por quem e em qual momento se busca essa identidade em particular, e não saber quem são verdadeiramente os galistas.

O contexto, em que foi desenvolvida a pesquisa, no caso a região central do Rio Grande do Sul, conforme Leal (1992, p. 12) tem um sistema de valores relacionados com a vida, baseado principalmente pelo individualismo, a liberdade, a honra e a virilidade, sendo esses valores representados nas rinhas pelos galos que demonstram, nas lutas, uma idealização desse sistema.

O galo, como um emblema totêmico é visto com uma conotação positiva tanto nas rinhas, como na sociedade em geral, sendo um legítimo símbolo masculino ao passo que qualquer comparação, utilizando a figura da galinha, torna-se pejorativa. Essas comparações vão ao encontro do que relata Bourdieu (2002, p.22) no sentido da posituação nos atributos que fazem parte do ambiente masculino e um sentido pejorativo ou negativo ao que se atribui ao universo feminino; ou, como se refere Teixeira (1992, p.160), em que essa visão de masculino (positivo) e feminino (negativo) ocorre de modo duplo e direto: “pela exaltação de atributos morais,

concebidos como masculinos e pela estigmatização de outros concebidos como femininos, demonstrados pelos galos em combate”.

Ficou evidente, durante a pesquisa, o fato de os galistas jogarem com essa identidade, por motivos óbvios, já que a exposição dessa condição para pessoas desconhecidas pode significar retaliações penais ou mesmo de julgamento moral feito pelas pessoas ligadas ao movimento ambientalista. Por esses motivos, a condição de galista é afirmada quando convém, dentro do grupo ou de pessoas de sua confiança. Fica evidente quando, através de pseudônimos na internet, há essa afirmação abertamente, reivindicando a liberação das rinhas e falando abertamente nessa condição identitária.

Recentemente fui convidado por alguns integrantes do grupo ligados ao Sr. “B” para encontrá-los em um evento diferente, que acontecia durante o intervalo das corridas de cavalos. As carreiras às quais fui convidado a assistir eram de cachorros. Consistiam em aproximadamente 200 metros de pista onde os cães corriam atrás de uma isca e o cão que passasse em primeiro lugar na linha de chegada seria o vencedor. Corriam em geral dois cães, porém saiu apenas uma corrida com três de uma vez nessa tarde. Mas o que me levou a contar esse fato são as situações que surgiram nesse novo evento. Primeiramente foi observado que grande parte do público era composto por galistas, que estavam se divertindo e apostando nos cães. Muitos deles também levavam cães para correr.

Meu questionamento recaiu sobre a possibilidade da quebra na estrutura que esse grupo sofreu com o evento transformador (prisão do Duda Mendonça), ou seja, devido à grande fiscalização que recaiu sobre o grupo está ocorrendo a busca de novas alternativas para recreação, não que os galistas estejam trocando as rinhas de galos pelas corridas de cães, e sim agregando mais uma forma de entretenimento, pela pouca incidência das brigas de galos, devido à impossibilidade ou às dificuldades de ocorrerem as rinhas de galos. Tendo em vista aos prazos fixados para finalizar essa pesquisa, não foi possível dar sequência e aprofundar essa questão.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMESTO, Felipe Fernandez. **Animal Não é Inviolável**. **Revista Veja**. São Paulo, n 1881, p.114-123, 2004.

BADINTER, Elisabeth. **XY: Sobre a identidade Masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. **A Natureza do Pantaneiro: relações sociais e representação de mundo no “Pantanal da Nhecolândia”**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.

BARBOSA, Lívia. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004.

BATTAGLIA, Laura. **A Estrutura do Psiquismo**. **Revista Memória da Psicanálise**. n 04, p.14-21, 2005.

BORIS, Georges Daniel J.B. **Os Rituais da Construção da Subjetividade Masculina: Ser Macho ou Ser Homem?** (Retirado da Internet: [www.rizoma.ufsc.br/](http://www.rizoma.ufsc.br/)) Acesso em 10 de setembro de 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** promulgada em 5 de outubro 1988. 25. ed. São Paulo. Saraiva, 2000

BRASIL. **Código Penal Brasileiro**. Decreto-Lei nº 2848 de 07 de dezembro de 1940. (Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>) .

BRASIL. Lei nº. 9.605/98. **Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e da outras providencias**. Promulgada em 12 de fevereiro de 1998. Brasília, 12 de fevereiro de 1998

BRAUN, Jaime Caetano. **De Fogão em Fogão**. Porto Alegre: Sulina, 1979.

BRAZ, Marlene. **A Construção da Subjetividade Masculina e Seu Impacto Sobre a Saúde do Homem: Reflexão Bioética Sobre Justiça Distributiva.** (Retirado da Internet: [www.scielo.br/](http://www.scielo.br/)). Acesso em 11 de agosto de 2005.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever.** *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 1996.

CUCHE, Denys. **A Noção de cultura nas Ciências Sociais.** Bauru, SP. Ed. Edusc, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Emile e MAUSS, Marcel. **“Algumas Formas Primitivas de Classificações”.** In: **Ensaio de Sociologia.** São Paulo, Ed. Perspectiva, 1999.

ECKERT, Cornélia e ROCHA, Ana Luiza carvalho. **Etnografia : Saberes e Práticas.** (retirado da Internet <http://seer.ufrgs.br/iluminuras>) Acesso em maio de 2009.

ELIAS, Francisco. **Galos de Brigas e Brigas de Galos.** Rio de Janeiro, S/ ed., 1978.

ELIAS, Norbert. Ensaio Sobre Desporto e a Violência. In: Elias, Norbert e DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação.* Lisboa, Difel, 1992.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

GOFFMAN, Erving. **Estigma- Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1988.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARRIS, Marvin. **Vacas, Porcos, Guerras e Bruxas: Os Enigmas da Cultura.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1978

HEILBORN, Maria Luiza. **Construção de Si, gênero e sexualidade.** *In.:* HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade: O Olhar das Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1999.

JARDIM, Denise Fagundes. **Espaço Social e Auto-Segregação entre Homens: Gostos, Sonoridades e Masculinidades.** *In.:* LEAL, Ondina Fachel (Org.) **Cultura e Identidade Masculina.** Cadernos de Antropologia. Nº 7. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

LEAL, Ondina Fachel. **Suicídio, Honra e Masculinidade na Cultura Gaúcha.** *In.:* LEAL, Ondina Fachel (Org.) **Antropologia do Corpo e da Saúde.** Cadernos de Antropologia. Nº 6. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

LEAL, Ondina Fachel. **Gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas.** Dissertação de doutorado, 1989.

LE BRETON, David. **As Paixões Ordinárias: Antropologia das emoções.** Petrópolis, RJ, Ed: Vozes, 2009.

LEITÃO, Débora Krischke. MACHADO, Rosana Pinheiro. **O Luxo do Povo e o Povo do Luxo: Consumo e valor em diferentes esferas sociais no Brasil.** (org.) Débora Krishke leitão, Diana Nogueira de Oliveira Lima e Rosana Pinheiro Machado. *In.:* **Antropologia e Consumo: diálogos entre Brasil e Argentina.** Ed. AGE, Porto Alegre, 2006.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Totemismo hoje.** Ed. Vozes, Petrópolis, 1975.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Sul.** 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MATTA, Roberto da e SOÁREZ, Elena. **Águias, Burros e Borboletas: Um Estudo Antropológico do Jogo do Bicho.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MAUSS, Marcel. **Técnicas Corporais.** *In.:* Sociologia e Antropologia. V. 2. São Paulo: EPU, 1974.

MAUSS, Marcel. **Ensaio Sobre a Dádiva. Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas.** *In.:* *Sociologia e Antropologia.* Ed. São Paulo: EDUSP, 1974 B.

MENDONÇA, Duda. Casos e Coisas. 2001 (Retirado da Internet: <http://solpoliticos.wordpress.com>)

NOLASCO, Sócrates Álvares. **A violência tem sexo**. (Retirado da Internet: [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) Acesso em 10 de outubro de 2005.

OLIVEIRA, Luis Roberto Cardoso de. "**Honra, dignidade e reciprocidade**", in:Série Antropologia, Brasília, 2004. (Retirado da internet: [www.scielo.br/scielo](http://www.scielo.br/scielo))

OLIVEIRA, Samanta Brasil Calmon de. **Sobre Homens e Cães: Um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção**. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEN, Ruben George. **A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil - nação**. Petrópolis, RJ, Ed.Vozes, 2006.

OLIVEN, Ruben George. **Prefácio Consumo Logo existo**. (org.) Débora Krishke leitão, Diana Nogueira de Oliveira Lima e Rosana Pinheiro Machado. In: **Antropologia e Consumo:diálogos entre Brasil e Argentina**. Ed. AGE, Porto Alegre, 2006.

PEIRANO, Marisa. **Rituais: Ontem e Hoje**.ed. Jorge Zahar, 2003.

PEIRANO, Marisa. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O pesquisador, O problema de pesquisa, A escolha de técnicas: Algumas Reflexões**. In.: **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1992.

ROHDEN, Fabíola. **Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?**.In: Campos - Revista de Antropologia Social, Curitiba, v. 7, p. 101-120, 2007. (Retirado da internet: [www.journaldatabase.org](http://www.journaldatabase.org))

SAHLINS, Marshall David. **A preferência de Comida e o Tabu nos Animais Domésticos Americanos**. In : **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1985.

SINGER, Peter. **Libertação Animal: Porque Sou Vegetariano**. Revista Veja. n 1881, p.114-123, 2004.

TEIXEIRA, Carla Costa. **O Preço da Honra**. In: Série Antropologia. Brasília, 1999. (Retirado da internet: <http://printfu.org/honra>)

TEIXEIRA, Sérgio Alves. **As Brigas de Galos e os Atributos Morais da Masculinidade**. In.: **Ensaio de Antropologia Social**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1992 A.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. **A Semântica Simbólica dos Nomes de Galos de Briga, Bois, Prostitutas, Prostitutos e Travestis**. In: Cadernos de Antropologia Nº: 8. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1992 B.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. **O Simbolismo Essencial das Brigas de Galos**. In: **Horizontes Antropológicos nº6**. Porto Alegre: editora UFRGS, 1997.

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de Atitudes em Relação às Plantas e Animais, 1500 – 1800**, São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2001

TURNER, Victor. **O processo ritual: Estrutura e Antiestrutura**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974

ULRICH, Maria Alayde. **Caudilhismo e Coronelismo no Rio Grande Do Sul**. In: **RS: Aspectos da Cultura**. Porto Alegre: Ed. Martins, 1994.

VICTORA, Ceres. **As Relações de gênero na Vila Divina Providência, ou o que Elas Esperam Deles**. In.: LEAL, Ondina Fachel (Org.) **Cultura e Identidade Masculina**. Cadernos de Antropologia. Nº 7. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

VICTORA, Ceres. **Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil**. 2004. (Retirado da internet: [www.abant.org.br/](http://www.abant.org.br/))

WACQUANT, Louïc J. D. **Corpo e Alma: Notas Etnográficas de Um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WELZER-LANG, Daniel. **A Construção do Masculino: a dominação das mulheres e a homofobia**. *In.: Revista de Estudos Feministas*. V. 9. n 2. Florianópolis, 2001. (Retirado da internet: [www.capes.gov.br/](http://www.capes.gov.br/)) Acesso em 08 de outubro de 2004.

## GLOSSÁRIO DE TERMOS ÊMICOS

**Armas** também chamada de **puas** ou **esporas** são postas nas patas dos galos para igualar os dois combatentes em seu potencial ofensivo. Em formas de agulhas, cônicas ou lâminas, para que nenhum deles tenha vantagem sobre o outro, assim ambos terão os mesmos direitos na luta. Os galos possuem uma espora natural que é retirada, ficando somente uma pequena parte onde é fixada outra artificial, em dimensões iguais a do opositor. Existem vários tipos de esporas: a mais usada aqui é a conhecida como arma gaúcha, que é cônica, e possui pouca letalidade.

**Atar**, para o grupo, tem o sentido de combinar, quando se deixa atada rinha é que já foi estabelecido o local, a data e o valor da parada em que foi lançado e aceito o desafio.

**Barbelas** são saliências carnosas que se situam na cabeça dos galos, geralmente nas laterais.

**Batida** ou **escorvas** luta de treinamento, em que o criador ou seu grupo aprecia a capacidade e o desempenho de luta de cada ave.

**Batoque** - a espora do galo, quando ainda não desenvolvida - designa também uma proteção utilizada nas batidas, feita de esponja ou de couro, sendo a última similar a luvas de boxe, que se usa para proteger os galos durante o treinamento.

**Biqueira** há dois tipos: nesse caso é a proteção feita de couro e colocada no bicos dos galos durante a batida, para que os mesmos sejam avaliados sobre a suas condições de lutas sem ferir os combatentes. Há também outro tipo que é utilizada durante as rinhas a qual é feita de aço e permite que o galo aplique golpes no seu adversário protegendo o bico para não quebrar durante luta.

**Botada** - cotejamento que os animais fazem, como que se estudando, na rinha.

**Bucha** ou **batoque** é uma proteção utilizada nas batidas feito da esponja ou de couro sendo a última similar a luvas de boxe, que se usa para proteger os galos durante o treinamento.

**Carear** ou **careio** para o grupo foi usado no sentido de confrontar, ficar cara a cara com o oponente.

**Cocheira** ou **coudelaria** é o local onde são criados e treinados os galos, geralmente ligados ao nome de um grande criador levando também o nome de representação de determinada seleção genética

**Coudelaria** ou **cocheira** é o local onde são criados e treinados os galos, geralmente ligados ao nome de um grande criador levando também o nome de representação de determinada seleção genética.

**Crista** é uma saliência carnosa que se situa no topo da cabeça dos galos

**Desbarbelar** é o ato de cortar as cristas e outros possíveis pontos de apoio na cabeça, que podem atrapalhar durante a luta

**Domingueiras** rinhas de menor expressão que os torneios. Acontecem aos domingos e geralmente não são levados os melhores galos, pois como são apostas pequenas, eles levam geralmente galos mutucas.

**Escorvas** ou **batida** é a luta de treinamento, em que o criador ou seu grupo aprecia a capacidade e o desempenho de luta de cada ave.

**Esporas** também chamada de **puas** ou **armas** são postas nas patas dos galos para igualar os dois combatentes em seu potencial ofensivo. Em formas de agulhas, cônicas ou lâminas, para que nenhum deles tenha vantagem sobre o outro, assim ambos terão os mesmos direitos na luta. Os galos possuem uma espora natural que é retirada, ficando somente uma pequena parte onde é fixada outra artificial, em dimensões iguais a do opositor. Existem vários tipos de esporas a mais usada aqui é a conhecida como arma gaúcha, que é cônica, e possui pouca letalidade.

**Floreio** foi interpretado como sendo um teste sem ônus financeiro para avaliar qual seria o melhor criador, descartando a idéia de maltratar os animais, ficando muito mais próximo de um treinamento do que uma rinha.

**Galista** - termo que designa o criador e preparador de galos de briga; também define a pessoa que, durante as rinhas, fica a guiar um dos animais.

**Galpão** nesse trabalho refere-se para construções adjacentes a casa, as quais são utilizadas como depósito ou abrigo para os animais

**Mutuca**, termo pejorativo para designar os galos ordinários, usados nas rinhas.

**Mutuqueiro** - define os neófitos em rinhas.

**Papilheiro** define o galo que ataca sobretudo na *papilha* (a pele vermelha, pendente da parte de baixo da cabeça da ave, do queixo, do bico) do adversário.

**Parada** é para os galistas a quantia em dinheiro que foi contratada na rinha de galo. Segundo os informantes o termo também é utilizado para as carreiras de cavalo.

**Parelha** é quando os galistas combinam a luta entre os seus galos. Nesse momento é formada a parelha, se for para rinha os galos, são pesados para que tenham condições de igualdade de peso.



**Passeador**- é uma gaiola geralmente de ferro de construção e tela e é utilizada pelos criadores de galos de rinha para que os galos possam ser soltos no pátio, vários de uma só vez, sem terem contato uns com os outros para ciscarem no gramado, tomarem sol e se exercitarem.

**Pua** é o termo usado em parte do sul do Brasil, para definir a espora artificial, que é colocada nas patas dos galos para igualar os dois combatentes, para que nenhum deles tenha vantagem sobre o outro, assim ambos terão os mesmo direitos na luta.

**Massagem** é o produto que os criadores utilizam para aquecer a musculatura e engrossar a pele dos galos e é geralmente composto de álcool ou cachaça, misturado com outros produtos e ervas.

**Rebolo** ou **Tambor** é como são designadas as arenas nas quais são desenvolvidas as lutas ou treinamentos. São diferenciados no tamanho, sendo o rebolo, a arena secundária a qual geralmente é menor.

**Rinha** é a palavra do espanhol falado "*riña*", é o termo que designa, no Brasil, a luta de galos, atividade considerada ilícita, que envolve apostas.

**Tambor** ou **rebolo** é como são designadas as arenas nas quais são desenvolvidas as lutas ou treinamentos. São diferenciados no tamanho, sendo o tambor a arena principal a qual geralmente é maior.

**Torneio** é como os galistas designam os eventos nos quais acontecem as rinhas, geralmente aos finais de semana.

**Tucado** ou **tuque** são os termos usados quando um galo fica nocauteado



## **ANEXOS**



## ANEXO A – Associação de Criadores de Galos com Mais de 60 Anos de Tradição

ZERO HORA > SEGUNDA | 12 | SETEMBRO | 2005 Geral > | 25



Além dos galos, a operação apreendeu três cardeais, dois cronômetros, quatro coletes para as aves e oito esporas

**Animais** Clube de 60 anos reunia jogadores de toda a Fronteira Oeste

### Polícia fecha rinha em Uruguaiiana

Uruguaiiana/Correspondente  
**FRANCISCO ANORIM\***

Apesar do sugestivo nome de Clube Avícola Recreativo Uruguaiense, foi por meio de uma denúncia que a Patrulha Ambiental da Brigada Militar chegou ao galpão onde 47 pessoas participavam de rinhas de galo, às 17h30min de sábado.

Segundo seus associados, a entidade existe há 60 anos no bairro Santo Inácio. O grupo é formado por galistas de Uruguaiiana, Rosário do Sul, Itaqui, Alegrete e Santo Ângelo. Autuados por maus-tratos aos animais, os galistas permanecem em liberdade como fiéis depositários das aves até o julgamento do caso. Vinte policiais participaram da operação, que resultou ainda na apreensão de três cardeais, dois cronômetros, quatro coletes para as aves, oito esporas e uma balança.

Um dos associados e proprietário da copa do clube, Anderson Knierin, defende a rinha de galo como esporte. Na sua opinião, a entidade tem estatuto e as regras protegem os animais.

Knierin explica que, além da utilização de esporas plásticas que reduzem a capacidade de ataque dos animais, os juizes podem determinar o fim da rinha antes do término dos três rounds de 15 minutos. Ele teme que, com o fim das rinhas, a raça galo fino brasileiro deixe de existir.

Em outro município, Salvador do Sul, 15 pessoas foram detidas em uma rinha de galo na Linha Bonita, no sábado à tarde. Segundo a Polícia Civil, oito galos foram apreendidos e entregues a um fiel depositário. Os envolvidos estão foram listados em um termo circunstanciado e depois liberados.

Francisco Anorim/Zero Hora  
\*Colaboração Diógenes Mair

## ANEXO B – Publicação do Túnel do Tempo do Jornal Zero Hora do dia 05/08/2005.

*Túnel do Tempo*



Rinhadeiro porto-alegrense em 1961, antes que as brigas de galo fossem proibidas

### As rinhas de galos

A rinha de galos era, até ser considerada ilegal em 1961, uma das mais difundidas atividades de entretenimento (e de apostas) da história do Brasil, como o são ainda hoje as touradas na Espanha e em alguns outros países. Os galos eram criados e treinados para as rinhas. A operação se dava da seguinte maneira, segundo entendidos: "equipados com afiadas lâminas de metal, na altura das esporas, os galos se vêem forçados a lutar até a morte, ou quase, para satisfazer aos apostadores. O galo que correr da briga, que tal por nocaute, ou quebra a pata ou a asa, perde. Já está mais do que provado que os galos de briga só brigam na natureza para defender o seu território e que, nas rinhas, apenas reagem de acordo com o que aprenderam.



Os galos que sobrevivem às rinhas, muitas vezes, perdem as cristas, ficam cegos, e com vários cortes e hematomas graves. A recuperação desses animais é muito difícil. Eles apresentam seqüelas (começam bicar a si mesmos, os outros galos, pedras e tudo que vêm pela frente) depois de soltos por até um ano e meio. Nesse período, muitos morrem. Eles caem de lado e começam a convulsionar.

Frango japonês de raça especial para rinha

As rinhas de galo chegaram ao Brasil com os descobridores, no século 16. Mas a história registra que há 5 mil anos a prática existia entre os habitantes do entorno do Mediterrâneo.

*Fonte: Santuário Ecológico Rancho dos Gnomo*

**ANEXO C – Notícia sobre o cerco a vida noturna em que foi fechada uma suposta rinha de galos.**

# Cerco aos crimes da vida noturna

FOTOS LAURO ALVES

**GARANTA JÁ SUA SEGURANÇA**

**Kit Cerca Elétrica**  
7X  
R\$ **65,00**  
Pequenos comércios e residências

**SECURISYSTEM**  
EXCELENCIA EM SEGURANÇA

securisystem.com.br - Fone (55) 3212.4444

**Cerca de 30 policiais federais e 50 militares percorreram a Avenida Rio Branco ontem**

Especial  
**NELI MOMBELLI**

Uma operação conjunta entre a Brigada Militar (BM) e a Polícia Federal (PF) levou 80 policiais para a Avenida Rio Branco, na noite de ontem. A operação, batizada de Retomada, visa averiguar estabelecimentos noturnos para coibir a corrupção de menores, tráfico de drogas, porte ilegal de armas, jogos de azar, entre outras contravenções.

De acordo com o delegado da PF Getúlio Jorge de Vargas, cerca de 10 locais foram revistados ontem. Os policiais se dividem em grupos e, assim, as batidas são feitas em mais de um lugar ao mesmo tempo. De acordo com o delegado, a operação já vem sendo realizada há algum tempo e foi intensificada neste ano.

– É uma forma que a gente tem para dar mais segurança – salienta.

Segundo a PF, entre as apreensões realizadas ontem, estão DVDs piratas, instrumentos de arrombamento, um revólver calibre 22 e mais de 20 galos de rinha, que foram recolhidos pela Patrulha Ambiental da BM.

O dono do bar Galo de Ouro, onde os animais foram encontrados, Dirceu dos Santos, disse que cria os galos para vender. No local, havia um cercado que, segundo a polícia, seria usado como arena. Santos nega e diz que, no cercado, expõe os animais para que os clientes escolham os mais saudáveis. No estabelecimento, também havia um quarto que seria usado para programas sexuais.

A Operação Retomada deve ocorrer a cada 15 dias e se estender para os bairros.



## RINHA

Cercado improvisado, numa peça, serviria como arena para briga de galos

## MAIS

### Operações

Apenas em 2011, a Polícia Federal deflagrou nove grandes operações, em todo o país. Mais de 60 pessoas foram presas



## GALOS E PROSTITUIÇÃO

Animais eram criados em bar (acima). Quarto serviria (abaixo) para a realização de programas sexuais

